

JORGE ADRIHAN N. MORAES
LUCIENE SUZART SANTOS
MARIA JOSÉ S. TRINDADE
(ORGANIZADORES)

EXPERIVIVÊNCIAS DOCENTES: ALINHANDO TEORIA E PRÁTICA



**EXPERIVIVÊNCIAS DOCENTES:
ALINHANDO TEORIA E PRÁTICA**

Rio de Janeiro

2024

Os autores da presente obra são responsáveis pela escolha e apresentação dos fatos, dados e discussões contidas neste livro, bem como pelas opiniões nele expressas, que não são necessariamente as do IDEHP – Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional, nem comprometem a organização. As indicações de nomes e a apresentação do material ao longo deste livro não implicam a manifestação de qualquer opinião por parte do IDEHP a respeito da condição jurídica de qualquer país, território, cidade, região ou de suas autoridades, tampouco da delimitação de suas fronteiras ou limites.

2024 - Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional (IDEHP).

Conselho Científico do Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional:

Ana Estela Brandão Duarte (PMG/PE)
Claudineide Ana de Lima (SEE/PE)
Eliane Alves de Souza (UFRJ)
Jorge Adrihan do Nascimento de Moraes (IDEHP)
Karen Santos D'Oliveira (PMM/RJ)
Lybia Santos de Oliveira (UERJ)
Luciene Suzarte Santos (PMC/SP)
Maria José Silva Almeida Trindade (PMC/SP)
Monique Siqueira de Andrade (FEUC)
Patricia Vesz (UNIASSELVI / SMECDLT)
Thamyres Gonçalves Gomes (SME/RJ)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Experivivências docentes [livro eletrônico] :
alinhando teoria e prática / organização Jorge
Adrihan N. Moraes, Luciene Suzart Santos,
Maria José S. Trindade. -- Rio de Janeiro :
IDEHP, 2024.
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-999597-5-2

1. Ambiente escolar 2. Aprendizagem
3. Ensino a distância 4. Prática pedagógica
5. Professores - Formação profissional I. Moraes,
Jorge Adrihan N. II. Santos, Luciene Suzart.
III. Trindade, Maria José S.

24-190650

CDD-371.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Prática pedagógica : Educação 371.3

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	8
A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DURANTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO.....	20
ALFABETIZANDO POR MEIO DA LEITURA.....	29
GESTÃO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DOCENTE CENTRADO EM VALORES ÉTICOS, VISANDO A VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	42
O AVANÇO DAS TECNOLOGIAS E A CULTURA DO ATRASO NO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO.....	57
A CONTRIBUIÇÃO DA BRINCADEIRA NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM.....	67
TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE.....	83
RECURSOS TECNOLÓGICOS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS QUE APRESENTAM AUTISMO: O USO DO SOFTWARE LUZ DO SABER INFANTIL.....	92
A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS.....	103
OS BENEFÍCIOS DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA EAD.....	111
A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIA PARA ALFABETIZAR.....	118
O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM POTENTE NA ALFABETIZAÇÃO.....	133
GALERIA DOS AUTORES E ORGANIZADORES.....	142

APRESENTAÇÃO

A obra **“Experivivências Docentes: alinhando teoria e prática”** nasce do desejo de educadores de compartilhar e expandir teorias educacionais em consonância com as diversas práticas pedagógicas promovidas em sala de aula. Assim como o grande educador Paulo Freire salienta, não existe prática sem teoria, assim como teoria que não seja praticável.

Nesse sentido, diante da atual conjuntura educacional brasileira, com a desvalorização docente e discursos que inferiorizam o trabalho de ser professor, esse livro demonstra as técnicas e fazeres que motivam a profissão docente. Ser professor (a) nesse país é um ato de resistência e de luta, luta essa que se faz pesquisando, teorizando, e colocando em prática na sala de aula enriquecedoras didáticas que tem o potencial de transformar o futuro dos educandos.

Desse modo, é válido apontar que as práticas pedagógicas, superam as práticas didáticas, envolvidas pelos contextos da formação, dos espaços e tempo escolares, da estruturação do trabalho, das parcerias e expectativas do professor. Além das técnicas didáticas utilizadas na prática docente, estão envolvidos os processos de formação que trazem complexidade gigantesca para a ação de ensinar.

Portanto, as práticas pedagógicas oportunizam as vivências, existências, interações, impactos e transformações, por isso, a necessidade de evidenciar que um professor só transforma sua prática docente em prática pedagógica quando reflete sua prática, pesquisa e tem consciência das suas intencionalidades, e isso é

possível com a modificação e revisão contínua da teoria e da prática. Reiteramos o que afirma Paulo Freire, na obra *“Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa”*:

“A teoria sem a prática vira "verbalismo", assim como a prática sem teoria vira ativismo. No entanto, quando se une a prática com a teoria tem-se a práxis, a ação criadora e modificadora da realidade”.

*Prof. Dr. Jorge Adrihan N. Moraes
Profa. Ma. Luciene Suzarte Santos
Profa. Ma. Maria José S. Trindade
(Organizadores)*

A IMPORTÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Natania Souza Pereira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Com a publicação da Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, ficou estabelecida a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de Educação Básica. De acordo com a LDB 9.394/96 Art. 21, inciso I, a Educação Básica compreende a Educação Infantil, séries/anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. A música é uma linguagem composta por um sistema de signos, organizada por signos sonoros, no silêncio e no contínuo espaço tempo.

De acordo com Jeandot (1990) “A música é uma linguagem universal, com muitos dialetos que variam de cultura para cultura, envolvendo a maneira de todos, cantar, organizar os sons e definir as notas básicas e seus instrumentos.”

Para Koellreutter (2001), na música se faz presente um jogo dinâmico de relações que simbolizam em microestruturas sonoras, a microestrutura do universo. Ele considera que a linguagem musical pode ser um meio de ampliação da percepção e da consciência, porque permite vivenciar e conscientizar os fenômenos e conceitos diversos.

Por meio da música expressamos diversos sentimentos, ela nos faz sonhar, imaginar, sentir-se alegre, sentir-se triste (ou com saudades de alguém ou algum momento especial), nos faz dançar e cantar, e como diz o ditado popular “quem canta seus males espanta”. Além disso, a música ainda contribui para a formação integral da criança, desenvolvendo seu sistema motor, intelectual e afetivo. É uma forma de expressão artística presente tanto no campo popular como no erudito e se faz presente em diversas classes sociais, religião e faixa etária.

Na concepção de Jeandot (1997):

Ao nascer a criança entra em contato com o universo sonoro que a cerca, sons produzidos pelos seres vivos e pelos objetos. Sua relação com a

música é medial, seja através do acalanto da sua mãe ou do canto de outras pessoas, seja através dos barulhos sonoros de sua casa”. A relação com a música já se inicia no ventre materno e segue no decorrer de sua de sua existência.

(JEANDOT, 1997, p. 18)

Antes mesmo de começar a falar já percebemos o beber a cantarolar, gorjear, expressando os sons que podem ser produzidos pela sua boca. Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e criança começa espontaneamente de forma intuitiva, por meio e/ou com todas variedades de sons do seu cotidiano, incluindo a presença da música.

Entender a importância da música e seus benefícios na educação infantil, pode ser facilitador no processo de ensino e aprendizagem e desenvolvimento da criança e a necessidade de ter sua aplicação de forma construtiva e prazerosa, favorecendo seu aspecto cognitivo e desenvolvimento educacional.

Assim sendo, a realização desta pesquisa teve como objetivo contribuir para a reflexão das contribuições da música no desenvolvimento das crianças de educação infantil bem como analisar e discutir a efetivação da presença da música na escola infantil como atividade pedagógica.

A música é fator muito importante na vida do ser humano, é um elemento muito presente também na cultura da humanidade. Sendo ela imprescindível na formação da criança para que ela, ao tornar-se adulta, consiga atingir por conta própria a capacidade de pensar por si só, e consiga exercer sua criatividade de maneira crítica e livre, além disso a música e a dança são fundamentais na construção do corpo, da alma e do caráter das crianças e também dos adolescentes.

A música é arte que se faz presente em diversos momentos da vida exercendo importante papel na formação do ser humano desde a infância, tendo em vista que ainda em fase intrauterina a criança já está interagindo com a linguagem musical (SILVA, 2010; GARCIA, 2012)

E ela não só é tão importante por cativar as crianças, mas, os adolescentes e adultos. Nesse sentido, a justificativa deste artigo se debruça na preocupação em demonstrar a relevância da música na educação infantil e na formação da criança. E isso vale para, não só as atividades escolares, mas como toda atividade que for proposta para os bebês, crianças e adolescentes. Além de

contribuir para que diversos conhecimentos musicais sejam facilmente aprendidos, a música faz com que os indivíduos desenvolvam suas criatividade, suas subjetividades e exerça sua liberdade, tornando-os, no futuro, um ser autônomo e capaz de exercer com responsabilidade seu papel de ser um bom cidadão com livre expressão.

CONCEITO DE MÚSICA E SUA ORIGEM

Quando falamos de música podemos perceber que no decorrer do tempo ela sofreu grandes variações tornando-se mais ampla, porém não deixou seu conceito de que é capaz de fazer música tanto com som quanto com ruídos. A música sempre existiu na natureza, trovões, cocheiras, cantos dos pássaros etc.

A origem da música se perde entre os tempos da história dos homens, pois através de uma análise de documentos, pinturas e objetos ancestrais, mostra que muito antes das culturas orientais, já possuíam uma arte musical relativamente desenvolvida, praticada em solenidades guerreiras, religiosas ou festivas, onde eram utilizados coros e certas variedades de instrumentos. De acordo com Santos (2008), a música é elemento antigo.

A palavra música vem do grego antigo, mousikês. O termo é uma referência às musas, as nove filhas do deus supremo Zeus que eram responsáveis pelas artes. Portanto, é importante percebermos que a origem da palavra música vem da mitologia grega e está relacionada à criação artística. (SANTOS, 2008, p. 12).

Dessa maneira, nos primórdios da história da humanidade, já era utilizada música, sem saber da sua real importância nas nossas vidas, eles já utilizavam da musicalização para seus rituais, pinturas, nas festas, datas comemorativas e até mesmo religião. A música é a parte essencial de todas as culturas. A palavra “cultura” vem do latim “cultivar”, que significa o conjunto de modos de vida, costumes, conhecimentos, revelando as características artísticas, científica e tecnológica de uma sociedade.

A música por ser uma linguagem universal da cultura, e desde o princípio da humanidade uma expressão cultural característica de qualquer época ou civilização. A existência da música é apontada desde a pré-história, pois além de danças eles utilizavam instrumentos musicais. Naquela época mais ou

menos uns 2.500 anos A.C, tais como: harpas, tambores, flautas, chocalhos entre outros.

Salmos 33: 1- Regozijai-vos no senhor, vós, justos, pois aos restos convém o louvor. 2- Louvai ao senhor com harpa, cantai a ele com saltério e dez cordas. 3- Cantai-lhe um cântico novo: tocai bem e com jubilo”. (BÍBLIA SAGRADA, 2009, p. 530)

Na Antiguidade, até 400 D.C., a música assumiu um papel central nas atividades diárias das grandes civilizações do Egito, Grécia e Roma. Com a queda do Império Romano, a igreja teve um papel fundamental para o desenvolvimento e evolução da música, pois os monges continuam a desenvolver a escrita e a teoria musical na Idade Média. Como exemplo, o monge e papa São Gregório Magno que reuniu alguns cânticos já existentes e outros de sua própria autoria numa coletânea que intitulou de antifonário, e a esta forma de cantar deu-se o nome do famoso Canto Gregoriano, que tinha uma melodia simples que seguia o ritmo das palavras e era usado como forma de oração.

É muito difícil definir o que seja música, inúmeros estudiosos e investigadores tem investigado o real significado da arte musical, nem sempre chegando a conclusões.

Na ótica de (Marius, Schneider, 2019, p. 846), a música, nunca expressa uma ideia intelectual definida, nem um sentimento determinado, mas apenas aspectos psicológicos absolutamente gerais, abstratos.”

Durante anos, as pessoas foram condicionadas a acreditar que a música é uma combinação de notas de uma escala, por isso a dificuldade em concebê-las em termos diferentes. Ruídos, estalos de dedos, golpes de palmas das mãos, umas vestimentas ou até mesmo gestos do nosso cotidiano, são elementos considerados como legítimos participantes do universo musical.

Discorrendo sobre as origens históricas da música, Bréscia (2003, p. 29), “[...] as primeiras manifestações musicais estão relacionadas a consagrações ritualísticas como o nascimento, casamento, mudanças de estações do ano e em outros rituais valorizados pelas sociedades. A música é resultado de longas e incontáveis vivencias individuais com a música e de civilizações musicais diversas.

A palavra cantada amplia a vigor da linguagem falada. Certa vez, Stockhausen se manifestou sobre a música, dizendo ser ela: “determinada pelos músculos: os da laringe para o canto, os dos dedos para os instrumentos, os da respiração para os instrumentos de sopro, tudo é determinado pelo corpo do homem e é por isso que nunca se tocou segundo ritmos mais rápidos ou mais lentos que os naturais do corpo humano”. (JEANDOT, 2001 p. 15)

É preciso sinalizar que o contexto da história da música que tem documentação limitada, confusa e incerta -, para o propósito de entender sua participação na educação tem muito mais a ver com os reflexos da música na sociedade do que com a linha cronológica dos fatos.

É interessante perceber que ao longo do desenvolvimento humano, quanto mais se entendia sobre a música, mais se buscava expressar e comunicar emoções profundas. Este também é um objetivo da música na educação infantil, possibilitar que a criança consiga expressar e extravasar o não verbalizável, emoções e sentimentos que ela não sabe explicar, em ambos os casos, a criança está aprendendo a lidar com o seu emocional através da música.

Compreende-se a música como linguagem e forma de conhecimento. Presente no cotidiano de modo intenso, no rádio, na TV, em gravações, jingles etc., por meio de brincadeiras e manifestações espontâneas ou pela intervenção do professor ou familiares, além de outras situações de convívio social, a linguagem musical tem estrutura e características próprias.

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, bem como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma relevante forma de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no âmbito educacional, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (RCNEI, vol. 3, p. 45)

A integração social, a autoestima, o autoconhecimento, o equilíbrio, sem dúvida, podem ser desenvolvidos de forma exitosa com a utilização da linguagem musical, excelente ferramenta para tal processo.

A RELEVÂNCIA DA MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Ainda na fase intrauterina, o bebê já convive com um ambiente sonoro proporcionado pelo corpo da mãe, como, por exemplo, pelo som do sangue que flui nas veias, por meio do mover dos intestinos e do movimento da respiração. A voz, o bombear do sangue e o som dos batimentos cardíacos da mãe constituem em referência afetiva e excelente trilha sonora para o bebê.

A criança é um ser “brincante” e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, “transforma-se em sons”, num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, “descobre instrumentos”, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música de todos os povos.

O brincar permeia a relação que se estabelece com os materiais: mais do que sons, podem representar personagens, como animais, carros, máquinas, super-heróis etc. A partir dos três anos, aproximadamente, os jogos com movimento são fonte de prazer, alegria e possibilidade efetiva para o desenvolvimento motor e rítmico, sintonizados com a música, uma vez que o modo de expressão característico dessa faixa etária integra gesto, som e movimento” (BRASIL, 1998, p. 50)

A música nos primeiros anos escolares é uma porta de entrada para o mundo das artes, através dela é possível apresentar para as crianças outras linguagens artísticas, como literatura, dança e teatro. É natural que as crianças fiquem entusiasmadas ao ouvirem música, mas produzindo o próprio espetáculo, elas entendem como funciona o fazer artístico. Além disso quando lhe é dada autonomia da criação, a criança estará se socializando com o outro, no fazer, no dançar, no cantar, respeitando as diferenças e gostos.

Segundo Brasil (1998) na educação infantil, a música é instrumento valioso na formação da criança, proporcionando facilidade no desenvolvimento do aprendiz e no processo educativo. A linguagem musical é muito importante para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoridade e autoconhecimento, além de desenvolver o meio de inteligência social.

No ambiente escolar, na maioria das vezes a música é utilizada apenas para alcançar objetivos específicos, por exemplo, comemoração às datas

especiais, para repetir os gestos e movimentos, para cantar corretamente, tornando assim algo chato e repetitivo, deixando uma boa parte das crianças desinteressadas pela música. Enquanto explorar as diversidades musicais, a criatividade dos alunos em inventar, escutar e criar a música fica em segundo plano. Diversificar o modo de realização musical assusta os educadores, por isso, muitos preferem continuar reproduzindo e ensinando os mesmos modelos, utilizando-os nessas técnicas e estratégias que excluem a expressão e a criação da criança.

Brito, Teca (2003) evidencia que a música é linguagem construída com conhecimentos pautados em vivências e reflexões orientais, onde aponta que todas as pessoas tem o direito de cantar, mesmo que de maneira desafinada. Ou seja, para a maioria das pessoas e até mesmo os educadores e educadoras, especializados ou não, a música era e ainda é entendida como algo “pronto”, cabendo a nós a tarefa de interpretá-la. E ensinar deste modo é ensinar a reproduzir e interpretar somente, desconsiderando a possibilidade de deixar as crianças a experimentar, a improvisar, inventar, inovar como ferramenta pedagógica de fundamental importância no processo de construção do conhecimento musical.

No entanto, apesar dos pontos negativos, o ensino-aprendizagem na área de música vem recebendo influências das teorias cognitivas, em sintonia com procedimentos pedagógicos contemporâneos, pois o número de pesquisas sobre o pensamento e a ação musicais que podem orientar os educadores e gerar contextos significativos de ensino-aprendizagem, que respeitem o modo de perceber, sentir e pensar de bebês e crianças tem sido ampliado continuamente.

“O educador, antes de transmitir sua própria cultura musical, deve pesquisar o universo musical que a criança pertence, e encorajar atividades selecionadas com a descoberta e com a criação de novas formas de expressão através da música.”
(JEANOT, 1990; p. 20).

Como podemos, então, desenvolver um trabalho vocal com bebê e criança? Além de cantar, devemos brincar com a voz, explorando possibilidades sonoras diversas: imitar vozes de animais, ruídos, o som de vogais e das consoantes (com a preocupação de enfatizar a formação labial), entoar

movimentos sonoros do grave para o agudo e vice-versa, pequenos desenhos melódicos, jogos e brincadeiras e assim por diante.

Bebês e as crianças interagem com ambientes sonoros que os envolvem, já que ouvir dançar e cantar são atividades presentes na vida de todos os indivíduos, mesmo que de diferentes maneiras. O processo de musicalização acontece de forma espontânea, por meio das variedades de sons que os cercam estando em contato com a presença da música.

Os bebês até os três anos de idade, por meio das conquistas vocais e corporais, costumam ampliar os modos de expressão musical, eles também podem articular e solfejar mais sons, incluindo os da língua materna, reproduzem letras simples, refrãos, onomatopeias, bem como, gestos sonoros, batem palmas, pernas e pés, especialmente após conquistar a marcha, a capacidade de correr, pular e movimentar-se acompanhando uma música.

Geralmente as crianças de dois a três anos de idade conseguem acompanhar uma canção com os movimentos regulares, seguindo o pulso sem que isso seja um critério para elas, hora ou outra na mesma música elas podem não acompanhar o ritmo e o pulso de forma métrica, sem que isso implique na sua forma de enxergar e compreender a música. Por isso sua improvisação também é um jogo simbólico significativo.

Respeitar o processo de desenvolvimento da expressão musical infantil não deve se confundir com a ausência de intervenções educativas. Nesse sentido, o professor deve atuar-sempre-como animador, estimulador, provedor de informações e vivências que irão enriquecer e ampliar a experiência e o conhecimento das crianças, não apenas do ponto de vista musical, mas integralmente, o que deve ser o objetivo proprietário de toda proposta pedagógica, especialmente na etapa da educação infantil. (BRITO, TECA; p. 45)

Entretanto, é importante considerar legítimo a maneira como os infantes se envolvem com os sons e silêncios, para que a construção do conhecimento ocorra em contextos significativos, que incluam criação, elaboração de hipóteses, descobertas, questionamentos, experimentos dentre outros. Nesse sentido a intervenção pedagógica objetiva contribuir no sucesso do desenvolvimento das capacidades de realizações de aprendizagens significativas e que os alunos aprendam a aprender e sejam protagonistas das suas aprendizagens.

Diante do exposto, com relação a avaliação na área da música, deve ser contínua, considerando os processos vivenciados pelas crianças, sendo esse resultado da intencionalidade do trabalho do professor bem como deve ter um caráter instrumental para o adulto e deve incidir sobre os avanços demonstrados pelas crianças. As observações registradas do processo da criança e do grupo é um instrumento poderoso de avaliação.

FAZENDO MÚSICA

A criança, brincando, faz música e é dessa forma que ela se relaciona com o mundo e com suas descobertas. A criança descobre instrumentos, inventa e imita melodias e ainda possui a sensibilidade de escutar com prazer diferentes músicas de diferentes povos, então pode se fazer música com todo e qualquer tipo de material sonoro.

O Referencial Curricular Nacional (1998) aborda as brincadeiras cantadas: As canções de ninar tradicionais, os brinquedos cantados e rítmicos, as rodas e cirandas, os jogos com movimentos, as brincadeiras com palmas e gestos sonoros corporais, assim como outras produções do acervo cultural infantil, podem estar presentes e devem se constituir em conteúdo de trabalho. (RCNEI, 1998).

O trabalho musical com as crianças deve ser desenvolvido com variedades de fontes sonoras. Os objetos sonoros podem ser confeccionados com ajuda dos pequenos e com a utilização de materiais reaproveitados do cotidiano da própria criança. Nesse sentido, é necessária disposição, interesse, curiosidade, criatividade dos educadores e crianças que poderão montar vários objetos sonoros, sempre em dinâmica transformação, que enriqueça o trabalho facilitando assim o fazer musical. Porém é necessário ter muito cuidado com os materiais selecionados, que devem ter boa qualidade sonora e não apresente riscos à segurança dos bebês e das crianças.

Observando uma criança pequena, podemos vê-la cantarolando um versinho, uma melodia, ou emitindo algum som repetitivo e monótono, balançando-se de uma perna, ou ainda para frente e para trás, como que reproduzindo o movimento de acalanto. Essa movimentação bilateral desempenha papel importante em todos os meios de expressão que se utilizam do ritmo, seja a música, a linguagem verbal, a dança etc. (JEANOT, 2001, p. 18).

Já com as crianças maiores entre cinco e seis anos de idade, podemos explorar as possibilidades de reprodução e criação de pequenas melodias. Os pequenos costumam inventar canções, na maioria das vezes elas improvisam cantando e contando histórias, casos dentre outros. Podem fixar e repetir por diversas vezes a mesma “invenção”. Reforçando que é importante deixar que a criança use da sua imaginação, para que tenha a liberdade em inventar “sua letra e melodia” sem a interferência do adulto. Ou seja, o adulto pode sugerir temas ou ajudar as crianças a organizar as suas ideias, com muito cuidado para não interferir na composição da criança, deixando levar a expressão e a percepção pelo modo adulto.

Na criação de canções com nomes das próprias crianças, podem contribuir para o contato afetivo e efetivo entre todos envolvendo-se com o outro, ajudando a criar e reproduzir essas canções, facilitando o desenvolvimento afetivo das crianças.

Na concepção de Teca (2001, pg 57) A criação e a reprodução são os eixos responsáveis em fazer a produção musical acontecer , além disto, sustentam três possibilidades de ação: a interpretação, a improvisação e a composição. A interpretação é a atividade ligada a imitação e reprodução de uma obra. Mas interpretar significa ir além da imitação por meio da ação expressiva do interprete.

Improvisar é criar de forma instantânea e com orientação criteriosa. Composição é a criação musical caracterizada por sua condição de permanência, seja pelo registro na memória, seja pela gravação por meios mecânicos (fita cassete, cd), seja, ainda, pela notação, isto é, pela escrita musical.

Brincar e cantar com os pequenos é muito importante, pois o vínculo afetivo e prazeroso que se estabelece nas rodas musicais, é muito forte e significativo. Quando as crianças cantam, elas imitam o que ouvem, desenvolvendo sua expressão musical, desde que essa atividade seja realizada em um ambiente lúdico que estimule o canto, a escuta, a interpretação. Quando o canto é mecânico as crianças não encontram um significado em relação ao fazer música e tão pouco conhecimentos significativos a esse canto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo constatou que a música tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Afinal, elas crescem ouvindo música desde o ventre de sua mãe, elas estão constantemente em contato com o mundo musical, som, ritmo dentre outros. Enfim, temos a necessidade de música, pois é deste modo que estabelecemos a interação com o meio. É válido ressaltar também que a música aproxima corações, supera barreiras, amplia e facilita o desenvolvimento da criança.

Logo, é muito importante a utilização da música na educação infantil para a formação de pessoas críticas e criativas, que inventam, descobrem e são capazes de construir o conhecimento. Pessoas criativas e com consciência crítica não aceitam facilmente algo já realizado por outras pessoas e, nem aceitam que lhes é oferecido sem reflexão e indagações, pois elas sabem que cada indivíduo tem a capacidade de criar, inventar e construir.

Assim sendo, a Educação infantil é muito importante para o indivíduo, pois ela promove o desenvolvimento integral da criança, em toda a sua dimensão, sendo nos aspectos social, motor e cognitivo. Portanto é preciso considerar os conhecimentos já existentes, proporcionando que a criança vivencie experiências, explorando, respeitando e reconstruindo o mundo musical.

Portanto, a música quando trabalhada com objetivos e finalidades na educação infantil, tem muito a contribuir para o desenvolvimento da criança com um todo, pois desenvolve a inteligência, interação social e harmonia pessoal. Dessa forma, pode-se afirmar que linguagem musical transforma os sujeitos em seus modos de percepção, ação e pensamento, formando assim, a sua subjetividade, propiciando a formação integral da criança por meio da música.

REFERÊNCIAS

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. Educação musical: **bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas: Átomo, 2003
Bíblia Sagrada: **Versão revista e corrigida** (J. Ferreira de Almeida, Trad.). (2009). Sociedade Bíblica do Brasil.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**: propostas para a formação integral da criança. São Paulo: Peirópolis, 2003.

_____, Teca Alencar de. **Ferramentas com brinquedos**: a caixa da música. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 24, 89-93, set. 2010.

_____, Teca Alencar de. Koellreutter educador: **o humano como objetivo da educação musical**. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis, 2001.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1996.

_____. **Lei 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm>. Acesso em: 13 dez 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 11.769**, de 18 de agosto de 2008. Brasília/DF, 2010.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. **“Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil”**, volumes 1, 2 e 3. Brasília, 1998.

JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Scipione, 1990.

_____, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Ed. Scipione, 2001. 2ª Edição

A IMPORTÂNCIA DO LETRAMENTO DURANTE O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Aline dos Santos Silva

Leiliane da Silva Serafim Marques

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Alfabetizar e Letrar são dois processos distintos, porém inseparáveis, são práticas que precisam ser desenvolvidas juntas no processo de alfabetização, ou seja, elas se completam. A alfabetização é vista como um elemento do letramento, o que significa dizer que devemos ensinar os alunos a ler e escrever assimilando e entendendo este processo.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), os campos de atuação são as áreas de uso da linguagem no dia a dia e estão previstos nas propostas para o ensino de Língua Portuguesa. Esses campos contribuem com a alfabetização quando oportuniza que o estudante tenha contato com os mais diferentes tipos de textos, logo, ensinar os alunos com a recorrência de repetições de palavras, fora de contextos e textos fictícios não permite que o educando desenvolva o gosto pela aprendizagem, já que para ele não faz sentido o que é dito, nem lhe favorece a interação com o meio letrado no qual está inserido.

Entende-se que a aprendizagem de uma criança é adquirida primeiro pela leitura seguida para a escrita. No contexto atual exigem-se na alfabetização sujeitos que além de saber ler e escrever usem com competência essas habilidades no contexto das práticas sociais. Alfabetização e letramento andam lado a lado, ou seja, são indissociáveis, considerando que a alfabetização é o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita, enquanto o letramento envolve essas mesmas habilidades nas práticas sociais.

Ler, escrever e se expressar de maneira competente não é fácil para quem precisa aprender muito menos para quem deve ensinar, tanto para o aluno quanto para o professor o processo de alfabetização não é tarefa fácil.

Considerando que a realidade social contemporânea impôs novas demandas e necessidades, tornando antiquadas as metodologias e conteúdos tradicionais que acabam dificultando o processo de aprendizagem da linguagem. Muitos profissionais da educação ainda confundem as duas teorias e não conseguem enxergar as diferenças entre ambas e por isso desprezam a observação aos requisitos metodológicos e teóricos que tanto contribui para a melhoria da práxis educativa.

No processo de alfabetização e letramento, o tratamento metodológico deve ser diferente, porém o desejo de sucesso no ensino aprendizagem da língua escrita, falada e contextualizada deve ser o mesmo. Alfabetizar letrando é ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais fazendo uso da escrita e leitura. Porém, para que isso aconteça o professor mediador deve conhecer e saber trabalhar com processo de alfabetização e letramento, tornando-o claro e efetivo, de acordo com as necessidades que cada aluno apresenta durante este processo.

Neste contexto, no que diz respeito ao papel do docente, Soares (2001, p.135, apud SANTOS, 2014, p.10) ressalta que o professor precisa, primeiramente, ser letrado no componente curricular que é especialista, devendo ele dominar a produção escrita, os instrumentos de busca de informação da sua área de conhecimento, bem como, precisa ser um bom leitor e bom produtor de textos. Isso diz respeito, em especial à formação que o professor deve ter no conteúdo da sua área de domínio.

É válido evidenciar que a criança letrada, ler histórias com o livro nas mãos, se emociona com as narrativas lidas e transforma os personagens das histórias em seus companheiros. Nesse sentido, letramento está ligado a descoberta de mundo por meio da leitura e da escrita, é ler e interpretar e, não apenas decodificar, é mergulhar no conto, na fábula, na poesia, ou seja, é fazer parte da história quando se ler um texto.

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES 2004, P.39,40)

Identificar o que cada aluno precisa para ampliar seus conhecimentos e consolidar suas aprendizagens é de extrema relevância, por isso, a relação entre professor e aluno deve ser intensificada com a convivência e as propostas de atividades desenvolvidas pelo professor precisam ser gatilhos que encorajam os alunos na apropriação do que lhe é ensinado. Apresentar a alfabetização de forma lúdica é o mais indicado para envolver as crianças.

De acordo com Rojo (p.124, 1998) é “no processo de faz de conta que a criança aprende a ler e a escrever”, destarte, a criança inicia a leitura de uma história, uma fábula, um conto, vendo as ilustrações nas folhas, apesar de não saber quais palavras estão escritas, compreende que naquela história tem letras e que são as letras que contam a história que ela a ler uma história, um conto, vendo os desenhos na folha, ela não sabe quais palavras estão escritas, mas ela entende que tem letras naquela história e que estas letras contam a história que ela está “lendo”.

Porém, cabe ao educador reconhecer as dificuldades dos alunos nessa fase inicial de alfabetização, e ter clareza, quanto ao que é a falta de vontade em realizar as lições ou a real dificuldade de aprendizagem. Todo o cuidado com o planejamento das aulas, a elaboração de relatórios, e experiências que serão proporcionadas e vivenciadas pelos alunos auxilia na construção desses novos saberes.

A aprendizagem não ocorre só na escola, abrange os hábitos que formam os valores culturais. Ela se refere os aspectos de nossa vida afetiva e assimilação de valores culturais. São vários os fatores que sofrem a interferência no processo de aprendizagem como intelectual, psicomotor, físico e social, por isso nesse processo é fundamental o papel dos educadores e pais para o bom resultado no desempenho cognitivo do aluno.

Sabemos ainda que a aprendizagem acontece a todo instante e não somente na escola. Conforme o entendimento de Ferreiro:

A alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária. (FERREIRO, 1999, p. 47)

Notamos então como o letramento é essencial, pois ele se ocupa da função social de ler e escrever. É partir deste que a compreensão, interpretação e uso da língua farão parte das práticas sociais dos indivíduos. Para que o professor possa desenvolver este conhecimento em sala, é preciso realizar o diagnóstico dos conhecimentos dos alunos, objetivando desenvolver atividades que atendam às necessidades deles visando o avanço, bem como, precisa conhecer bem os métodos de alfabetização e aplicá-los sempre que o aluno necessitar, mas não de maneira uniforme, isto é, o professor não deve escolher o melhor método para trabalhar com todos os seus alunos, mas sim, analisar a necessidade pedagógica e individualidade de cada um, e após a essa análise, criar estratégias para ensinar segundo as características individuais de cada aluno, permitindo que o aluno aprenda no seu tempo e nas suas singularidades com atividades que envolva a produção de texto e leitura de diversos gêneros textuais oportunizando a alfabetização e o letramento . Esse processo requer responsabilidade, engajamento e estudo do docente.

O desafio do professor está na implantação da técnica e do método adequado que motive e valorize, pois motivado o aluno tende a sentir menos dificuldade de fazer alguma coisa que não conseguia fazer anteriormente, e eleva a capacidade de raciocínio da criança.

A parceria entre família e escola é fundamental, pois quando ambas se importam em buscar resultados positivos para o aluno, quando existe essa ação, os problemas de aprendizagem que envolve o processo de alfabetização diminui e evita a evasão escolar.

Vários são os fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagens no processo da alfabetização, como, por exemplo, os aspectos a seguir :

Cognitivos: relacionados ao desenvolvimento e funcionamento das estruturas cognitivas e suas diversas formas. Dificuldades relacionadas a atenção, memória e antecipação incluem-se nesta categoria.

Orgânicos ligados a condição biofisiológica do aluno;

Emocionais que envolvem o desenvolvimento afetivo sua interação com o conhecimento e a expressão nas atividades escolares.

Sociais: Correspondem as questões ideológicas relacionadas ao contexto histórico.

Pedagógicos: No qual se destacam a inadequação de fatores relacionados a metodologia de ensino, informação e avaliação.

O educador tem papel fundamental no diagnóstico dessas dificuldades de acordo com as características que o aluno apresenta, para que juntamente com a equipe escolar possam buscar soluções metodológicas que atendam às necessidades dos educandos, possibilitando-lhes acesso ao saber.

Para Cagliari (1994, p. 101). “Antes de ensinar a escrever é preciso saber o que os alunos esperam da escrita, qual julgam ser a sua utilidade.” Muitas vezes após esta abordagem, os professores se sentem desanimados diante das dificuldades de alfabetização e acreditam que as crianças estejam condenadas ao fracasso, desistem e não buscam novas formas de estímulo no ensino de leitura e escrita, contribuindo de maneira involuntária para o fracasso escolar dos alunos.

A eficácia da alfabetização e letramento depende das ações desenvolvidas por todos os envolvidos nesse processo, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), no artigo 1º, “a educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa” (BRASIL, 1996, p. 1), mas é na família que o aluno irá construir valores que serão incorporados em toda sua vida, onde ocorre o primeiro processo de socialização que lhes permitirá traçar caminhos futuros. O professor deverá optar pelo método que julgar mais adequado para ajudar o aluno.

OS MÉTODOS DE ALFABETIZAÇÃO

A Alfabetização é caracterizada pela aquisição da habilidade de ler e escrever, domínio adequado de utilizar os códigos de comunicação para se comunicar. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os docentes buscam desenvolver atividades que favoreçam a aquisição das habilidades necessárias para domínio do processo de escrita e leitura, para isso utilizam atividades de

alfabetização. Ter clareza onde se deseja chegar é primordial, o professor precisa ter foco, planejar e engajar-se para atingir sua meta de ensino. Afinal a aprendizagem de um código, para quem é aprendiz é algo complexo e abstrato.”

Assim, é imprescindível que o professor em sala de aula faça uma reflexão do trabalho desenvolvido, e a partir daí, coloque em ação suas estratégias, avalie os resultados da sua ação e observe os sucessos e defasagens dos alunos, permitindo o replanejar objetivando que os educandos adquiram as competências necessárias para continuar avançando no processo de ensino-aprendizagem.

O processo de alfabetização de cada aluno é bem sucedido, quando o professor consegue identificar suas dificuldades, compreende e respeita o ritmo de aprendizagem dele, desenvolve atividades de acordo com suas necessidades, e utiliza o melhor método para que a criança avance, atendendo suas necessidades, suas condições sociais, psicológicas e intelectuais. Para tanto faz-se necessário conhecermos alguns métodos importantes no processo de alfabetização, são eles:

O método Sintético engloba três opções: O método Alfabético utilizado por muitos docentes, consiste em ensinar primeiro para as crianças o nome das letras do alfabeto para posteriormente, combinar as letras, formar as combinações silábicas e montar as palavras.

No método Silábico a criança aprende primeiro as sílabas, mas sem a compreensão das palavras. As sílabas são destacadas das palavras e por meio das famílias silábicas são estudadas de forma sistemática. Esse método propicia a formação de novas palavras apenas com as sílabas já apresentadas e permite a formação gradativa de pequenas frases e textos. Método Fônico, esse método permite que a criança aprenda a associar os sons e as palavras, numa sequência da aquisição desses conhecimentos, são ensinadas as vogais, depois as consoantes, as sílabas e por último a palavra.

Segundo Braslavsky (1988), no método fônico começa-se ensinando a forma e o som das vogais. Depois ensinam-se as consoantes, estabelecendo entre consoantes e vogais relações cada vez mais complexas. Cada letra é aprendida como um som que, junto a outro som, pode formar sílabas e palavras. Para o

ensino dos sons, há uma seqüência que deve ser respeitada, indo-se de relações diretas entre fonemas e grafemas para relações mais complexas. Na organização do ensino, a aprendizagem da relação fonema/grafema é o principal objetivo. (FRADE, 2005, p. 25).

Existe também os métodos analíticos, que compreendem a Palavração que explora palavras simples e orienta que a criança reconheça o som dessas palavras e a sentença que é baseada na aprendizagem de frases inteiras e leva em conta a memorização do aluno. Já o método Global usa textos de estruturas bem organizadas de diferentes gêneros textuais como pontos de partida. Assim, podemos dizer que os métodos globais parte do todo para as partes, ou seja tudo começa pelo texto. Esse método valoriza o entendimento do aluno dentro do contexto e suas opiniões, analisa leituras e imagens diversas, promove jogos com as palavras, a ludicidade, a escrita criativa e a conexão emocional, ou seja, incentiva a escuta, a fala e a escrita.

Portanto é de suma importância que o professor saiba que não existe um método único e perfeito para ensinar a ler e escrever, mas que é possível combinar características de métodos diferentes.

Muitos professores estão presos em métodos que se tornaram ultrapassados com a globalização e tecnologias atualmente disponíveis, isso requer maior cuidado na interação com o educando.

PROTAGONISMO ALIADO AO LETRAMENTO

Despertar o protagonismo e manter os alunos ativos no seu próprio processo de alfabetização e letramento é essencial para o crescimento intelectual e pessoal deles. Dar espaço a criatividade das crianças, contribui muito no modo de pensar e de resolver desafios, além de valorizar suas ideias e falas, favorece o aumento da autoestima delas e estimuladas a participar das aulas. Porém, é necessário que o professor planeje atividades geradoras de experiências de aprendizagem que fomentem o protagonismo de maneira intencional e estruturada.

Os jogos e as brincadeiras são bons parceiros no desenvolvimento de ações protagonistas na fase de alfabetização, pois, estimulam a autonomia e a

busca de conhecimento de diferentes fontes e formas, aguça os estudantes nos avanços educacionais, pois promove a ludicidade e dessa forma os alunos sentem-se pertencentes e responsáveis por seu sucesso educacional. É importante e necessário que as crianças sejam protagonistas de suas próprias aprendizagens, tendo sempre voz e participação nos processos de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo concluiu que as práticas sociais exigem do aluno uma atividade reflexiva e por este motivo, precisa ter cada vez mais contato com experiências, conteúdos e atividades voltadas para seu desenvolvimento. Nesse contexto o professor deve avaliar a bagagem de conhecimento adquirida pelo aluno, com o objetivo de aprimorá-la por meio das atividades de alfabetização e letramento, que em conjunto com os métodos utilizados em sala, favorece nesse processo, a aquisição de novas aprendizagens.

A busca constante por novos moldes de educação, que surgiu devido ao clamor da mundo contemporâneo, fez com que todos os profissionais da educação básica fossem em busca de melhorias nos métodos educacionais já existentes.

Assim sendo, Alfabetização e Letramento é um assunto que ainda tem espaço para muitas discussões, pois devido aos novos padrões de exigências impostas pela sociedade, é necessário adaptação aos novos conceitos, paradigmas, métodos e teorias.

Considera-se uma criança alfabetizada e letrada àquela que conhece o código, decodifica, codifica e faz uso da habilidade de leitura e escrita no contexto social, ultrapassando a fronteira da decodificação e da codificação. Assim, tanto na teoria como na prática pedagógica a alfabetização e letramento são teorias inseparáveis.

Portando, alfabetizar letrando é um grande desafio, pois requer interação com a leitura e escrita e criticidade em situações do cotidiano nos sujeitos que fazem parte do processo de desenvolvimento. Ou seja, o indivíduo que

compreende o que lê, entende e questiona até mesmo o que está nas entrelinhas.

.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educacional. Lei 9394/96
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. Alfabetização e lingüística. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1994.
- FERREIRO, Emília. (1999). *Com todas as letras*. São Paulo: Cortez.
- FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva. Escolha de livros de alfabetização: dialogando com permanências históricas e com modelos atuais de inovação. *História da Educação*. Pelotas: Editora da UFPel, v. 7, n. 14, p. 173-193, set. 2003.
- ROJO, R. (org.), *Perspectivas Linguísticas, Alfabetização e Letramento*, Campinas: Editora Mercado de Letras, 1998.
- SOARES, M. B. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 5-17, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782004000100002>
- SANTOS, T.C. Alfabetizar Letrando. *REBES – Revista Brasileira de Educação e Saúde*. Pombal –PB, v. 4, n. 1 p. 07- 11, jan/mar., 2014

ALFABETIZANDO POR MEIO DA LEITURA

**Maria José Silva Almeida Trindade
Elaine Priscila Antunes
Fabiana Suzi Ferreira da Silva**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ato de ler e interpretar vai além da decifração de palavras e frases. Neste sentido, para se possa atingir uma leitura exitosa e eficiente, o leitor deve capturar tanto as informações explícitas quanto as implícitas que compõem o texto, visto que são informações indispensáveis para a formação do educando. Entretanto, a partir do momento que o educando adquire autonomia e confiança para a prática da leitura, certamente terá o enriquecimento do vocabulário dinamizando o raciocínio com relação à interpretação, sendo indispensável, portanto, que o leitor consiga utilizar seus conhecimentos prévios, bem como as diferentes estratégias de leituras para haja, neste sentido, um desenvolvimento amplo de sua aprendizagem.

De acordo com Possebom, (2008, p.03):

A leitura é uma experiência pessoal ao qual não depende somente da decodificação de símbolos gráficos, mas de todo o contexto ligado a história de vida de cada indivíduo para que este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto, e desta forma construir o sentido. (POSSEBOM, 2008, p.03).

No entanto, diante dos fatos concretos com relação ao tema abordado, faz-se necessário enfatizar a importância do incentivo, tanto por parte da escola quanto da família com relação ao processo de alfabetização de crianças nos anos iniciais do Ensino fundamental, contemplando a leitura como base para o seu desenvolvimento cognitivo. Neste sentido, é importante dizer que o objetivo principal dessa pesquisa é mostrar a real importância da leitura e sua contribuição na formação do indivíduo, visando à formação de um ser crítico e reflexivo no meio ao qual faz parte.

Portanto, diante do conteúdo já analisado para o desenvolvimento da pesquisa, faz-se necessário abordar a seguinte pergunta: Quais são exatamente os desafios que serão enfrentados ao abordar a problemática deste estudo? Para

respondê-la efetuou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativa¹ na plataforma Google acadêmico e bibliografia de vários autores que enfatizam o tema citado. Para Ferreiro (1992), as crianças são facilmente alfabetizáveis, desde que descubram através de outros informantes e participação em atos sociais onde a escrita sirva para fins específicos. Sabendo, portanto, que a construção desse conhecimento não é um processo linear, pois se trata de um processo de organização e reorganização, onde para cada indivíduo existem situações conflitivas que podem ser antecipadas.

O estímulo à leitura é fundamental no processo de alfabetização das crianças. Além das atividades em sala de aula, é essencial que em casa essa prática seja parte das rotinas diárias para despertar a curiosidade e o interesse de meninos e meninas. Afinal, é empolgante acompanhar uma criança em sua jornada de aprendizado e construção do conhecimento, quando ela percebe que é capaz de ler e compreender o que está escrito, ganha autoconfiança e o desejo por novas descobertas fica cada vez mais evidente.

Segundo Vygotsky (1988): “... quando uma criança entra na escola, ela já adquiriu um patrimônio de habilidades e destrezas que habilitará aprender a ler em tempos relativamente curto”.

É inquestionável a importância da leitura no processo de alfabetização. E nesse contexto, deve ser uma atividade obrigatória em todas as etapas do planejamento do currículo escolar, onde o professor alfabetizador, por exemplo, deve recorrer a inúmeros formatos de texto – vale destacar produções textuais que estimulem a memória, como listas e outros estilos apropriados para esse momento. E se houver uma sinergia entre a escola e a família, o processo de alfabetização, por meio do incentivo à leitura, fica ainda mais rico. Uma criança curiosa e ávida por compreender o mundo a sua volta não pensa duas vezes em parar para ver toda sorte de mensagens nas ruas, como outdoors, cartazes e até mesmo placas de trânsito. Nesse instante, o segredo é interagir e provocar essa troca rica de informações.

A prática dos profissionais da educação do Ensino Fundamental, aliada a pesquisa, possibilita a construção de um conjunto de experiências capazes de

¹ Minayo (2013).

sustentar um projeto pedagógico que atenda a especificidade da formação humana nessa fase da vida. Para acontecer à alfabetização, é preciso que os educadores do processo, sejam capazes de trabalhar em sala de aula, de forma comprometida e dinâmica, usando o método natural como recursos que possa inserir o aluno na teoria e na prática da leitura.

É papel da escola ensinar o aluno a ler e escrever para além da codificação; seu objetivo é que ele desenvolva competência leitora e escritora. Sendo assim, cabe ao professor buscar meios para garantir aos seus alunos o desenvolvimento de tais competências. (PESSOA 2012, p.23)

A escola exerce um papel importante na formação de bons leitores, visando que é através da exploração de diferentes tipos de textos, ações e intermediações realizadas pelo professor que a criança ganhará experiência de vida e conhecimento de mundo adquirido através da leitura, pois o educador é como um guia para com seus alunos, e sistematizando o saber a partir das necessidades e desafios dos mesmos. A leitura realizada diariamente no âmbito escolar possibilitará ao aluno o prazer no mundo da leitura, levando-o a construção da sua formação para uma vida de qualidade.

Na visão de Freire (2003, p.16), ensinar é “aceitar os riscos dos desafios do novo, enquanto inovador, enriquecedor, e rejeitar qualquer forma de discriminação que separe as pessoas, transmitindo a certeza de que todos fazem parte de um processo incluso”. Na definição prática docente essa escolha reflete a essência motivadora desse educador, visando o dever de descobrir estratégias e recursos para fazer com que os alunos queiram aprender, enfim, estimulando-os a se sentirem motivados para alcançar seus objetivos.

Além de fundamental no processo de alfabetização, a leitura é uma das ferramentas mais poderosas para assegurar uma interação eficaz com o ambiente e para garantir a compreensão do mundo. Dessa forma, ainda nos primeiros meses de vida, é recomendado que essa prática já esteja presente na vida da criança. Assim, da contação de histórias até o início do processo de alfabetização, a leitura propicia o desenvolvimento de inúmeras habilidades das crianças. O contato com a literatura é primordial para o desenvolvimento da linguagem, ampliação do vocabulário, criatividade e outras aptidões.

A literatura também é um instrumento mais que recomendado para a criança entender as culturas e as diferenças entre as pessoas. Além de questões éticas e de empatia em relação ao outro, permitindo compreender e aprender a lidar com emoções e sentimentos. Um repertório infinito de vantagens para o desenvolvimento de um cidadão. Porém, a medida que as crianças apresentam mais autonomia, domínio e habilidades com a leitura, o professor deve ser capaz de expandir as possibilidades de gêneros textuais. É fundamental que exista uma correlação com o incentivo à escrita, pois muitas vezes as atividades propostas pecam por não as reunir de forma igual, ou seja, é preciso que uma seja consequência da outra, pois estão intrinsecamente ligadas.

No entendimento da UNESCO (2005), a alfabetização é “um processo de aquisição de habilidades cognitivas básicas responsáveis por contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da capacidade de conscientização social e da reflexão crítica como base de mudança pessoal e social”. Ela prevê a aquisição de uma série de habilidades básicas, como a leitura, que servirão como base para o aprendizado geral.

A partir dessas constatações, temos a ideia geral de que a alfabetização se torna efetiva graças a um processo de aquisição de habilidades específicas. Tudo isso aplicado, praticado e vivenciado dentro de um contexto próprio, mas sempre equilibrando explicação e experimentação para que seja possível medir o nível de aprendizado do aluno. Essa fase leva em consideração também sua estrutura cognitiva, que engloba a percepção visual, auditiva, motora, as sensações e percepções. A leitura, nesse contexto, é essencial.

LER E INTERPRETAR NOS PRIMEIROS ANOS DO FUNDAMENTAL

Não há dúvida de que a leitura é um fator decisivo no processo de alfabetização e letramento. Sem essa prática constante, o aluno não adquire os subsídios necessários para escrever. Além do papel do professor, cabe à família dar o exemplo por ter o hábito de ler. Neste sentido, facilitar o acesso a livros e publicações coerentes à faixa etária da criança deve ser uma constante. Não menospreze a curiosidade e o desejo dela de entender a realidade que a cerca.

Sobre isso, Cafiero, (2010, p.18) diz que:

Um compromisso a ser assumido pela escola é o de possibilitar ao aluno a aprendizagem da leitura dos diferentes textos que circulam socialmente. A leitura de jornais, revistas, livros e o contato com o texto, cinema e música alargam os limites da mente e dos possíveis leitores de um mesmo objeto. Aplicar esses limites pode contribuir (embora não garanta) para que a capacidade da escrita também se desenvolva (ortográfica, morfológica e sintaxe) e no conteúdo (ideias de argumentação). (CAFIERO, 2010, p.88).

A importância da leitura no processo de alfabetização também está associada a desafios e bom planejamento, lembrando que atividades demasiadamente simples podem, infelizmente, gerar desmotivação por parte do aluno. Afinal, um estudante com bom grau de alfabetização não terá motivação na leitura de textos pequenos demais ou que não ampliem o leque de descobertas e de possibilidades de vocabulário. Na fase inicial do ensino fundamental o ato de ler é de grande importância por ser o momento certo em que a leitura precisa ser instruída e fará parte de todo o processo de alfabetização da criança. O docente será o mediador durante processo, assegurando uma leitura onde o educando possa entender e compreender o que está lendo.

De acordo com as definições de Leffa (1996. p.10).

A leitura é basicamente um processo de representação. Como esse processo envolve o sentido da visão, ler é, na sua essência, olhar para uma coisa e ver outra. A leitura não se dá por acesso direto à realidade, mas por intermediação de outros elementos da realidade. Nessa triangulação da leitura o elemento intermediário funciona como um espelho; mostra um segmento do mundo que normalmente nada tem a ver com sua própria consistência física. Ler é, portanto, reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo. LEFFA (1996. p.10).

O ato de trabalhar a leitura desde os anos iniciais e de forma correta leva o educando a explorar a própria imaginação e aprender sobre a magia, a beleza e o esplendor daquilo que irão construir em seu mundo imaginário, onde tudo é possível. Neste sentido, diante da experiência e o convívio entre professor e aluno, é notável o fato de que a criança não deve ser forçada a ler, e que este tem que fazer parte de um processo prazeroso e desenvolvido com cuidado e

determinação para que este não se torne uma tarefa exaustiva, forçada e repetitiva para ao aluno. Conforme FREIRE (1989. P.40):

Desde muito pequenos aprendemos a entender o mundo que nos rodeia. Por isso antes mesmo de aprender a ler e a escrever palavras e frases, já estamos “lendo”, bem ou mal, o mundo que nos cerca. Mas este conhecimento que ganhamos de nossa prática não basta. Precisamos de ir além dele. Precisamos de conhecer melhor as coisas que já conhecemos e conhecer outras que ainda não conhecemos. (FREIRE 1989, p.40)

Portanto, diante da importância do ato da leitura na alfabetização de crianças nos anos iniciais da Educação Básica, fica clara a hipótese de que, para que haja uma alfabetização de qualidade o aluno precisa de uma base sólida que vai além de livros para a obtenção do conhecimento que requer profissionais qualificados para exercer a função. Logo, tanto a boa base de alfabetização e o preparo do professor são partes integrantes do processo educativo e indispensáveis para a formação das futuras gerações. Tendo em vista que a educação está situada como um fenômeno social e universal, determinando o caráter existencial e essencial da mesma e mantendo uma relação importante entre a educação e os processos formadores da sociedade.

Conforme ressalta Freire, (1996, p. 86):

Neste sentido, o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é um desafio e não uma “cantiga de ninar”. [...] É preciso que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, reconhecer. (FREIRE 1996, p. 86).

O momento de leitura é capaz de estimular o raciocínio e enriquecer o vocabulário, aperfeiçoa a aptidão interpretativa, além de proporcionar ao leitor um conhecimento extenso e diversificado sobre múltiplos assuntos. A leitura desenvolve a criatividade, a comunicação à imaginação, amplia a habilidade na escrita e o senso crítico. Neste sentido, o professor que almeja à aprendizagem de seus alunos, não se limita apenas a realizar atividades prontas. O bom professor organiza suas atividades de acordo com as necessidades de seus alunos, busca inovar seus métodos de ensino e reconhece o bom desenvolvimento de seus alunos promovendo a autoconfiança dos mesmos com

relação às atividades realizadas e as que ainda serão planejadas. Conforme o entendimento de ROSA, (2008, p. 26):

O educador precisa ser presença mediadora, navegando sempre, mais, junto a seus educandos no mundo das letras, pesquisa da literatura, oportunizando momentos do faz-de-conta, jogos, danças, viagens imaginárias, teatros, dramatizações, escrita espontânea, produção de texto individual e coletivo, leituras de gibis, histórias, jornais, notícias diversas, brincadeiras, curiosidades e outros. (ROSA 2008 p.26).

Trazer momentos de leitura e interpretação para sala de aula através dos diversos portadores proporcionará a criança um conhecimento enriquecedor e indispensável. PESSOA (2012 p. 24) afirma que “professor, leitor competente, enquanto lê, oferece aos alunos um bom modelo do que é essa atividade”. E para que esse modelo possa ser desenvolvido com eficácia, o professor deve incentivar o gosto dessa criança leitura, proporcionando diariamente os momentos para essa prática, onde se possa colocar esse educando como o protagonista e que este se torne um leitor fluente, capaz de escolher bons portadores, e que consiga compreender e explicar sobre cada um deles de forma a trilhar o seu próprio estilo de leitura.

ALFABETIZAR POR MEIO DOS PORTADORES

O início do processo de alfabetização sempre traz muitas expectativas, não só na vida da criança, mas também dos pais e dos educadores, principalmente quando estes já exercem essa função há algum tempo. Neste sentido, acompanhar o processo de alfabetização de uma criança desde a educação infantil não significa, simplesmente, coloca-la em círculos na sala de aula as ou sentada em cadeiras escolares para que esta possa copiar letras ou preencher fichas de atividades para ocupar o tempo, por pensar que uma criança não é capaz de ter uma voz na escrita ou em uma leitura de imagens.

No entanto, existem muitos relatos de experiências vividas em sala de aula, podemos afirmar que as crianças compreendem e aprendem mesmo sem conseguir ler corretamente, pois a relação entre as imagens, o ambiente onde estão posicionadas e a reação dos personagens faz com que o leitor crie uma história relacionada a esses detalhes. Portanto, é importante dizer que é muito

significativo que durante o processo de alfabetização a criança possa ser favorecida com o contato verdadeiro com as situações de leitura e escrita, independentemente de como esse processo aconteça.

Para Trindade, (2020, p.245), faz-se necessário que:

Nos primeiros anos de escolarização, a criança precisa saber para que serve a leitura e escrita e sua capacidade de praticá-la, ou seja, é considerada a importância da alfabetização inicial, visto que estamos formando para o amanhã que essas crianças serão responsáveis pelo desenvolvimento social e econômico das próximas gerações. (TRINDADE, 2020 p. 245).

Para isso, é preciso que essas crianças possam contar com algumas experiências frequentes, como: leitura de diversos textos, independente de gênero ou tipo de texto e que o professor possa incentivar a escrita feita pela criança, propor situações em que ela possa, por exemplo, colocar seu nome no material escolar, em desenhos e outras produções, que presencie sua professora escrever uma lista de material, um bilhete para as famílias ou até mesmo incentivá-la a escrever uma cartinha para a família.

Porém, fazendo uma análise de alguns fatores que elevam o nível de produção da criança durante a alfabetização, foi visto que portadores como: quadrinhas, formação de palavras, releituras de contos infantis, leituras de imagem, produção de textos diferenciados, como: texto com rótulos, ditado estourado com reconhecimento através de imagem, parlenda cantada, etc. No entanto, a utilização dessas metodologias, bem como a criatividade no desenvolvimento das atividades, ficará a critério do professor e de acordo com o currículo a o qual ele segue.

Os rótulos e embalagens de produtos de consumo encontrados em nossas casas, por exemplo, são portadores de textos que cumprem a função de informar, veiculando textos escritos curtos com imagens. Visto que a escolha desse tipo de texto faz com que a criança possa compreender que pode realizar atividades com materiais encontrados em sua própria casa. Esses tipos de textos também são fundamentais para o exercício da cidadania e, se bem trabalhados na alfabetização podem trazer contribuições importantes para os avanços dos alunos no processo de aquisição da leitura e escrita.

Os textos compostos por formação de palavras, reescrita, listas, são portadores que utilizam diversos materiais didáticos em sua realização. O alfabeto móvel, os jogos com sílabas, por exemplo, são recursos didáticos riquíssimos para a alfabetização, pois, estes trazem formas diversificadas de construção de textos que a criança pode descobrir durante os momentos de curiosidade ao explorar os materiais. O ditado estourado, a quadrinha e a parlenda, no entanto, são textos curtos que podem ser produzidos por meio de frases fatiadas, no qual o aluno vai tentando encaixar as frases nos lugares destacados a partir da leitura do texto feita pelo professor.

A releitura de contos infantis é um portador que, dependendo da criatividade do professor, poderá ser explorado de várias maneiras. Como se sabe, os contos infantis são responsáveis pelas viagens imaginárias de muitas crianças, que vai de se transformarem em príncipes e princesas, em heróis, a transformação em seu animal favorito, etc. Por isso, trabalhar a partir desse portador pode fazer com que o professor tenha conteúdo para muitas aulas, assim como os personagens e a forma como deseja que a atividade seja realizada.

A leitura, além de ser uma ótima companheira, é um hábito prazeroso, que preenche alguns espaços vazios, sem falar que é essencial para o desenvolvimento pessoal, especialmente para aqueles que estão na fase de descobertas. A literatura infantil, por exemplo, é bastante rica em detalhes, inclusive alguns bem peculiaridades, assim como:

A fábula: Costumam ser uma história curta, embora seja bastante comum vermos fábulas sendo protagonizadas por animais ou objetos, algumas delas também têm seres humanos como personagens. As fábulas sempre terminam com alguma lição, o que pode ser importante para estimular o senso moral nas crianças. Ex: A cigarra e a formiga, que enquanto a formiga trabalha para armazenar alimento para o inverno, a cigarra fica o tempo todo atoa, com um violão nas costas e cantando o tempo todo. Até que, com a chegada do inverno, a cigarra acaba passando fome por que não quis trabalhar para conseguir comida, assim como fez a formiga.

Os contos infantis: Os contos são narrativas compactas, onde os personagens geralmente estão envolvidos em um conflito que precisa ser resolvido logo. Portanto, mesmo de modo inconsciente, a leitura de contos estimula muitas crianças e jovens a encarar seus problemas, motivados pelos atos corajosos de seus personagens, por exemplo, história do patinho feio, que nasceu em uma família de patos, mas, por ser muito diferente dos outros irmãos acabou sendo hostilizado e desprezado por todos. Até que um dia, ao tentar fugir para longe para se livrar da indiferença de seus pais e irmãos, acabou encontrando uma família de cisnes, e, devido às semelhanças, percebeu que havia nascido na família errada e por isso era tão diferente de sua suposta família.

As lendas: São histórias narradas por populares, geralmente baseadas em acontecimentos históricos e repassadas através de gerações. É normal a mesma lenda pode ter diferentes versões, pois estas variam de acordo com o local onde é contada. As lendas podem ser ótimas para o desenvolvimento cognitivo dos jovens e crianças, já que mexem com o imaginário popular.

Os mitos: Os mitos, no entanto, são uma derivação das lendas e são histórias com enorme potencial para estimular a imaginação e a criatividade das crianças, pois podem envolver seres mágicos e artefatos sobrenaturais. Alguns mitos, os mais conhecidos foram repassados oralmente por muitas gerações e há muitos anos. Eles tinham a intenção de explicar o desconhecido, principalmente fenômenos sobrenaturais. Dessa forma, surgiram desde as histórias dos deuses gregos e dos personagens do nosso folclore.

Estes, por serem os mais requisitados no processo de alfabetização, são portadores que podem ser trabalhados de diversas formas: teatro, apresentação com caracterização, leitura de imagem, etc.

ESTRATÉGIAS DE LEITURAS QUE CONTRIBUEM PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A leitura possibilita a aquisição da maior parte dos conhecimentos acumulados pela humanidade. É um ato que desenvolve a imaginação nos

momento em que o leitor se coloca dentro da história e se encaixa em meio aos figurantes, passando a sentir a mesma emoção de quem estaria ali, dando vida aos personagens. É por meio da leitura, desenvolvemos a imaginação e o raciocínio crítico.

Para ler necessitamos simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e na nossa própria bagagem, e em um processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas (SOLÉ, 1998, p. 23)

Ler é buscar atribuir sentido a um texto, é compreendê-lo. Segundo Lajolo (2005), a leitura é uma das atividades de maior importância para a formação do discente, portanto, esta deve ser trabalhada com prioridade na escola com o objetivo de formar leitores críticos. Neste sentido, visto que é através da prática da leitura que os discentes aprendem a defrontarem com a escrita, tornando-se proficientes ao uso desta de forma compreensiva e eficaz. Porém, isso só se consegue com experiências e estratégias de leitura, acarretando muita reflexão e discussão para que se possa relacionar um texto a outro sem perder o sentido.

Mesmo antes de aprender a ler, existe uma série de conhecimentos que uma pessoa aprende sobre o exercício da leitura, somente por conviver com outras pessoas que dominam a prática da leitura. Porém, ainda existem muitas crianças por não conviverem com leitores, demoram a perceber o significado e a função social da escrita. Algumas pessoas não sabem que, para identificar o destino de um ônibus, basta ler o que está escrito no letreiro. Para elas, o jornal não é mais do que um papel de embrulho. São incapazes até mesmo de identificar marcas de brinquedos, cartazes de ruas, rótulos de produtos, etc.

Para se adaptar a esse mundo mergulhado na escrita e aprender as informações que nele circulam, é preciso ter uma flexibilidade que permita lançar mão de uma série de estratégias de leitura. Não se lê da mesma forma um folheto, uma conta de luz, uma história em quadrinhos, as notícias de um jornal. O tipo de leitura a ser feita é determinado pelo objetivo e interesse que se pretende alcançar com essa leitura. Lembrando que antes de ler um livro,

um verdadeiro leitor é capaz de imaginar de que assunto ele trata (antecipação da leitura), e diante desse mesmo livro pode se pergunta qual história ele conta.

Durante a leitura, se faz necessário tenta adivinhar o que virá em seguida ou procurar compreender o que não está claro no texto, buscando uma tentativa de atribuir sentido ao conteúdo exposto e no intuito de se confirmando ou não o que se imaginou com relação à história lida (validando informações). Entretanto, esse conhecimento de caso nos permite ganhar tempo e autonomia, embora que, na realidade, só conseguimos êxito com a leitura de diferentes tipos de textos. É essa experiência que se deve propiciar ao aluno, tornando verdadeiro o ato de ler, tal como acontece fora da escola, onde se lê por prazer, para obter informação, conhecimento ou para ampliar a visão de mundo. Neste sentido, SOLÉ, (1998, p. 171-172) comenta que:

Durante muito tempo consideramos a atividade de ler como uma sequência, na qual o aprendiz passa por certas etapas que poderíamos caracterizar (...). Trata-se apenas de fazer com a leitura o que se faz com outros conteúdos do ensino: mostrar como um especialista os maneja, planejar situações em que o aprendiz possa abordar progressivamente este manejo e ajudá-lo para que, partindo de onde se encontra, possa ir sempre um pouco além, no sentido do domínio autônomo (SOLÉ, 1998, p. 171-172).

Portanto, não basta colocar as crianças em contato com os livros ou materiais escritos. Embora seja a primeira condição, é preciso ajuda-las a compreender os textos complexos, podendo contribuir com isso comentando textos, fazendo perguntas, lendo juntos, trazendo informações sobre autores e temas, ajudando a descobrir significado de palavras, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este estudo sobre a importância do ato de ler na formação do educando, mostra que a criança que é estimulada desde muito cedo e que tem contato com os diversos portadores, conseqüentemente terá um vocabulário e um linguajar mais amplo, bem como habilidade para interpretar.

Assim, a leitura é tão importante que incentivá-la que deve ser assumido por todos. Como se pode ajudar crianças e jovens a ter acesso ao mundo da escrita, tomar gosto pela leitura, desvendar o significado do texto escrito? Como

possibilitar que eles se tornem leitores, e dessa forma tenham mais oportunidades de se transformar e transformar o mundo.

Portando, o exercício da leitura necessita ser uma prática constante desde dos primeiros anos do educando, compete aos educadores esse trabalho, a leitura deve transpor a prática do professor de forma a desenvolver as competências dos alunos para que eles apossam do conhecimento historicamente acumulado, proporcionando um trabalho amplo e significativo, por meio da prática de leitura que envolvam diferentes gêneros e estratégias.

REFERÊNCIAS

- CAFIERO, Delaine. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. In BRASIL, secretária de educação básica. Língua portuguesa, V. 19- coleção explorando o ensino-Brasília, 2010. P. 88.
- FAUCAMBERT Jean. **A leitura em questão**. /trad Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. 9 ed. São Paulo: Cortez: 1992
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: três artigos que se complementam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2005.
- LEFFA, Vilson J. **-Aspectos da leitura**: editora:Sagra: DC Luzzatto,Porto Alegre 1ª ed.1996.
- PESSOA, Lilian. **Metodologia e Prática do Ensino da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Sol, 2012.
- POSSEBOM, Ardina. **Práticas de leitura na educação**. Vargem Grande, 2008.
- Rosa, Adriana. **Lúdico & Alfabetização**. Curitiba: Juruá, 2008.
- SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- TRINDADE, Maria José. **Diálogos Pedagógicos A Educação em Pauta: Importância da Leitura no Processo de Alfabetização**. Ed. Pedro & João 1ª Edição, 2020.
- UNESCO. **Towards knowledge societies**. UNESCO World Report. Paris, 2005.
- VIGOTSKY, L.S. A.R. e LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 4. ed. São Paulo: Icone,1988, p.143.

GESTÃO ESCOLAR: A IMPORTÂNCIA DO TRABALHO DOCENTE CENTRADO EM VALORES ÉTICOS, VISANDO A VALORIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Maria José silva Almeida Trindade

Léia Araújo Santos

Luciene Suzarte Santos

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Para desenvolver o trabalho com qualidade e assegurar uma atuação institucional em torno de um eixo, exige do gestor vários esforços, não só no âmbito da gestão da qualidade social e na prestação de serviços, mais também na permanente atenção com relação aos níveis de relacionamento existentes dentro da escola, como também no que diz respeito a responsabilidade sobre os resultados obtidos durante o percurso, e na repercussão das ações realizadas, esses impactos vão muito além dos muros da escola.

Assim sendo, a partir de estudos bibliográficos, é possível comprovar que existem vários desafios a serem enfrentados para amenizar os entraves que a escola sofre em sua gestão escolar e na maioria dos casos são: Infraestrutura escolar inadequada, falta de formação dos professores e dos profissionais envolvidos no processo. Esses fatores dificultam na aplicação das estratégias e técnicas apropriadas que podem influenciar positivamente na prática diária escolar voltada para o desenvolvimento intelectual dos alunos.

Partindo desse contexto sabemos que há várias alternativas que podem contribuir e influenciar para que a escola tenha uma gestão apropriada e que possam caminhar coletivamente em prol da realidade que a sociedade espera, e somente quando as pessoas, ou seja, toda a comunidade escolar se envolve diretamente com o desenvolvimento das ações institucionais sob o ponto de vista ético. Não há como ser uma instituição ética sem o envolvimento e a contribuição de cada um

E as mudanças acontecem a partir das atitudes de cada um, e das estratégias metodológicas que cada um aplica baseando-se as dificuldades e especificidade de cada educando. O profissional da educação precisa ser ético e ter conhecimento que ser ético não é sinônimo de ser bom, mais sim ser benéfico. O bom é circunstancial, o bem é universal. O que é bom para um, talvez não seja bom para outros. Portanto, é desafiador ser ético, pois para construir o bem comum, muitas vezes as pessoas tem de abrir mão daquilo que é bom para elas, daquilo com que estão habituadas, ou que não desejam transformar. Portanto ética é a diferença entre o que eu quero fazer, e aquilo que eu posso fazer.

As pessoas atuam de forma ética quando enraízam suas ações em valores humanos universais e estabelecem um diálogo transparente com sua própria consciência, a questão ética está diretamente ligada ao ser humano, (Aristóteles, 1973 P.45) diz que:

Ética (gr.Ethike, de ethikós: que diz respeito aos costumes). Parte da filosofia prática que tem por objetivo elaborar uma reflexão sobre os problemas fundamentais da moral [...] mas fundada num estudo metafísico do conjunto das regras de conduta consideradas como universalmente válidas. Diferentemente da moral a ética está mais preocupada em detectar os princípios de uma vida conforme a sabedoria filosófica, em elaborar uma reflexão sobre as razões de se desejara a justiça e a harmonia e sobre os meios de alcançá-las. A moral está mais preocupada na construção de um conjunto de prescrições destinados a assegurar uma vida em comum justa e harmoniosa. (JAPIASSÚ, 1996, p.93)

Portanto, é necessário que cada pessoa que faz parte da instituição escolar tenham conhecimentos básicos sobre ética e que faça uma nova conceituação do que vem ser educação, para que ela seja compreendida como um processo inerente a própria vida, que ocorre de múltiplas formas, em que simultaneamente, ensinamos e aprendemos a ser, a conhecer, a fazer e a viver juntos.

Percebe-se que é na Educação Infantil que a criança aprende a gostar de aprender de maneira prazerosa, atrativa, lúdica. É preciso que o professor tenha consciência de que é por meio da brincadeira que a criança amplia, cria, recria e ao mesmo tempo desenvolve seus conhecimentos e a socialização de saberes.

Destaca-se a importância da formação dos profissionais que atuam nessa área é de suma importância para o desenvolvimento da criança, para tanto é

necessária uma grande sabedoria do gestor escolar em identificar a necessidade e trabalhar de forma ética para auxiliar os professores.

A escola faz parte desse processo, e precisa ensinar que ela não termina com a obtenção de um certificado de conclusão, escola é para a vida independente de estarmos ou não trabalhando dentro delas. Tudo que aprendemos na escola levamos para a vida.

METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado como uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico. Segundo Manayo (2003, p. 16-18), a pesquisa qualitativa é o caminho do pensamento a ser seguido. Ocupa um lugar central na teoria e trata basicamente do conjunto de técnicas a serem adotadas para construir uma realidade.

Portanto, a pesquisa caracteriza-se como bibliográfica documental, sendo composta de dados como: artigos, dissertações, monografia, revistas eletrônicas e documentos que foram utilizados para produzir esse trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desenvolver o trabalho com ética e moral

A construção de uma cultura ética nos exige esforço e percepção, pois faz-se necessário conhecer o contexto e observar as múltiplas dimensões. É necessário a compreensão de que as políticas do trabalho realizado dentro da escola trazem resultados e pode provocar diferentes repercussões, pois dentro da instituição existem vários níveis de relacionamentos entre os membros. Assim sendo, percebe-se a importância de saber diferenciar as diferentes instâncias da ética.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais ressaltam a importância do tema: ética no contexto escolar, não em uma única disciplina, mas ele perpassa por todas as áreas do conhecimento.

Em resumo, verifica-se que questões relacionadas à Ética permeiam todo o currículo. Portanto, não há razão para que sejam tratadas em paralelo, em horário específico de aula. Pelo contrário, passar ao lado de tais questões seria, justamente, prestar um desserviço à formação moral do aluno: induzi-lo a pensar que ética é uma “especialidade”, quando, na verdade, ela diz respeito a todas as atividades humanas (BRASIL, 1997, p. 63).

Pode-se dizer que a ética pode ser considerada como uma movimentação de indivíduos que podem atuar sobre uma determinada organização e sobre a sociedade, percebe-se então que o currículo pode ser trabalhado de forma a contribuir com os resultados de modo que o discernimento pode ser visto acerca do enraizamento interno das suas próprias ações, e da tomada de consciência sobre os valores que orientam a sua própria atuação. Esse resultado pode ser imposto, em última instância, à partir da dimensão do caráter desenvolvido no ser humano. Nenhuma norma imposta pela sociedade consegue ter alcance direito sobre este foro íntimo de um indivíduo pois cada pessoa desenvolve uma responsabilidade individual que fará parte da sociedade.

Assim sendo, a ética pode ser considerada como um movimento do indivíduo sobre a organização e, em última instância, também sobre a sociedade. As leis, as normas, as regras podem ser vistas como os instrumentos de uma instituição ou da própria sociedade que atua diretamente sobre o indivíduo. À partir de um conjunto de normas, é possível ou não vir a estabelecer abordagens comuns de uma convivência harmônica, tudo pode depender do desenvolvimento à partir de um escala humana e de sustentação da vida.

A moral pode estar diretamente ligada aos hábitos e costumes do indivíduo podendo assim ser considerada como o resultado da ação da cultura sobre o complexo formado por indivíduo/instituição/sociedade. Pode ser vista como a formação de uma mentalidade, da estruturação de uma maneira de viver, agir e expressar a vida. Assim sendo podemos dizer que a moral é um conjunto de hábitos que tem a finalidade de formar nosso caráter e nos conduzir as nossas principais ações que vivemos no dia a dia.

Os indivíduos, por meio de uma cultura que pode ser de tradição e costumes, vão ao longo da vida adquirindo os seus valores morais. Desse modo é possível entender a religião como um conhecimento mais complexo que a moral para a transmissão de conhecimentos porque envolve a relação entre

mundo real (mutável e profano) e espiritual (imutável e sagrado) (DURKHEIM, 1996; SPINELLI, 2009, HUME, 2004).

Vale a pena ressaltar que os seres humanos viveram com a moral muito antes do aparecimento do conhecimento religioso:

[...] como demonstra a própria história da humanidade, a moral não somente se origina na religião, mas também é anterior a ela. Durante milênios, o homem primitivo viveu sem religião, mas não sem certas normas consuetudinárias que regulamentavam as relações entre os indivíduos e a comunidade e, ainda que em forma embrionária, já tinham caráter moral (VÁZQUEZ, 2008, p.91).

A moral pode estar diretamente ligada aos hábitos e costumes do indivíduo, sendo assim, pode ser considerada como o resultado da ação da cultura sobre o complexo formado por indivíduo/instituição/sociedade. Pode ser vista também como a formação de uma mentalidade, da estruturação de uma maneira de viver, agir e expressar a vida. Logo, podemos dizer que a moral é um conjunto de hábitos que tem a finalidade de formar nosso caráter e nos conduzir as nossas principais ações que vivemos no dia a dia.

Neste caso, faz-se necessário ter em mente que não podemos obter a cooperação organizacional e sensibilidade de uma comunidade se nosso modo de ver e fazer as coisas não estiver sendo feito de forma a pensar no todo e não apenas nas partes.

Quando seu próprio bem-estar é a preocupação primária e o ponto de partida para a criação das suas ações, a tendência é ajustar as antenas da percepção, do conhecimento e da sensibilidade de modo a filtrar o resto do mundo. O espírito do “primeiro eu” dá origem ao “cada um por si” ou àquilo que muitos definem como a “lei da selva”. Seguramente não é uma postura que honre nossa condição humana. É necessário pensar e agir de forma a pensar sempre no coletivo. Na gestão em momento nenhum pode prevalecer o egocentrismo.

É necessário perceber que, uma das grandes revoluções do pensamento gerencial estratégico para o século XXI, diz respeito a integração entre razão, sensibilidade e ação. Há muitos anos essa possibilidade integradora vem sendo sugerida e exercitada pelos seres humanos, mas no atual momento, ela se transformou em grande urgência, para ser um bom gestor, não basta dispor da informação, é necessário criar as estratégias, porém isso não nos garante uma

ação consciente. Temos que estar sempre prontos a mudar de acordo com a necessidade da comunidade escolar.

O que nos motiva, nos contagia e enobrece não é tão somente saber o que se está fazendo, é preciso acreditar no que se faz. A estruturação de um eixo de coerência entre cabeça, coração e ação depende do estilo de gestão que promova um serviço de alto valor acrescido com flexibilidade, capacidade de resposta, isso significa: saber ouvir, ter consciência de qualidade, disposição para descartar sistemas estabelecidos que não estão dando certo, ter mentalidade inovadora, estar aberto a novas parcerias e inovação.

AS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DENTRO DA ESCOLA

A escola pode ser vista como um espaço social de suma importância para a aprendizagem e desenvolvimento dos indivíduos, porém é importante ressaltar que os seres humanos tem diferentes perfis cognitivos. O papel da escola é de oferecer uma educação de qualidade que favoreça o potencial de cada indivíduo. Considerando que o seu desenvolvimento acontece a partir dos estímulos do ambiente social e os estímulos favorecem o desenvolvimento de sua inteligência.

Para Damásio, os sentimentos são fundamentais para que a inteligência se desenvolva:

Os sentimentos surgem em primeiro lugar no desenvolvimento individual e conservam uma primazia que atravessa subtilmente toda a nossa vida mental. Como o cérebro é o público cativo do corpo, os sentimentos são os primeiros entre iguais. E, dado que o que vem em primeiro lugar constitui um quadro de referência para o que vem a seguir, os sentimentos têm sempre uma palavra a dizer sobre o modo de funcionamento do resto do cérebro e da cognição. A sua influência é imensa. (DAMÁSIO, 2009, p. 173) .

Desse modo podemos perceber que a inteligência emocional é de suma importância do desenvolvimento das relações interpessoais e pode ser direcionado pela Gestão Escolar, pois pode oportunizar diferentes discussões a respeito do tema com os profissionais que desempenham seu trabalho diário dentro da escola. São essas vivências e reflexões que despertam emoções, sentimentos e afetos não só dos profissionais, como também dos educandos.

A IMPORTÂNCIA DE ENSINAR E APRENDER COM MOTIVAÇÃO

A criança é um sujeito social e histórico como todo ser humano, elas fazem parte de uma organização familiar que está inserida em uma sociedade, cada uma com sua cultura em um determinado momento histórico. Certamente marcada pelo meio social em que se desenvolve, e ao mesmo tempo deixa sua marca. A família é considerada como ponto de referência fundamental, mesmo com a diversidade de interações sociais que lhes são oferecidas.

As crianças possuem em si uma natureza singular, que as caracteriza como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito próprio. Isso ocorre nas interações que se estabelecem desde cedo com as pessoas que são mais próximas e com o meio do qual fazem parte. As mesmas revelam seu esforço para aprender no mundo em que vivem. As relações contraditórias que presenciam, e por meio das brincadeiras explicitam as condições de vida em que estão submetidos e seus anseios e desejos.

No processo de construção do conhecimento as crianças se utilizam de diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem ideias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam aprender. Partindo dessa perspectiva, as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras pessoas e com o meio em que vivem.

Um dos maiores desafios para os professores é compreender, conhecer e reconhecer o jeito de cada criança, pois sabe-se que o universo infantil aponta algumas características comuns, mas elas permanecem únicas em suas individualidades e diferenças.

Sendo assim, o processo de interação social é uma das estratégias mais importantes do professor para promover satisfatoriamente a aprendizagem das crianças, cabendo a ele propiciar situações planejadas de roda de conversa, brincadeiras ou de outras formas para garantir as aprendizagens, orientadas por meio de trocas entre os estudantes, de forma, que possam comunicar-se e expressar-se demonstrando seus modos de agir, de pensar, e de sentir-se em um ambiente acolhedor e que propicia a confiança e a autoestima.

Dessa forma, a existência de um ambiente acolhedor não significa eliminar os conflitos, disputas ou discordâncias presentes nas interações sociais, mas pressupõe que o professor forneça elementos afetivos e de linguagem para que as crianças aprendam a conviver, buscando as soluções mais adequadas para as situações com as quais se deparam diariamente. As capacidades de interação também são desenvolvidas quando as crianças podem ficar sozinhas, quando elaboram suas descobertas, sentimentos e constroem um sentido de propriedade para as ações e pensamentos já compartilhados com outras crianças, e até mesmo com adultos o que vai potencializar novas interações, seja ela no ambiente escolar ou no meio social.

No entanto, o professor deve refletir e discutir os critérios utilizados na organização dos agrupamentos cooperativos e das situações de interação, visando sempre que possível, o auxílio entre as trocas de informações entre as crianças e ao mesmo tempo, garantir-lhes o espaço da individualidade. Em determinadas situações é importante que as crianças com níveis de desenvolvimento diferenciados interajam com outras, deve-se garantir uma proximidade de crianças com interesses e níveis de desenvolvimentos semelhantes e diferentes. Proporcionar a interação é portanto, considerar que as diferentes formas de sentir, expressar e comunicar a realidade pelas crianças resultam em respostas diversas que são trocadas entre elas e que garantem parte significativa de suas aprendizagens.

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil: “portanto, é importante ressaltar que as crianças se desenvolvem em situações de interação social, nas quais conflitos e negociações de sentimentos, ideias e soluções são elementos indispensáveis”. (BRASIL, 1998: pág. 31).

Cabe ao professor proporcionar situações de interação, de troca de experiências entre crianças com a mesma idade, diferentes nas mais diversas situações para proporcionar a aprendizagem. É de suma importância também oferecer durante as atividades educativas, um repertório variado de material didático que favoreça a construção da aprendizagem.

O estabelecimento de condições adequadas para as interações entre as crianças deve ser levado em conta, as questões emocionais, afetivas e as

cognitivas. Um outro aspecto que deve também ser considerado para a realização de um trabalho com eficácia, são as características de cada criança, seja no âmbito afetivo, emocional, social ou cognitivo, quando se organiza situações de trabalho além de ter muito claro os objetivos determinados para cada ação educativa.

Para JAMES L. KUTHER:

Motivar um indivíduo é aumentar a sua necessidade de alcançar uma meta, ou criar tal necessidade se ela não existia. A meta é o incentivo da conduta motivada, e a necessidade específica é o motivo dessa conduta (JAMES 1997; p. 118).

A motivação acontece quando se sente a necessidade de alcançar alguma meta, tendo ela como o motivo para a motivação. Para que o educador possa adaptar a motivação, no processo de ensino aprendizagem, o mesmo precisa avaliar sua força, entre o que o estudante aprende e o que é capaz de aprender. É preciso estar seguro de que, a medida da capacidade de aprender é adequada e relevante. Partindo da concepção de JAMES L. KUTHER:

Se o professor usa uma técnica que aumenta a motivação da maioria de seus alunos, aqueles que não mudaram no seu nível absoluto de motivação mostrarão uma perda relativa de motivação em confronto com os demais. (JAMES 1997; p. 120).

O processo de motivação pode progredir para alguns, porém, para outros não. A mesma também parte não só do professor, mas do estudante de forma intrínseca, quando ele na maioria das vezes contribui espontaneamente. Essas relações além de serem positivas nas experiências de sala de aula, oferecem ao professor uma imagem clara da motivação do estudante. Desse modo, é preciso oferecer as crianças atividades pedagógicas que desenvolvam a interação, a cooperação, a criatividade, a brincadeira, os jogos.

A motivação acontece quando o indivíduo está animado ou entusiasmado, para isso é necessário uma boa prática educativa, pois a educação requer ação e como resultado dessa ação, há o aprendizado. Mas para que se realize a ação que resulte no aprendizado é necessário que haja a vontade de aprender. Portanto, cabe ao professor descobrir estratégias, recursos para fazer com que

o estudante sinta vontade de aprender, fornecendo estímulos que promovam a motivação.

Na maioria das vezes a motivação dos educandos pode ser reduzida pelo professor, devido falta de motivação.

Um educador motivado tem a capacidade de perceber o desenvolvimento das crianças. O professor precisa interessar-se, principalmente pela forma de desempenho, o que resulta no processo de ensino e aprendizagem. Quando há motivação no ensino, conseqüentemente a criança terá uma aprendizagem satisfatória.

Partindo da concepção de (FREIRE, 1996, p.47): “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Nessa perspectiva ensinar não é apenas passar tais conhecimentos, mas criar possibilidade que sejam eficazes, tanto para a sua prática construtiva, quanto para o processo de aprendizagem, pois a construção do conhecimento é um processo amplo e construtivo, o qual exige práticas educativas que sejam satisfatórias no desenvolvimento da aprendizagem das crianças. No entanto, cabe ao educador proporcionar situações de ensino de modo que satisfaça a necessidade de cada estudante. Proporcionar momentos de interação com outras crianças, ou mesmo do próprio educador nas atividades lúdicas é bastante estimulante no desempenho dos mesmos.

Quando a criança é estimulada ela desenvolve a aprendizagem de forma espontânea, Sendo assim, o processo vai sendo construído aos poucos.

No entanto, a motivação não deve partir do educador, também precisa ser transmitida pela família. Quando a escola se aproxima da família o processo educativo resulta num maior desempenho acadêmico dos estudantes. Caso contrário, quando há um baixo desenvolvimento nessa aproximação família-escola há dificuldades maiores para processo educativo, poderá haver um risco para o abandono e para o fracasso escolar. A interação das famílias e da escola no processo educativo do indivíduo, tem traz resultados relevantes no desempenho escolar da criança.

Quando existe essa parceria entre escola e família de modo que os pais se interessem pela escolaridade de seus filhos, os mesmos desenvolvem atitudes positivas em relação a aprendizagem dando origem ao sucesso acadêmico e pessoal, construindo suas potencialidades e transformando em capacidades.

Diante disso, percebe-se que o desenvolvimento da criança está ligado a escola e a família. Nesse sentido há uma motivação de forma mais construtiva. É quando essa motivação já parte de casa, se tornasse mais fácil para o educador, no desempenho de sua prática, tornando-se nesse aspecto mais significativa e comprometedora ao ensino construtivo.

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Infelizmente, a maioria dos professores do país, possuem conhecimentos superficiais sobre altas habilidades e apresentam dificuldades para identificar e atender esse grupo de alunos. Assim sendo, percebe-se a grande necessidade de uma atenção diferenciada no que diz respeito aos gestores escolares.

A formação de professores para os primeiros anos da Educação básica era realizada nos cursos de formação de nível Médio, o antigo curso Normal, que passou a ser chamado de habilidades para o magistério, com a Lei 5.692/71.

Cabem as redes de ensino, investir em capacitações e atualização permanente a serviço de seus professores sejam eles de creche ou pré escola, aproveitando as experiências acumuladas daqueles que já vem trabalhando com crianças há muito tempo e com qualidade, ampliando assim a formação da carreira docente.

Nessa perspectiva, faz-se necessário que estes profissionais, nas instituições de educação infantil, tenham ou venham a ter uma formação inicial sólida e consistente acompanhada de adequada e permanente atualização em serviço. Assim, o diálogo no interior da categoria tanto quanto os investimentos na carreira e formação de profissional pelas redes de ensino é hoje um desafio presente, com vista à profissionalização do docente de educação infantil. (RCNPEI, 1998, P. 41. VOL.1).

Os educadores precisam de uma ampliação na carreira docente, para se ter um trabalho satisfatório sabendo suprir as necessidades das crianças. É

preciso muito investimento pessoal, bem como o comprometimento profissional para se obter maior qualificação ao longo desse processo educativo.

A partir da apresentação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL,1996) alguns cursos de Pedagogia passam a se ocupar da formação de profissionais para a educação Infantil, incluindo criança de 0 a 5 anos, situando-a como primeira etapa da educação Básica (Art.24). No artigo 62, o professor é caracterizado, como docente, cuja formação se fará em nível superior, admitindo-se como formação mínima a oferecido em nível de ensino médio – modalidade Normal.

Com uma formação ampla, o profissional torna-se um verdadeiro aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, buscando informações e subsídios necessários para o desenvolvimento de metodologias apropriadas para a educação Infantil.

Nessa perspectiva o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI) ressalta que: “A implementação de uma proposta Curricular de qualidade depende, principalmente dos professores que trabalham nas instituições. Pois, é por meio de suas ações que devem ser planejadas. (RCNEI 1998, p. 41, vol.1).

O desenvolvimento de um trabalho bem qualificado depende da força de vontade do educador, pois se o mesmo não sentir vontade alguma em ampliar sua prática consequentemente seu ensino não vai ter rendimento nenhum.

No entanto, cabe ao educador por meio da intervenção Pedagógica, proporcionar atividades significativas que levem a uma aprendizagem de sucesso. Para que isso aconteça, faz-se necessário que o profissional reflita sobre sua prática Pedagógica, transmitindo um trabalho prazeroso e agradável para ambos os indivíduos, pois para tornar o educando estimulado, esse incentivo deve partir primeiramente do docente. As práticas mais adequadas são aquelas que despertam o prazer de aprender e de ensinar, tanto no aluno quanto no professor.

Porém com a ausência de uma prática reflexiva e contínua nos cursos de formação dos professores da Educação Infantil e a pouca clareza na definição

do perfil desses profissionais, as propostas de formação de professores visavam um perfil profissional, diferente daquele sem qualificação dos anos anteriores.

A atuação de profissionais de educação Infantil tem sido foco de estudos, debates, reflexões e constantes alterações. É fato histórico que, durante décadas a modalidade de Ensino não era prioridade no Sistema de ensino, principalmente para crianças de cidades com populações baixas, interiores de estados ou crianças do campo. O problema tornava-se mais complexo quando nos primeiros anos de escolaridade destinava-se a professores com pouca, ou nenhuma formação profissional. Na grande maioria dos que atuavam nas turmas de Educação Infantil não tinham nem mesmo a formação mínima, hoje exigida por lei, (o magistério).

Diante da necessidade que vinha surgido da falta de objetividade das Instituições de Ensino, do Sistema, o MEC lança uma proposta Pedagógica que tem como objetivo além de garantir a criança o acesso, prima pela apropriação de processo, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à dignidade, à brincadeira, à convivência e interação com outras crianças. Com essa perspectiva a situação apresentada passa a ter uma outra visão diante do Sistema de Ensino, com uma nova duração social de obrigatoriedade e o profissional também, nesse contexto a qualificação profissional tem um novo olhar que vai além de discurso político, e passa a ser exigência legal.

Hoje a Educação Infantil é parte de um processo de desenvolvimento de formação contínua da criança. Nos primeiros anos de escolarização os aspectos efetivos, cognitivos, psicomotores, sociais, culturais, emocionais devem ser afluídos e para isso se faz necessário profissionais competentes e com grandes habilidades construídas. São esses professores que irão preparar a base inicial dessas crianças. Para isso, é de suma importância conhecer em detalhes a vida particular dos seus educandos, suas necessidades a situação social ao qual eles se encontram a estrutura familiar, seus desejos, suas frustrações, a relação social e o diálogo constante com os familiares, esse último é primordial para o desenvolvimento de um trabalho com eficácia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do presente trabalho nos fez perceber toda importância do trabalho da gestão escolar, pelo fato de nos fazer ter a percepção de toda responsabilidade acarretada sobre as atribuições de um gestor frente a equipe ao qual lidera, bem como as cobranças advindas de outras instâncias da gestão como um todo.

Liderar com base nos valores éticos, morais não é tarefa fácil pelo fato do gestor não está sozinho na função. Por isso, é preciso equilíbrio entre quem lidera, e quem é liderado, para que o trabalho seja pautado nos princípios de uma gestão emancipadora e democrática.

Faz-se necessário que o gestor seja capaz de orientar o professor, pois esse precisa conquistar a confiança de seus educandos e ao mesmo tempo acreditar e confiar sempre no potencial existente em cada um, para poder então desenvolver um trabalho significativo, fica claro a importância de uma formação continuada de qualidade, e a importância de proporcionar situações educativas para que, dentro dos limites impostos pela vivência em coletividade, cada criança possa ser respeitada em seus hábitos, ritmos e preferências individuais. Da mesma forma, ouvir as falas das crianças compreendendo o que elas estão querendo comunicar, fortalecer a sua autoconfiança.

Para que possamos exercer liderança entre a equipe é fundamental entender que a gestão de pessoas não se reduz exclusivamente aos processos de seleção, capacitação, formação de equipes e distribuição de responsabilidades. Ela é mais desafiadora do que isso, pois envolve um processo dinâmico de transformação e ação, inerente as pessoas. E desafiar exige tirar as pessoas da zona de conforto para submetê-las ao desafio das mudanças que visa acima de tudo, a busca de resultados positivos para toda equipe e sobretudo para aqueles que são o público alvo de todo processo. Ou seja, os educandos e a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Torrieri Guimarães & Revisão Rosana Gilioli. 6ª edição. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB. Lei nº. 9394/96. Brasília MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**/ Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental.- BRASÍLIA: MEC/SEF, 1998. 3 V. Volume 1: Introdução; volume2: Formação pessoal e Social; volume 3: conhecimento de mundo.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1998b.
- DAMÁSIO, Antônio. **O sentimento de si -Corpo, emoção e consciência**. Lisboa: Temas e Debates – Círculo de Leitores, 2009;
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessário à prática Educativa**/ São Paulo: paz e terra, 1996 (Coleção leitura).
- JAPIASSÚ, H.; Marcondes, D. **Dicionário básico de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- KUTHER, James L. **O processo ensino aprendizagem**. – trad. De Leone vallando. Porto alegre, edição Globo, 1997.
- MINAYO, **M.C. de S. (Org.)** Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade. **22 ed. RIO DE Janeiro: Vozes, 2003**
- VÁZQUEZ, A. S. **Ética**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2008.
- VYGOSTSKY, Lev. Seminovich. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. Ed, São Paulo; 1998.

O AVANÇO DAS TECNOLOGIAS E A CULTURA DO ATRASO NO ENSINO PÚBLICO BRASILEIRO

Regiane Santos da Silva

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No ano de 2020 o mundo quase parou por conta da pandemia da covid-19. A partir daí criaram-se novas dinâmicas de interação, obrigando trabalhadores da educação, ou não, a se adequarem ao trabalho daquele momento histórico, porém, no caso da educação pública evidenciou-se o atraso dos meios facilitadores para esta interação.

É sabido que as tecnologias educacionais deveriam no século XXI ser utilizadas como instrumentos democratizantes, fortalecedores da promoção, da justiça social, permitindo que o acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, dê-se realmente segundo a capacidade de cada um. Só que a realidade das escolas públicas percebe-se que não conseguem atender nem 1/3 da metade das demandas que já deveriam ter sido resolvido desde a redemocratização. Ficou evidenciado que os recursos tecnológicos necessários para se promover de fato a justiça social que vem em crescente nos últimos dez anos, simplesmente não existiam nas escolas.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) estimou que cerca de 6 milhões de estudantes viviam sem acesso à internet banda larga e móvel nas suas casas.

“Entre os dados compilados, o relatório destaca que, apesar do avanço no número de usuários de internet nos últimos anos, 47 milhões de brasileiros permanecem desconectados, sendo que 45 milhões (95%) estão na classe C e D/E, conforme números da TIC Domicílios 2019. Sobre a realidade dos estudantes, levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) estima que cerca de 6 milhões de alunos vivem completamente sem acesso à internet fixa ou móvel em casa. Além disso, na classe A apenas 11% dizem fazer uso da rede exclusivamente no celular. Nas classes D e E, o percentual salta para 85%. Para o Idec, “apesar de serem úteis em casos extremos, celulares limitam as possibilidades pedagógicas de produção de conteúdo, pesquisas acadêmicas e uso autônomo para aprendizado, tanto do professor quanto do aluno”. (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 16/06/21)

A ausência de conexão, junto às dificuldades de familiares e responsáveis auxiliarem pedagogicamente seus/suas filhos/as e dos professores utilizarem ferramentas novas, foram os principais entraves para a educação pública. Neste cenário a educação durante este período não parou, mas poucos investimentos de lá para cá foram feitos para que a legislação seja aplicada e as novas demandas resolvidas. Ainda segundo a mesma reportagem:

A maioria das soluções emergenciais adotadas por secretarias municipais e estaduais passou pelo acesso à internet: aplicativo com aulas e materiais para download; portal que centraliza as ofertas pedagógicas e orientações oficiais; dados patrocinados para acesso a serviços pedagógicos sem descontar do pacote de dados; empréstimo, subsídio ou doação de equipamentos para uso dos alunos e/ou professores; doação de chips; transmissão de aulas via TV ou rádio; e disponibilização de material impresso.

“Desde o começo da pandemia a gente alertou que não eram aconselháveis políticas públicas emergenciais que não considerassem a realidade de infraestrutura dos domicílios, acesso a insumos por parte dos estudantes e de suas famílias e foi o que aconteceu. Foram construídas políticas públicas emergenciais de base excludente”, avaliou Andressa Pellanda, da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, que participou do lançamento.” (DIÁRIO DE SÃO PAULO, 16/06/2021).

Ou seja, naquele momento políticas foram criadas, porém insuficientes para conseguir atender a necessidade de todos os alunos e principalmente suprir uma necessidade da escola pensando a longo prazo e não somente naquele momento de pandemia, mas medidas que fossem adotadas para que os investimentos pudessem ser para um pós pandemia e modernizar o ensino público.

Vale ressaltar também que a falta de familiaridade dos professores brasileiros com os dispositivos tecnológicos representou uma dificuldade na realização das atividades pedagógicas durante o período pandêmico, porém, após o retorno para as escolas em maio 2021, estes professores foram levados apenas a seguirem os scripts e a continuarem vivendo suas rotinas escolares agindo como se o período não tivesse existido. As formações destes profissionais continuam não sendo voltadas para os avanços tecnológicos, a forma de aplicação destas formações não foram modificadas e as mesmas continuam acontecendo como mera formalidade burocrática, cumprimento de horários, ou algo do gênero e para o que seria uma reinvenção extraordinária nas próximas décadas, como muito se promoveu para obrigar o professor a

participar de lives e reuniões por meio de aplicativos de chamada de vídeo, continuamos bem distantes de conseguir atender nos mais de 5000 mil municípios brasileiros, especificamente no estado de São Paulo.

Na rede municipal de Caieiras-SP, por exemplo, nenhum equipamento tecnológico foi comprado para as escolas até o presente momento e os existentes comprados em anos anteriores já formam uma montanha de sucata, já que softwares não podem ser atualizados com o passar do tempo, ou estão apenas na parede cheios de poeira.

Neste contexto o que pode ser feito então para que avanços dentro das salas de aula ocorram, índices de alfabetização subam e os de baixo possam ter acesso a uma educação de fato de qualidade? Para Libâneo, por exemplo:

O sistema educativo, incluindo as escolas, as igrejas, as agências de formação profissional, os meios de comunicação em massa, é um meio privilegiado para o repasse da ideologia dominante. Consideremos algumas afirmações que são passadas nas conversas, nas aulas, nos livros didáticos: “O governo sempre faz o possível, as pessoas é que não colaboram. “Os professores não devem se preocupar com política, o que devem fazer é cumprir sua obrigação na escola.”[...] “ A educação é a mola do sucesso para subir na vida. “Nossa sociedade é democrática porque dá oportunidades a todos, se a pessoa não tem um bom emprego ou não consegue estudar e porque tem limitações individuais.” [...] Essas e outras opiniões mostram ideias e valores que não condizem com a realidade social. Fica parecendo que o governo se põe acima dos conflitos entre as classes sociais e as desigualdades, fazendo recair os problemas na incompetência das pessoas e que a educação pode reduzir as desigualdades sociais porque dá oportunidade a todos... O fato é que a pandemia não inaugura esta demanda, esta demanda já existia, apenas se potencializa e não basta apenas a compreensão da importância das tics nas escolas, são necessários investimentos urgentemente. (LIBÂNEO, 2006, p. 20)

Nesta pesquisa discutiremos como as redes de ensino precisam evoluir neste sentido e democratizar o acesso às TICs.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Segundo a Constituição Federal de 1988. *Art. 206.*

- O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:
- I - Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola...
- VII - Garantia de padrão de qualidade;

Baseando-se ainda na LDB (9394/96) em seus artigos 4º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho...” E Art.22º: “A educação básica tem por finalidade desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício de sua cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores...(BRASIL, 1996, p. 9)

Como fazer isso com infraestrutura deficitária? Como garantir um bom trabalho docente se a escola não tiver condições mínimas para que haja um trabalho de qualidade e cumpra-se o mínimo que a legislação exige?

No que se refere à educação pública de qualidade ainda temos as Diretrizes curriculares da educação básica (Resolução nº 4, de 13 de Julho de 2010), que determinam, dentre outras coisas, que:

Art. 4º... Art. 5º A Educação Básica é **direito universal e alicerce indispensável** para o exercício da cidadania em plenitude, da qual depende a possibilidade de conquistar todos os demais direitos, definidos na Constituição Federal, no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), na legislação ordinária e nas demais disposições que consagram as prerrogativas do cidadão.

Art. 10º A exigência legal de definição de padrões mínimos de qualidade da educação traz a necessidade de reconhecer que a sua avaliação associa-se à ação planejada, coletivamente, pelos sujeitos da escola. § 1º O planejamento das ações coletivas exercidas pela escola supõe que os sujeitos tenham clareza quanto: I – aos princípios e às finalidades da educação, além do reconhecimento e da análise dos dados indicados pelo Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) e/ou outros indicadores, que o complementem ou substituam; II – à relevância de um projeto político-pedagógico concebido e assumido colegiadamente pela comunidade educacional, respeitadas as múltiplas diversidades e a pluralidade cultural; III – à riqueza da valorização das diferenças manifestadas pelos sujeitos do processo educativo, em seus diversos segmentos, respeitados o tempo e o contexto sociocultural; IV – aos padrões mínimos de qualidade (Custo Aluno-Qualidade Inicial – CAQi); § 2º Para que se concretize a educação escolar, exige-se um padrão mínimo de **insumos**, que tem como base um investimento com valor calculado a partir das despesas essenciais ao desenvolvimento dos processos e procedimentos formativos, que levem, gradualmente, a uma educação integral, dotada de qualidade social: I – creches e escolas que possuam **condições de infraestrutura e adequados equipamentos**; II – **professores qualificados com remuneração adequada** e compatível com a de outros profissionais com igual nível de formação, em regime de trabalho de 40 (quarenta) horas em tempo integral em uma mesma escola; III – definição de uma relação adequada entre o número de alunos por turma e por professor, que assegure aprendizagens relevantes; IV – pessoal de apoio técnico e administrativo que responda às exigências do que se estabelece no projeto político-pedagógico. (BRASIL, 1996, p.13)

O plano nacional da educação Lei nº 13005/14 em seu artigo 2º, parágrafo VII diz: “Promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do País;” (...)

A BNCC (Base Nacional Curricular) que é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas da Educação Básica tem em uma de suas competências: “Pensamento científico, crítico e criativo e a cultura digital...”

Diante desses marcos legais então, como isso será viável e possível na atual realidade da escola pública? Reforça-se a ideia de que a escola gratuita deveria visar padrões de qualidade, onde professores pudessem trabalhar motivados e estudantes se desenvolverem de maneira integral, ou seja, em todos os aspectos e com estrutura física também. Estados e Municípios deveriam gerir os recursos com a finalidade de oferecer a todas as crianças e jovens a tão prometida educação de qualidade.

A desigualdade econômica determina não somente as condições materiais de vida, mas também a diferenciação no acesso à cultura espiritual, a educação. Com efeito a classe social dominante retém os meios de produção material como também os meios de produção cultural e sua difusão...” (LIBANEO; José Carlos, Didática, página 18.) Mas o que tem sido feito até aqui, principalmente nos municípios menores e mais pobres é totalmente o contrário. No ano de 2020 muito necessitou-se das tecnologias para a realização do trabalho docente durante o fechamento das escolas, porém quais foram as tecnologias que tanto os professores e estudantes tinham acesso? Houve acesso real? Pode-se falar em um processo de “fingimento” por parte do poder público que sabia que havia inúmeros problemas para além da falta de acesso a equipamentos tecnológicos para se discutir, haviam questões relacionadas a saneamento básico, moradia, emprego, etc e a questão da situação da educação e o acesso a mesma, não foi tratado pelo governo federal como algo que pudesse ser objeto de preocupação, na verdade nenhum destes assuntos naquele momento foi tratado com a seriedade que deveria. Neste mesmo ano então pode dizer-se que cada estado brasileiro fez o que deu, para não dizer que não fizeram nada. “Ao relativizar a parada da escola e a reinvenção dos agentes educacionais, pretendíamos chamar a atenção para mais um caminho pelo qual a trilha a desigualdade do país...[...] Com efeito evidenciaram-se fatos já constatados em outros momentos históricos, mas que nem sempre tiveram suas causas e consequências consideradas em sua profundidade. Para o profissional de educação que não tem um contínuo de formação continuada em exercício e não recebe investimentos da instituição em que trabalha para realizar cursos, capacitar-se com novas ferramentas de trabalho, etc., as dificuldades para aprender a manusear as tecnologias e para produzir um material didático são enormes; além disso nem todos têm acesso de fato as redes, o que impede de acompanhar e propor qualquer atividade escolar que as utilizam...[...].” (DUARTE; MUNHOZ; SILVA; PEREIRA, 2020, p. 17.)

Segundo também uma reportagem do Jornal Nacional no ano de 2020, os Estados e os Municípios reduziram em 21 bilhões os investimentos em educação.

É como se a educação fosse um livro de mil páginas, e a pandemia interrompeu a leitura. Agora que as escolas reabriram, não basta simplesmente voltar do ponto em que se estava. É preciso ter um plano para a retomada do ensino. Capítulos anteriores terão que ser revistos, ao mesmo tempo em que se avança na história: um planejamento que leva tempo e custa dinheiro.”(Jornal nacional, 03/08/2021)

“A “ineficiência histórica” das políticas de telecomunicações no Brasil gerou uma “elite estudantil” na pandemia, acentuando desigualdades no acesso e na qualidade da Educação.”Durante a pandemia e a falta de seriedade do governo federal, levou a pauta da necessidade educacional dos estudantes naquele momento e poucas políticas públicas que assegurassem a oferta real de ensino. A reportagem da Brasil de fato destaca ainda: “A maioria das soluções emergenciais adotadas por secretarias municipais e estaduais passou pelo acesso à internet: aplicativo com aulas e materiais para download; portal que centraliza as ofertas pedagógicas e orientações oficiais; dados patrocinados para acesso a serviços pedagógicos sem descontar do pacote de dados; empréstimo, subsídio ou doação de equipamentos para uso dos alunos e/ou professores; doação de chips; transmissão de aulas via TV ou rádio; e disponibilização de material impresso.”(BRASIL DE FATO, 23/06/2021)

Mesmo diante de todas estas medidas adotadas que são citadas nos trechos acima, centenas de milhares de alunos de escolas públicas não conseguiram ter o mínimo de acesso à educação naquele período, haja vista que até menos em redes menores o acesso a tecnologias já era precário.

No município de Caieiras-SP, por exemplo, não há registros em seus portais de transparência de equipamentos adquiridos neste período (Entre 2020/2021), nem depois (2022/2023), os poucos investimentos que aconteceram neste período aconteceram com uso de recursos próprios das escolas, sem falar das formações oferecidas neste pós pandemia, ou seja, muito se falou da importância do ensino híbrido que consiste em mesclar períodos online com períodos presenciais na educação. A sua realização durante a pandemia ocorreu de maneira bem deficitária, pois era necessário que houvesse uma estrutura para a educação presencial, coisa que já era bem precária e que fossem estabelecidas condições, em nível de gestão e de ensino e aprendizagem, de disponibilização de recursos materiais, como equipamentos e acesso à rede, tanto para as instituições como para os estudantes, coisa que já não atendia as demandas das escolas e com a pandemia só agravou-se.

Para muitos pesquisadores, por exemplo a educação sempre foi híbrida, ou seja, sempre combinou vários espaços, tempos, metodologias, públicos e a sociedade como um todo também sempre o foi, nem o conceito de híbrido neste caso é algo totalmente novo. Muito então de como isso seria inovador para os próximos tempos, o quanto aquilo seria colocado em prática em um período pós pandemia, mas na prática não foi o que aconteceu. As escolas anteriores a pandemia eram precárias, as escolas durante a pandemia continuaram sendo precárias e as escolas pós pandemia continuam a ser, e atualmente são tantas questões a se debater que o tema tecnologia tem ficado em segundo, terceiro, ou quarto plano, haja vista que as crianças pobres, periféricas, pretas dessa sociedade ficaram com seu processo de ensino-aprendizagem prejudicados por pelo menos os próximos dez anos.

A Lei de Diretrizes e bases da Educação prevê em seu artigo 3º, parágrafo IX: “...Garantia de padrão de qualidade...”

Mas como, em se tratando de uma escola que ao longo dos anos mal conseguiu garantir materiais básicos para ensinar-se o mínimo?

As salas de aula da maioria das escolas públicas ainda contam com uma lousa verde, giz branco, os equipamentos tecnológicos de tais escolas ainda é no máximo uma Smarth TV que foi comprada com o dinheiro da APM. Por exemplo, a EMEF Luiz Zovaro, no município de Caieiras, hoje tem 3 TVs, porém ainda não é o suficiente para a demanda dos seus praticamente 900 alunos atendidos só no ano de 2023, sem contar que estas tvs estão em lugares estratégicos, sem muita estrutura caso um professor resolva levar a sua turma de em média 30 alunos por sala, há ali alguns equipamentos de Datashow também, mas poucos professores conseguem fazer uso, ou sentem-se confortáveis para retirar da secretaria da escola, sem ter medo de quebrar aquele equipamento, com isso acabam não realizando aulas tidas como inovadoras, ou simplesmente passando um vídeo para complementar as suas aulas, os professores mal conseguem ainda utilizar ferramentas do próprio google para ajudar em suas aulas.

O uso de smarthphones claro, teve sua crescente nos últimos anos, mas isso não significa que todas as pessoas que fazem uso do mesmo entendam o

mínimo das tecnologias, é preciso investimentos do poder público para a compra das mesmas, mas principalmente investir na carreira docente de maneira efetiva e prática para que padrões de qualidade saiam do papel.

O sistema educativo, incluindo as escolas, as igrejas, as agências de formação profissional, os meios de comunicação em massa, é um meio privilegiado para o repasse da ideologia dominante. Consideremos algumas afirmações que são passadas nas conversas, nas aulas, nos livros didáticos “O governo sempre faz o possível, as pessoas é que não colaboram. “Os professores não devem se preocupar com política, o que devem fazer é cumprir sua obrigação na escola.”[...] “ A educação é a mola do sucesso para subir na vida.” “Nossa sociedade é democrática porque dá oportunidades a todos, se a pessoa não tem um bom emprego ou não consegue estudar e porque tem limitações individuais.” [. Essas e outras opiniões mostram ideias e valores que não condizem com a realidade social. Fica parecendo que o governo se põe acima dos conflitos entre as classes sociais e as desigualdades, fazendo recair os problemas na incompetência das pessoas e que a educação pode reduzir as desigualdades sociais porque dá oportunidade a todos... [...] (LIBANEO, p. 20 e 21)

Sem uma escola que atenda às necessidades dos filhos da classe trabalhadora, é impossível falar-se de justiça social, é importante compreender que não adianta existirem leis e faltar políticas públicas que atenda às necessidades reais destes estudantes, é preciso haver um projeto de educação palpável para os próximos anos, caso contrário a escola pública continuará aquém das transformações sociais.

“ A política é complexamente codificada em textos e artefatos e é decodificada (e recodificada) de forma igualmente complexa [...] A atuação de políticas envolve processos criativos de interpretação e recontextualização... [...]

Para Ball ainda;

“ As políticas não são simplesmente ideacionais ou ideológicas, elas também são materiais. As políticas raramente dizem-lhe exatamente o que fazer, elas raramente ditam ou determinam a prática, mas algumas mais que outras estreitam a gama de respostas criativas... [...] Isso é porque os textos de políticas são tipicamente escritos em relação á melhor de todas as escolas possíveis escolas que só existem nas imaginação febril de políticos, funcionários públicos e conselheiros e em relação a contextos fantásticos. Esses textos não podem simplesmente ser implementados! [...] A prática é sofisticada contingente, complexa e instável. [...] (BALL, MAGUIRE, MEGA, 2016 p. 14)

Reforçando assim desigualdades sociais e aparelhando cada vez mais uma estrutura opressora. Segundo Ball:

“Há uma visão de que a política é implementada (ou não), com base no interesse pessoal com base na maximização da utilidade. Nessa abordagem conduzir os atores políticos[...] A história é transformada conforme ela se move de jogador para jogador, isso acontece não porque os jogadores estão intencionalmente tentando mudar a história... [...] (BALL, MAGUIRE, MEGAN, 2016 p. 15.)

Para Trindade, por exemplo: “É de suma importância que os educadores e os sistemas de ensino revejam sua prática pedagógica...” (TRINDADE; SANTOS, 2020 p. 247.) E fica a seguinte indagação partindo deste pressuposto: Adianta somente rever a prática pedagógica, sem rever investimentos para a educação pública brasileira? Alguns anos passaram-se desde o período de isolamento e caminhamos? Evoluímos? Melhoramos as escolas? As respostas para estas indagações parecem óbvias, porém são profundas, fazem parte de um projeto de sociedade capitalista, que não vê propósito melhorar escolas para filhos da classe trabalhadora, assunto para uns dez artigos com temáticas diferentes, no caso deste em questão o debate é sobre atrasos para o ensino brasileiro de pelo menos uns cem anos desde que a escola no Brasil é escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar o trabalho fica evidenciado que só haverá de fato justiça social, se for elaborado nos próximos anos um projeto de educação palpável que atenda às necessidades dos filhos da classe trabalhadora, de nada adiantará somente rever a prática pedagógica, sem rever investimentos para a educação pública brasileira. Se não evoluirmos, não melhoramos as nossas escolas, vamos continuar aquém das transformações sociais e em dívida histórica com a classe trabalhadora, são questões profundas que precisam ser superadas com o passar dos anos.

Sabemos bem a quem essa dívida histórica favorece e que fazem parte de um projeto de sociedade capitalista, que não vê propósito de melhorar escolas para filhos de pobres, pretos e periféricos, assunto para uns dez artigos com temáticas diferentes, no caso deste em questão o debate é sobre atrasos para o ensino brasileiro de pelo menos uns cem anos desde que a escola no Brasil é escola.

REFERÊNCIAS

BACICH, NETO, TREVISANI; Lilian, Adolfo, Fernando, **Ensino Híbrido Personalização e Tecnologia na Educação**, Penso editora, ed. 1, 2015.
BALL, MAGUIRE, BRAUN; Sthefen J., Mag, **Annete Como as escolas fazem a política**, 23ª edição, 2016.
BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – Lei nº 9.394/1996

BRASIL; **Constituição da República Federativa do Brasil**; -Da educação/ Art.205 a 216. Resolução N° 4, DE 13 DE JULHO DE 2010

BRASIL, Parecer 5/2020- Ensino remoto.

DIÁRIO DE SÃO PAULO. São Paul [2021]-. Diário. Disponível em: < <https://spdiario.com.br/> >. Acesso em: 16/06/2021.

DUARTE; MUNHOZ; SILVA; PEREIRA; Ana Estela Brandão, Diego Janes, Maria de Fátima Belchior e Pedro Carlos, **Comunicação em tempos de pandemia**, PEDRO & João Editores, São Carlos, 2020.

LIBANEO; José Carlos, **Didática**, Cortez editora, 2006.

TRINDADE E SANTOS: **Conflitos da educação diante do cenário contemporâneo: como está a comunicação? Comunicação em tempos de pandemia: uma perspectiva holística**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 291p.

Medida provisória 1/04/2020- **Estado de calamidade Governo Federal**

Resolução 7 de 30 de junho de 2020 (Rede municipal de Caieiras)

LEI N° 14.113, DE 25 DE DEZEMBRO DE 2020. **Regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação básica**

<http://portal.mec.gov.br/docman/julho-2021-pdf/195831-pcp006-21/file>

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf

https://www.caieiras.sp.gov.br/internetfiles/front/10531/documento_pdf_10531_050739.pdf

<https://www2.ufjf.br/noticias/2021/04/30/ensino-hibrido-entenda-o-conceito/>

<https://www.brasildefatopr.com.br/2021/06/23/falta-de-acesso-a-internet-dificulta-educacao-de-qualidade-e-desenvolvimento-no-campo>

<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/01/congresso-derruba-veto-de-bolsonaro-a-projeto-que-garante-internet-na-educacao-basica>

<https://www.brasildefato.com.br/2021/06/01/pazuello-ganha-cargo-no-governo-bolsonaro-com-salario-de-mais-de-r-16-mil>

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2022/03/21/mais-de-33-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-pesquisa.ghtml>

<https://www.infomoney.com.br/consumo/282-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-internet-diz-ibge/>

<https://www.infomoney.com.br/consumo/teles-pedem-subsidio-para-conectar-familias-de-baixa-renda-a-internet/>

<https://www.brasildefato.com.br/>

A CONTRIBUIÇÃO DA BRINCADEIRA NO PROCESSO ENSINO/APRENDIZAGEM

Andreia Ribeiro Machado

Erminia Rita de Lima

Vanessa Augusta da Silva

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O lúdico nos processos de desenvolvimento e aprendizagem escolar é um tema que tem avançado cada vez mais em estudos na educação brasileira, principalmente na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, onde se buscam formas de atração lúdica para auxiliar o desenvolvimento cognitivo das crianças e no trabalho pedagógico dos docentes, acabou tornando-se ferramenta indispensável no cotidiano escolar, tanto para os professores quanto para os alunos.

As novas práticas de jogos e brincadeiras, utilizados como fator fundamental no desenvolvimento infantil, proporcionou a abertura de um amplo campo de estudos e pesquisas e hoje existe a concordância da importância do lúdico sempre que se pensa em âmbito educacional na infância. Os subsídios encontrados no lúdico em relação ao desenvolvimento infantil são inúmeros, podemos destacar que o brincar auxilia a criança no seu desenvolvimento físico, afetivo, intelectual e social e permitem a formação do autoconceito positivo; o jogo é visto como primordial para a saúde física e mental; o jogo simbólico permite que se criem vivências do mundo adulto e outros mundos, permitindo a mediação entre o real e o imaginário.

Essa pesquisa tem como objetivo geral investigar e analisar as contribuições que a brincadeira traz para o processo de ensino/aprendizagem como um recurso de estimulação capaz de contribuir para o desenvolvimento cognitivo, físico, afetivo e social. Sendo pesquisado o papel do professor frente a essa temática no âmbito escolar e quais os espaços utilizados e a relação do lúdico como facilitador da aprendizagem em sala de aula e por meio dos estudos

realizados se poderá constatar como os professores entendem o lúdico e quais suas concepções, de como é utilizado no plano de trabalho e na prática de sala de aula, verificar a relação de interdisciplinaridade, examinando a sua contribuição para o rendimento do aluno na aprendizagem. Assim, será analisado nesse estudo reações sobre processos de desenvolvimento e aprendizagem escolar, associados a atividades lúdicas, na tentativa de aprendermos novas perspectivas e formas de pensar a educação por meio do brincar.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As contribuições da brincadeira para o processo de ensino/aprendizagem

A educação atual garante a vivência da infância dentro da escola, pautada no respeito e concepção da criança como um ser global, participante e constituinte do meio sociocultural e histórico da nação. A brincadeira compactua com o conceito de desenvolvimento integral da criança, na construção da subjetividade por intermédio da ludicidade, de ações e práticas prazerosas e significativas, que sejam consistentes e duradouras. Considerando essa garantia do brincar na escola, o objetivo do presente capítulo é analisar a importância da dimensão lúdica nos processos de aprendizagem escolar como umas das condições para o desenvolvimento das crianças e dos adolescentes.

O desenvolvimento e a aprendizagem podem se expressar como as duas fontes básicas do conhecimento sendo: uma endógena, que é interior a uma pessoa, grupo ou sistema; e outra exógena, que se produz no exterior (Macedo, Petty & Passos, 2005). O desenvolvimento tem como desafio distender-se para fora, conservando uma identidade ou envolvimento. Já na aprendizagem o que interessa é coligar algo que, sendo externo, há de se tornar nosso, individual ou coletivamente. A criança desenvolve e aprende brincadeiras envolvidas com o outro e, com isso vem a desenvolver novas habilidades, sentimentos ou pensamentos. O mesmo ocorre nos jogos: ao aprendê-los, aprimora-se o respeito mútuo (modo de se relacionar entre iguais), e saber compartilhar uma tarefa ou um desafio dentro de um contexto de regras e objetivos, onde deve-se usar da

reciprocidade e raciocínios para as estratégias de acordo com as situações-problema apresentadas.

Nos processos de aprendizagem, o rumo das aquisições vem a provocar uma transferência ou transposição que faz a ligação, por aproximação, uma coisa à outra. A singularidade dos processos não é insuficiente a natureza complementar de suas relações. Dentre as quais as aquisições e transferências são geralmente inseparáveis porque, ao desenvolver, não se renuncia ao passado como todo, mas inclui-se como parte da aprendizagem, pois ao aprender, os processos são de aumentar ou transformar o presente e passado, comprometendo o futuro, sendo agora influenciado pelo conhecimento adquirido.

Em uma escola visada para todos o desenvolvimento e a aprendizagem devem ser considerados como formas independentes de aquisição de potencialidades, e uma das condições para que isso aconteça de forma plena é mediante a dimensão lúdica praticada na unidade escolar, desde que sejam qualificadas e venham de encontro aos planos e objetivos pré-determinados pelo professor, que busca por meio dessa perspectiva aprimorar o processo de ensino/aprendizagem dos alunos. Pois segundo Bettelheim, 1984, p. 105, “nenhuma criança brinca espontaneamente só para passar o tempo. Sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades. O que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos.”

Por intermédio desse momento de brincadeira que é proporcionado à criança é que ela pode colocar em jogo seus saberes e dúvidas, angústias e inseguranças, desejos e incertezas, é onde se entre em contato com um universo no qual não se compreende totalmente, despertando assim maior interesse e curiosidade.

O jogo simbólico proporciona a inserção da criança no mundo no tempo da sua brincadeira, ou seja, ela pode hoje ser um motorista, um astronauta, um artista, sem a necessidade de esperar crescer para atingir isso. Podemos entender mais sobre isso com o parecer de Vygotsky (2010) que diz:

No brincar, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além do comportamento diário; no brincar, é como se ela fosse maior do que é na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brincar contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo, ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (VYGOTSKY, 2010, p.122).

Na brincadeira, a criança organiza seus pensamentos de forma sistematizada em relação a sua própria existência, segundo suas ações e funções dentro do lúdico vivido, estabelecendo uma espécie de interligação entre realidade-fantasia-realidade.

A imitação que acontece na brincadeira é vivenciada como no presente e é nesse tempo que ela passa a compreender determinadas ações realizadas pelos adultos, também é possível observar que as crianças no brincar operam com as regras comuns estabelecidas pelas convenções sociais, históricas e culturais, o que faz com que através dessa prática elas possam se aproximar dessa compreensão de mundo. Em concordância a este pensamento, Gilles Brougère (2009)

Afirma que “[...] as crianças brincam antes mesmo de entender o que estão fazendo. Elas percebem e atuam antes de entender o significado de suas ações e de poder refletir sobre elas.” (BROUGÈRE, 2009).

Ao brincar relaciona-se também o caráter da socialização entre as crianças, principalmente quando o agrupamento da brincadeira se dá em níveis diferentes que podem ser cognitivamente ou cronologicamente, a esse contato se proporciona avanços muito relevantes, pois se possibilita um despertar do cuidado e responsabilidade com o outro, além da troca de informações e diversas experiências. Durante essa socialização acontece o que Vygotsky (2010) chama de “zona de desenvolvimento proximal”, onde as crianças podem aprofundar os conhecimentos auxiliadas no contato com o outro, atingindo assim uma vivência a base de troca, onde ganham os que aprenderam, com o acréscimo de informações em sua bagagem cognitiva e ganham os que ensinaram colocando a prova seus conhecimentos já adquiridos.

No instante do jogo simbólico acontece a troca de formações culturais diferenciadas, caracterizando esse ato como formador/promotor cultural que é concretizado nesse momento, haja vista que o brincar muitas das vezes atua com a imitação da vida adulta. Em relação a socialização proporcionada pelo

brincar, Brougère (2009) afirma que como toda cultura, a brincadeira:

[...] se refere ao que é compartilhado e é isso que permite que uma criança brinque com outras. Cultura, numa definição muito rápida, é tudo aquilo que compartilhamos. Então, para compartilhar uma brincadeira, é preciso ter uma cultura compartilhada. Ao mesmo tempo, porém, é preciso entender que cada criança, em função de sua história de vida, tem um jeito particular de lidar com as brincadeiras. [...] A cultura lúdica é a soma de tudo isso, considerando o resultado da vida de cada um. O fato é que a experiência lúdica não é a mesma para todas as crianças.” (BROUGÈRE, 2009, P. 41).

A concepção de infância atual garante a criança como um ser social, portanto, formador de cultura, e como tal deve ser reconhecida por toda a sociedade e pelo sistema educacional ao qual está inserida. Em Sonia Kramer (2007), no texto “a infância e sua singularidade”, tem-se a seguinte afirmação:

Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. As crianças brincam, isso é o que as caracteriza. (KRAMER, 2007, p.15).

Por intermédio do brincar se transmite valores que são meios de avançar rumo a uma educação de maior qualidade. Parte desses valores, dizem respeito à solidariedade, às diferenças culturais e ao ato de assumir que a brincadeira é um facilitador e regulador de inúmeras situações conflitivas Segundo Santos (2011):

A escola ludicamente inspirada não é aquela que realiza todas as atividades com jogos, mas aquela em que as características lúdicas influenciam o modo de ser do educador e interferem na organização do ambiente, na seleção das atividades e na visão que se tem de criança, jovem, adultos e idoso, enfim, do ser humano. (SANTOS, 2011, p.30).

Neste sentido, compreender que a ludicidade é um recurso que possibilita à criança o desenvolvimento amplo da imaginação, e que é, portanto, mais que uma alternativa metodológica eficiente, por oferecer ao aprendiz a oportunidade de criar, pensar e desenvolver significativamente suas capacidades humanas.

Não apenas as atividades lúdicas, como também quaisquer atividades diversificadas levam ao exercício e o desenvolvimento das inteligências múltiplas, daí parte a necessidade de transformar a sala de aula em um

ambiente acolhedor, onde se respeite a individualidade e ritmo de cada discente. As atividades lúdicas são, sem sombra de dúvidas, uma grande aliada do fazer pedagógico, mas para que tal recurso cumpra o seu papel de agente transformador do espaço educativo faz-se necessário uma mudança de postura por parte dos educadores, uma vez que os jogos e brincadeiras não podem ficar reservados apenas para os horários menos nobres, como os intervalos entre uma atividade e outra ou até mesmo para o recreio, mas sim serem incorporados nas atividades diárias de sala de aula por meio de uma renovada ação metodológica, que por sua vez dinamize a prática de ensino, assumindo assim seu importante papel no centro difusor do conhecimento.

Brincando, a criança explora o mundo, constrói o seu saber, aprende a respeitar o outro, desenvolve o sentido de grupo, ativa a imaginação e se autorrealiza, além de colocar para fora as suas emoções personalidade e conflitos (TELES, 1997, p.14).

O lúdico e o jogo, como experiência cultural, constituem fatores determinantes na integridade do ser humano e “quando ligados ao amor, dão potência à criatividade humana e, quando vinculados ao cognitivo ou ao lógico, dão potência à inteligência. Eles são reveladores da evolução mental de cada um.” (Corsoni, 2000, p. 67) E, para Vilches (2009, p.24) “o lúdico é a experimentação ou vivência do prazer e o elemento lúdico seria aquele que cria a sensibilidade para tanto”.

O lúdico e o brincar aparecem no mundo das emoções como experiência cultural, e não como atividade didática que serve de preparação para uma ação futura.

Ainda segundo CORSONI (2000):

É pouco o que se pode conseguir com o brincar, quando relacionado com racionalidade. Do ponto de vista organicista, a criança se desenvolve de forma natural sem que tenha que atuar didaticamente com o jogo. (CORSONI, 2000, p. 68)

Para Vygotsky (1987), a aprendizagem e o desenvolvimento estão estritamente relacionados, sendo que as crianças se inter-relacionam com o meio objeto e social, internalizando o conhecimento advindo de um processo de construção.

A brincadeira também é uma relação com a atividade cultural do indivíduo. O grupo de brincadeira é um espaço propício para a transmissão da cultura. Ao brincar e criar, as crianças desenvolvem os conceitos e valores culturais e estão em processo de questionamento e construção da cultura. As escolas que utilizam a brincadeira e valorizam as artes no contexto escolar, indicam que seus educadores entendem as crianças como cidadãs, que participam e transformam a sociedade em que vivem.

O estudo do desenvolvimento infantil exige também o conhecimento dos contextos nos quais as crianças estão inseridas. Como o ambiente influencia decisivamente nos comportamentos infantis, se faz necessário estudar a criança e o seu desenvolvimento no meio em que ela está inserida.

As brincadeiras e as artes devem acompanhar a criança da educação infantil, pois nesse período da vida da criança são relevantes todos os aspectos de sua formação, pois como ser psicossocial dá os passos definitivos para uma futura escolarização e sociabilidade adequadas como membro do grupo social que pertence.

Atualmente todos os educadores devem saber e estarem preparados para trabalhar as artes, os jogos e as brincadeiras na educação infantil como forma de difundir os conteúdos e entende ser necessária à vivência, a percepção, o educador precisa selecionar situações importantes dentro da vivência em sala de aula ou fora da sala, além de compreender que no vivenciar, no brincar, a criança é mais espontânea. Sem dúvida, os conteúdos podem ser trabalhados com o uso do jogo e das brincadeiras, pois por meio deles, a criança pode trabalhar ou fixar um conteúdo com a atividade lúdica.

As brincadeiras e as artes são uma das estratégias no processo de desenvolvimento na educação infantil. A criança é um ser em desenvolvimento. Para as crianças, brincar e criar artisticamente são muito mais do que uma simples diversão. As atividades lúdicas têm papel fundamental no desenvolvimento da criança e o ajuda a compreender melhor o mundo em que vive. É através das brincadeiras que a criança começa a separar a fantasia da realidade e a extravasar os mais diversos sentimentos. Interagindo com os brinquedos e jogos, ela também desenvolve importantes habilidades motoras e

intelectuais com mais facilidade. Criatividade, lógica, relacionamento em equipe, sociabilidade, maturidade emocional e concentração são apenas alguns dos benefícios promovidos.

A brincadeira é uma linguagem natural da criança e é importante que esteja presente na escola desde a educação infantil para que o aluno possa se colocar e se expressar através de atividades lúdicas, considerando-se como lúdicas as brincadeiras, os jogos, a música, a arte, a expressão corporal, ou seja, atividades que mantenham a espontaneidade das crianças. Para as crianças, o brincar e o criar são modos de aprender e se desenvolver, ao fazer essas atividades, elas vivem experiências fundamentais. Interessam-se em repeti-las e representá-las até criarem ou aceitarem regras que possibilitem compartilhar com colegas e brincar e criar em espaços e tempos combinados.

Na organização de espaços específicos para brincar garantimos que as crianças possam vivenciar diferentes situações de aprendizagem, cabendo a elas escolher para que assim possam exercitar a sua autonomia e conhecer suas próprias necessidades, as preferências e desejos ligados que estão ligados a construção de conhecimentos e relacionamentos. É importante que esse tipo de organização, além de ambientar as crianças na necessária subordinação de regras, também favoreça o acesso aos mais variados bens culturais como os proporcionados pela produção literária e comunicação e pela produção artística.

O LÚDICO NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento humano acontece ao longo de um ciclo, que vem a ser uma evolução contínua que acontece em diversas áreas da existência que são no campo afetivo, social, cognitivo e motor. Essa evolução envolve muito mais que fatores biológicos ou genéticos, o meio social em que o sujeito está inserido tem muito valor em sua formação, pode-se dizer até que essa é uma das principais influências no desenvolvimento humano. Esse “meio social”, que também pode ser chamado de “contexto cultural” é onde acontecem as mais significativas transformações para o desenvolvimento humano, pois é através desse meio que nos é proporcionado o aprendizado, as interações e

desenvolvimento, ampliamos e inventamos novas visões de mundo, e essas percepções acontecem durante todo o ciclo de vida.

No campo da educação e da psicologia existem perspectivas diferentes acerca do desenvolvimento humano que são: ambientalista, inatista, construcionista, sociointeracionista, evolucionista e psicanalítica.

Na abordagem ambientalista, também chamada de behaviorista ou comportamentalista, acredita que o ser humano nasce como uma “tábula rasa”, e sua aprendizagem só será possível por meio do reforço ou imitação. Desse modo, a análise do modo de agir dos seres humanos são descartados, por exemplo, o raciocínio, desejos, reflexões, sonhos, sentimentos, entre outros. Nessa abordagem, é destacado e valorizado a importância dos testes, da comparação, do experimento, controle, medição e controle do comportamento do educando e sua aprendizagem. De acordo com Burrhus Skinner, defensor mor da concepção ambientalista, o ambiente é mais importante que a maturação biológica. Ou seja, um determinado comportamento surge se tiver estímulos.

No Inatismo, o ser humano nasce com uma estrutura biológica suficiente para se desenvolver. No ambiente não se aprende, apenas se desperta por ele. Já na ênfase da visão construcionista, o desenvolvimento pode ser construído através de uma ligação entre o biológico e a influência com o meio. Na concepção sociointeracionista, o desenvolvimento acontece através de trocas nas relações sociais, pela mediação e interação. Na abordagem evolucionista, o desenvolvimento se dá através das características humanas e individualidade, através de experiências únicas do indivíduo desde antes de nascer. Porém na visão psicanalítica, o entendimento do desenvolvimento humano se ocorre através de motivações conscientes e inconscientes, por meio de conflitos internos desde a infância até o resto da vida.

O enfoque sociointeracionista procurava distinguir aspectos típicos do comportamento humano e verificar como suas características são formadas ao longo da vida do sujeito. Essa teoria procurava a síntese do homem como um ser completo nos aspectos social, histórico e biológico, sempre com a visão do homem inserido em um grupo social, apresentando o processo de

desenvolvimento na dimensão sócio- histórica e sua interação no meio social. (Vygotsky, 1996).

Na reflexão sociointeracionista L. Vygotsky, a semelhança entre o desenvolvimento e a aprendizagem está conectada a questão de que o ser humano vive em meio a sociedade, vendo esse modo de vida como o estímulo tanto para aprendizagem como para o desenvolvimento. Para ele aprendizado e desenvolvimento estão no mesmo caminho, mas não andam juntos.

Os conceitos sociointeracionista sobre desenvolvimento e aprendizagem conduzem-nos a uma reflexão mais aprofundada desses processos. Para Vygotsky, o desenvolvimento, o psicológico/mental (o qual acontece através da convivência social e maturações orgânicas) está sujeito a aprendizagem conforme vão acontecendo processos de internalização de conceitos, que são agenciados através da aprendizagem social, sobretudo por aquela planejada no meio escolar, reflexões que são contrárias a Piaget. Portanto, para Vygotsky, somente o aspecto biológico do indivíduo não é satisfatório sem que ele participe de ambientes e práticas que estimulem a aprendizagem. Para ele não é possível imaginar que uma criança irá concretizar seus aprendizados com o tempo, pois não conseguirá produzir sozinha seu desenvolvimento que depende da aprendizagem que foi constituída através dos momentos de socialização com o meio, com a capacidade de interligar suas ações entre a cultura em que está inserida e pensante por colocar em prática essa ação em seu meio. A escola é um ambiente que proporciona à criança o espaço e o tempo que ela necessita para desenvolver esse processo e conseqüentemente seu aprendizado.

Toda interação e as relações que acontecem durante o processo de ensino/aprendizagem são melhor entendidos de acordo com a visão da (ZDP) Zona de Desenvolvimento Proximal, que pode ser compreendida como a distância entre o nível de desenvolvimento real que é verificado através da capacidade de solução de problemas, já o nível de desenvolvimento proximal é explicado pela solução de problemas em companhia do outro. A aprendizagem que acontece nessa zona permite que a criança desenvolva mais, por esse motivo que para Vygotsky esses processos são inseparáveis. E

a maioria desse processo acontece nas interações que são mediadas através das brincadeiras e o lúdico com o outro, construindo e transformando seu aprendizado.

É nessa zona de desenvolvimento que a aprendizagem pode acontecer de forma ampla. Uma das principais atribuições de um professor é a de contribuir com os meios a fim de favorecer esta aprendizagem, se colocando como intermediário entre a criança e o mundo, pois é no âmago das interações no interior do coletivo, das relações com o outro, que a criança terá condições de construir suas próprias estruturas psicológicas.

É dessa forma que todas as crianças, incluindo as que possuem habilidades parciais, se desenvolvem com a ajuda de pares mais habilitados até que tais habilidades passem de parciais a totais. O professor deve trabalhar, portanto, com a estimativa das potencialidades da criança, para que estas potencialidades venham a tornar-se um efetivo desenvolvimento, para isso é necessário que o processo de aprendizagem, os mediadores e os instrumentos estejam a disposição em ambiente propício. (Vasconcellos e Valsiner, 1995).

É entendido, portanto que, existe uma interação entre desenvolvimento e aprendizagem, vista como, em um contexto cultural, com esplendor biológico a interagir, onde o ser humano vai se desenvolvendo estimulado por estruturas de aprendizagem instigados por mediadores.

Para Vygotsky (1998), o pensamento não se conjectura na palavra; firma-se nela, a medida em que é a linguagem que permite a transmissão do seu pensamento para outra pessoa. Pode-se destacar que o pensamento não é o último plano compreensível da linguagem. É possível encontrar um último plano interior: a motivação do pensamento, a esfera motivacional de nossa consciência, que abrange nossas inclinações e necessidades, nossos interesses e impulsos, nossos afetos e emoções. Tudo isso vai refletir imensamente na nossa fala e no nosso pensamento.

Ao valorizar as atividades lúdicas como uma contribuição a mais nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, valoriza-se também a realidade pedagógica que é possível observar nesses valiosos momentos e suas aplicações no contexto da educação, como nas brincadeiras algumas funções tornam-se

muito significativas como a pedagógica quando acontece a construção do conhecimento, a social que possibilita às crianças menos favorecidas a oportunidade de acesso a diferentes brinquedos, a comunitária onde o brincar em grupo possibilita o conhecer de jogos de regras e valores, respeito, ajuda, cooperação e compreensão, a função de comunicação familiar colaborando para que aconteça brincadeiras entre a família, a diagnóstica que possibilita além da construção do conhecimento, a simbolização e representação de vivências, ressignificando a própria vida. Bomtempo (2000, p. 129) afirma que no comportamento diário das crianças o brincar é algo que se destaca como essencial para o desenvolvimento e aprendizagem. Dessa forma, se quisermos conhecer bem as crianças, devemos conhecer seus brinquedos e brincadeiras.

Nas escolas é comum ouvirmos o termo dificuldades de aprendizagem que nos leva a pensar sobre uma infinidade de fatores de natureza sociocultural e econômica, familiar, emocional e pedagógica, que só tem significado quando na história da criança, considera-se as múltiplas relações e interações com a família, com a escola, com os professores e com as condições pedagógicas oferecidas a ela. Outro termo comum é *distúrbios* que quando as suas capacidades intelectuais, motoras, sensoriais e emocionais da criança estão dentro dos limites da normalidade, mas que não consegue aprender de forma global ou específica, apresentando deficiência na percepção, integração ou expressão, que compromete o seu aprendizado (Almeida & Polonia, 1991).

O diagnóstico psicopedagógico é um processo que pode e deve ser utilizado para detectar aspectos que conduzem o aluno a dificuldade escolar, é um aspecto particular do processo mais amplo no campo da avaliação psicopedagógica, é um instrumento de medida quantitativa e qualitativa das questões que envolvem o fracasso escolar e as dificuldades de aprendizagem (Wechsler, 1999).

Bomtempo (1996 p.67), afirma que as crianças são capazes de lidar com situações psicológicas complexas e de aprendizado por intermédio do brincar: integram experiências de dor, medo e perda. Travam batalhas entre os conceitos de bem e mal. Crianças que vivem em ambientes hostis ou perigosos repetem essas experiências em suas brincadeiras. Quando a criança assume o papel de

alguém que teme, a personificação é determinada por ansiedade ou frustração.

No diagnóstico psicopedagógico, o uso de situações lúdicas é um componente a mais que permite a compreensão do funcionamento dos processos cognitivos e afetivos-sociais com suas múltiplas interferências.

Ao se utilizar da brincadeira para um diagnóstico psicopedagógico, pois os limites em relação ao brincar são mais definidos, pode-se criar intervenções e situações provocadoras com a finalidade de se observar as relações da criança, diferenciando-o do contexto psicoeducacional, onde o brincar é mais livre e espontâneo. (Weiss, 1992).

Utilizar-se do jogo numa perspectiva diagnóstica permite ao professor reconhecer e compreender o seu mundo interno, suas necessidades, ansiedades básicas e os mecanismos que se encontram na base dessas relações objetais e a conhecer e reconhecer como os vários ambientes onde a criança vive configuram sua forma de perceber a si mesma e a sua relação com o mundo (Bossa & Oliveira, 1996).

Por meio da atividade lúdica a criança expressa os seus conflitos, portanto através da observação diagnóstica, bem como na participação da brincadeira das crianças, pode-se reconhecer a normalidade no processo de desenvolvimento.

Na brincadeira para o processo diagnóstico é preciso observar o tipo de brinquedo escolhido pela criança. Bossa (1996) denomina brinquedo certo aquele que possibilita a elaboração de conflitos traumáticos e dolorosos que fazem parte do crescimento. Existem modos de brincar específicos para cada idade, que vem exatamente de encontro a elaboração de conflitos em consequência as relações que acontecem nos diferentes meios em que a criança convive e das condições intelectuais vividas por ela naquele momento.

A brincadeira é uma experiência importante e tem efeitos terapêuticos para a criança, professores e pais. Como de acordo com Lins (1991, p.77), na brincadeira, os paradoxos são mantidos, enriquecendo e movimentando a experiência, por ela pode-se ressignificar e elaborar cenas vividas, por intermédio da recriação, enquanto sujeitos dessas situações, reagindo apropriadamente. Produz mudanças de lugares e transforma desprazer em

prazer, o psicopedagogo busca uma revisão e um resgate de histórias individuais, escolares, familiares e das ligações entre elas.

Lins (1991) declara que a compreensão diagnóstica da causa do conflito da criança na brincadeira que inclui o ambiente e suas múltiplas inter-relações na delimitação da problemática, ajuda a instituição escolar, os pais e a própria criança a enfrentarem melhor os problemas e a mudarem seus lugares nessa construção histórica.

De acordo com Bomtempo (1997), a observação da escolha e da forma pela qual as crianças brincam fornece informações importantes sobre as características dos brinquedos e brincadeiras, como: qualidade do brinquedo (cores, formas, grau de desafio); preferência por determinado brinquedo (escolhas restritas ao sexo ou não); tempo de permanência com o brinquedo (mais coloridos, variedade de formas, jogos tradicionais e antigos e os que entretêm as crianças por mais tempo); número de brinquedos com os quais as crianças brincam por mais tempo (crianças mais novas brincam com poucos brinquedos de cada vez, as mais velhas dão atenção a vários brinquedos ao mesmo tempo); tipo de material do brinquedo (brinquedos que preencham a sua função, descartáveis ou mais duráveis).

Dando a criança a liberdade para explorar diversos tipos de brinquedos e brincadeiras, estaremos proporcionando o desenvolvimento de sua habilidade de reconhecer objetos e ações, de distingui-los entre si, de tomar consciência de suas similaridades e diferenças, de abstrair, de classificar e simbolizar (BOMTEMPO, 1997, p.135).

Jogos de habilidades: são aqueles que estimulam capacidades físicas (motrizes) e mentais (cognitivas) que podem ser externas (habilidades motrizes) que são de simples identificação. Podem ser também de natureza interna (habilidades cognitivas) de maior complexidade, que envolvem operações mentais, contribuindo na construção de conexões cerebrais).

O desenvolvimento de habilidades no ato de brincar se dá na riqueza de estímulos que estão presentes na proposta lúdica e se forem desenvolvidas em ambiente qualificado, aumentam as chances de gerar novos conhecimentos.

Jogos de conhecimento: são estratégias lúdicas que vem de encontro com conteúdo conceituais como matemática, artes, história, linguagem, etc.

vinculado às áreas de conhecimento do mundo físico e social. Esses jogos motivam, desafiam e ajudam a dar sentido e significado para as atividades escolares, e todas as matérias de ensino tornam-se atrativas e mais compreensíveis.

Jogos de autoconhecimento: são voltados para a autodescoberta e proporcionam o aprimoramento das relações sociais, são vinculados à inteligência intrapessoal. A ludicidade proporciona que as crianças possam se conhecer melhor, levando ao desenvolvimento do amor-próprio e da autoestima.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os estudos e reflexões aqui proporcionados, o estudo concluiu que a brincadeira tem muito mais a oferecer do que se imaginava, e o valor de sua importância está começando a ser reconhecido por estudiosos em todo o mundo e que as crianças se desenvolvem muito mais durante uma brincadeira do que em uma aula tradicional em sala de aula. Pode-se dizer também que no desenvolvimento humano as relações construídas com o meio social proporcionam significativas transformações que levam ao aprendizado, onde é ampliada em novas visões de mundo, e principalmente que essas percepções não acontecem somente na infância, mas durante toda a vida dos seres humanos.

As contribuições de Vygotsky, só reforçam essa prerrogativa, por meio de sua perspectiva sociointeracionista que vê a formação do homem como um ser completo em todos os aspectos e que esse desenvolvimento é inteiramente influenciado através de sua dimensão sócio-histórica e de suas interações com o meio social.

Por meio da brincadeira é possível realizar a avaliação do desenvolvimento e por intermédio dela também acontece uma maior aproximação da criança com o professor, seus pares e a família. Na brincadeira o professor encontra múltiplas formas, meios e técnicas para auxiliar a criança em qualquer que seja a necessidade diagnosticada.

Portanto, a brincadeira quando planejada pelo professor sempre tem

objetivos relacionados ao desenvolvimento, por isso a escolha dessa brincadeira sempre deve ser pensada através dos propósitos que se espera alcançar, pois existem inúmeros jogos e brincadeiras que vem de encontro aos mais diversos objetivos que se queira alcançar, cabe aos professores, formadores e psicopedagogos terem essa ciência e buscarem através de seus meios cada vez uma quantidade e qualidade maior às brincadeiras que irão proporcionar às crianças.

Por fim, a brincadeira é um processo que envolve o ser humano (criança ou adulto) em todos os aspectos e é grande fonte (se não a maior) que proporciona desenvolvimento como um todo e levando ao aprendizado que se almeja.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação lúdica: técnicas e jogos pedagógicos**. São Paulo, SP: Loyola, 2008.
- AZEVEDO, Antônia Cristina Peluso de. **Brinquedoteca no diagnóstico e intervenção em dificuldades escolares**. Campinas, São Paulo. Alínea, 2012.
- BOMTEMPO, E. (1996). A brincadeira de faz-de-conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: Kishimoto, T.M. (org) *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. Cortez Editora, São Paulo.
- BROUGÈRE, Giles. **Jogo e educação**. Porto Alegre, Artes médicas, 1998. BOMTEMPO, E. **Brincando se aprende: uma trajetória de produção científica**. Instituto de psicologia Universidade de São Paulo. São Paulo, 1997.
- BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- CORSINI, C. F & Costa, M. S. **Brincar, uma leitura da realidade infantil**. Anais do XXVI Congresso Interamericano de Psicologia. São Paulo, 1997.
- CHOMSKY, Noam. Estruturas sintáticas. Lisboa: Edições 70, 1980.
- FONSECA, V. **Uma introdução às dificuldades de aprendizagem**, p. 95. Lisboa. Edição Notícias, 1981.
- LINS, M. Y. A. **O jogo como interpretação**, p. 77. Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro, RJ, 1991.
- MACEDO, Lino. **Os jogos e o lúdico na aprendizagem escolar**. Porto Alegre, 2005.
- MALUF, Ângela Cristina Munhoz. **Brincadeiras para sala de aula**. 8. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.
- NOFFS, N. A. **A brinquedoteca na visão psicopedagógica**, 2. Ed. Petrópolis, RJ. Vozes, 2000.
- OLIVEIRA, Vera Barros de. **Rituais e brincadeiras**. Petrópolis. RJ. Vozes, 2006.
- RABELLO, E.T. e PASSOS, J. S. **Vygotsky e o desenvolvimento humano**. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>> acesso em 20/ outubro/2022. Rio de Janeiro, RJ, 1991.
- RIBEIRO, A. M. **Curso de Formação Profissional em Educação Infantil**. Rio de Janeiro: EPSJV / Creche Fiocruz, 2005.
- SANTOS, Santa Maria Pires dos. **Educação, arte e jogo**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2006.
- SONIA KRAMER, Maria Fernanda Nunes, Gestão pública, formação e identidade de profissionais de educação infantil , Cadernos de Pesquisa: v. 37 n. 131 (2007)
- VASCONCELOS, C.S. **Perspectivas co-construtivistas na educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- VILCHES, Lorenzo. La Lectura de la Imagem. Prensa Cine, television. Barcelona: Paidós.1984
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**, 2. Ed. São Paulo. M.F/ 1984.
- WECHSLER, S. M. & GUZZO, R. M. S. L. **Avaliação psicológica: perspectiva internacional**. São Paulo. Casa do psicólogo, 1999.
- WEISS, M. L. **Psicopedagogia Clínica: uma revisão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 9. ed. Rio de Janeiro. DP&A, 1992 p.192.

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

Simone Eblack Souza

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Observa-se que as crianças com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade- TDAH apresentam uma grande inquietação, falta de atenção e os professores são os que mais percebem esse comportamento nas crianças, pois em casa o comportamento soa como normal aos olhos de quem o cerca.

Pesquisas nos mostra que muitos dos seres humanos apresentam um pouco de desatenção por causa de muitos problemas que enfrentam na vida, se esquecem de coisas importantes por estarem com seus pensamentos nos problemas que precisam resolver, apresentam agitação e com o avanço da tecnologia, redes sociais, as pessoas estão passando a ter mais contato com as telas e isso está deixando as pessoas mais ansiosas e sem muita paciência para focar em vídeos longos, em textos e livros com uma leitura mais abrangente e demorada, muitas vezes agem impulsivamente com pessoas que estão a sua volta (MATTOS, 2012) e crianças mais novas também apresentam agitação, como diz Wallon, criança é movimento, mas a criança diagnosticada com o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade apresenta excesso de desatenção, hiperatividade e impulsividade desde muito cedo.

Como já foi visto, o TDA é caracterizado por três principais sintomas: distração, impulsividade e hiperatividade. Uma vez que essas três características são muito comuns na população infantil, como distinguir uma criança TDA de outra sem o transtorno? Afinal, são típicas da infância a agitação, as correrias, a falta de atenção em atividades encadeadas e um tanto prolongadas, principalmente se não tiverem algum atrativo especial.

Os sinais que podem diferenciar uma criança TDA de outra que não seja são a intensidade, a frequência e a constância daquelas três principais características. Tudo na criança TDA parece estar “a mais”. Ela é mais agitada, mais bagunceira e mais impulsiva se for do tipo de alta atividade. (SILVA, 2009 p.15).

O objetivo desta pesquisa é conhecer sobre o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, apresentar pesquisa realizada na escola pública do município de caieiras, estratégias utilizadas que auxilia o aluno com TDAH, para que possamos futuramente ajudar pais e alunos a lidarem com o transtorno.

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE

O Transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, de acordo com Paulo Mattos (2012) é um transtorno neurobiológico de causa genética que apresenta uma tríade: desatenção, hiperatividade e impulsividade.

A criança com TDA apresenta comportamento agitado em casa, em festas e na presença de outras crianças, as pessoas que convivem com elas, dizem ser normal para a faixa etária em que ela se encontra e quando completar “certa idade” isso passa. Quando a criança inicia seu primeiro ano de escolaridade, por volta dos 5-6 anos de idade, essa inquietude que era considerada normal, continua mais intensa.

Dificuldades maiores começam a surgir no âmbito escolar quando a criança é solicitada a cumprir metas e seguir rotinas, executar tarefas e é recompensada ou punida de acordo com a eficiência com que são cumpridas. Os pais e/ou cuidadores e familiares já não estão presentes e não podem facilitar as coisas para as crianças. Ela precisa começar a caminhar com suas próprias perninhas. Perninhas que até este momento cumpriam mais as funções de correr, pular, chutar ou mesmo permanecer em repouso, enquanto sua mente divagava. Agora não podem correr a qualquer momento, como também não podem ficar imóveis. Devem caminhar em direções determinadas, em tempos estabelecidos e em ritmo compatível com as demais crianças com quem irão conviver quase que diariamente. As direções, tempos e ritmos serão definidos pelo professor da turma, que é orientado por objetivos até então diferentes daqueles de seus pais e/ou cuidadores, mas cujos propósitos agora interessam sobremaneira a estes. (SILVA, 2009, p. 88)

É na escola que as crianças precisam permanecer sentadas, ter postura, ficar quietas, prestar atenção nas aulas, seguir regras (para ir ao banheiro tem que pedir permissão, para falar tem que levantar a mão, só pode conversar no recreio, para entrar e sair da sala tem que ser em fila, olhando para frente...) até mesmo em jogos existem regras, precisa conviver bem com os outros colegas, mas para ela, tudo isso parece ser “tortura”, ela tenta, mas não consegue ficar parada.

A criança com TDAH tem uma grande facilidade em sofrer rejeições de pais, professores e colegas, por causa de sua impulsividade, por agir sem pensar, atrapalhar conversas e agir com agressividade em jogos e brincadeiras entre crianças da mesma idade.

A impulsividade ocorre pelo atraso do desenvolvimento da fala mental, falas de nosso inconsciente, pois quando passamos a conversar com nós mesmos, essa fala nos ajuda a pensar antes de agir, ou seja, o indivíduo que apresenta TDAH não consegue parar e pensar antes de agir, agem impulsivamente, por isso são mais propensos a causar acidentes (WERLANG; MARGARETH, 2006). Como ela vive “a mil por hora”, faz várias coisas ao mesmo tempo e acaba se esquecendo de coisas simples.

DESATENÇÃO

A criança com TDAH apresenta uma grande dificuldade em entender o que está lendo, a leitura passa a ser automática, pois pensam em milhares de coisas ao mesmo tempo, é preciso voltar a leitura quantas vezes for necessário para melhor entendimento, quando não param no meio do caminho desistindo da leitura por dizer não estar entendendo o texto.

Elas têm facilidade em se distrair com seus próprios pensamentos, pois quando observada podemos perceber que, de vez em quando ela para como se parasse no tempo, fica olhando fixada para um determinado local, mas não está olhando para nada, ela está imaginando, pensando, sonhando acordada.

Quando a criança com TDAH realiza a lição e um colega fala, ocorre um barulho diferente, alguém entra na sala, a professora mexe em algo, ela se dispersa perto de janelas e portas, nada irá fazer com que ela tire os olhos daquilo que se passa fora da sala, no momento em que está conversando com alguém rapidamente perde o foco, não consegue prestar atenção em detalhes isso faz com que tire notas baixas em provas, presta atenção nas coisas que mais lhe chama atenção, se algo em aula não for de seu interesse não dá a mínima, por esse motivo, os professores precisam criar em suas aulas momentos lúdicos, que chame a

atenção do aluno, brincadeiras e jogos são estratégias que podem ajudar muito no desenvolvimento do aluno em sala e o mais importante, conhecer seu aluno, conhecer seus gostos, fazer com que ele interaja com o grupo.

Em alguns casos a criança apresenta apenas transtorno de déficit de atenção e não a hiperatividade, isso ocorre na maioria das vezes em meninas. Pois é mais fácil encaminhar um menino para tratamento com especialistas, do que uma menina, pois os meninos atrapalham a sala, as meninas de certa forma são prejudicadas por não atrapalhar a aula, pois não são diagnosticadas e tratadas cedo, por serem as alunas que os professores gostam, comportadas, quietas, que não dão trabalho, não atrapalham os demais em sala, não sai de sua carteira para mexer com os outros e são sempre elogiadas nas reuniões, mas são rotuladas como lentas.

HIPERATIVIDADE E IMPULSIVIDADE

De acordo com a APA - (ASSOCIAÇÃO DE PSIQUIATRIA AMERICANA, (1994), a impulsividade é a falta de controle dos impulsos. É uma resposta imediata a qualquer estímulo, o sujeito a priori age e o pensar vem depois. Assim, a impulsividade agrava a dificuldade de relacionamento com os pares.

As crianças hiperativas se mexem a todo o momento na cadeira, movimentam pés e mãos, brincam com qualquer coisa que esteja sobre sua carteira, se não tiver nada em sua carteira elas utilizam os dedos para brincar, saem das carteiras para mexerem com outros colegas ou mesmo para andarem pela sala, esquecem das coisas com muita facilidade, correm de um lado para o outro em situações inapropriadas, não se interessam por aulas repetitivas, atividades calmas nunca são de seu agrado, falam em excesso, tiram a atenção dos colegas em momentos da explicação ou realização de atividades, respondem antes do término da pergunta, não conseguem esperar sua vez em fila e jogos, são muito desorganizados, essas atitudes atrapalham o processo ensino aprendizagem dessas crianças e atrapalham o desempenho delas.

Os indivíduos com TDAH em que há o predomínio da hiperatividade, “são mais impulsivas, agressivas e apresentam altas taxas de sintomas de transtorno de conduta” (BIEDERMAN, 1998; PFIFFNER e cols., 2000 apud ANDRADE, 2003, p. 79).

SINTOMAS

Os sintomas de hiperatividade são apresentados quando a criança ainda está na tenra idade, no berço agitada, e quando inicia a pré-escola. A frequência de desatenção é manifestada no sexo feminino, nesse sentido, a criança apresenta dificuldade em prestar atenção a detalhes que passam despercebidos, com isso acabam tendo muita dificuldade em realizar avaliações acarretando a defasagem escolar (CASTRO; NASCIMENTO. 2009).

DIAGNÓSTICO

No diagnóstico é preciso observar com muita cautela se a criança apresenta todos os sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade, ou se apresenta sintomas isolados.

Castro; Nascimento (2009) enfatiza que para diagnosticar uma criança com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade é necessário que haja a presença de no mínimo seis ou mais dos seguintes sintomas de desatenção: a criança não consegue prestar atenção em pequenos detalhes acarretando muitos erros na realização do mesmo; não consegue manter atenção na realização de atividades na escola e em casa; fica distante quando alguém lhe dirige a palavra; começa a realizar suas tarefas, mas não consegue finalizá-las; não consegue ser organizada; não se concentra em atividades que exigem atenção; esquece das coisas com facilidade; se distrai facilmente; se esquece de realizar simples atividades diárias e também a criança necessita apresentar no mínimo seis ou mais sintomas de hiperatividade e impulsividade; mexe com as mãos e pés, se remexendo na carteira; não consegue ficar parado em seu lugar; tem grande facilidade em se machucar

pois corre em momentos inapropriados; não realiza atividades calmas; apresenta ser inquieto; fala em excesso; não espera a pergunta ser terminada para responder; tem dificuldade de esperar sua vez; atrapalha os colegas nas atividades e em conversas. Destarte, é necessário observar se os sintomas são duradouros e se acompanha a criança desde mais nova. A coleta de dados para o diagnóstico pode ser feita através de entrevista e observação (fala e comportamento) feita com os pais, professores e principalmente com a criança. (CASTRO; NASCIMENTO, 2009)

É muito importante para uma criança diagnosticada com TDAH, que as pessoas que convivem com ela diariamente sempre busquem informações sobre o transtorno bem como lidar com diferentes situações, pois para uma criança com TDAH, avançar com satisfação, o professor precisa trabalhar com a família, elogiar a criança sempre que ele fizer algo bom e estar sempre à disposição quando ela precisar de ajuda.

TRATAMENTO

O tratamento é feito com diferentes profissionais como psicopedagogos, psicólogos e neurologistas, porém vale ressaltar que somente o profissional da neurologia é capacitado para fechar o diagnóstico, por meio de exames que comprovem o transtorno. Assim sendo, o neurologista prescreve o medicamento adequado e orienta os pais de como ajudar a criança a desenvolver suas capacidades.

DISCUSSÃO

Pesquisa realizada em uma escola pública no município de Caieiras, traz fatos sobre o dia a dia de uma criança que apresenta TDAH. O aluno I.S. é um aluno que foi laureado no final do ano de 2022 com o transtorno, hoje se encontra no 3º ano do ensino fundamental.

No ano de 2022, o ano de observação da vivência do aluno em sala de aula, foi possível identificar um aluno que não conseguia se concentrar nas atividades, brincava e conversava com os colegas quando todos, inclusive ele deveria estar

realizando a atividade. Bastava um pequeno barulho ou conversas aleatórias em sala de aula para tirar sua atenção.

I. S, em muitos momentos, ficava com o olhar perdido, não realizava as atividades sozinho, a professora explicava a atividade para ele, passava na carteira de outros alunos e quando voltava para a carteira dele, o mesmo ainda não havia realizado, apresentando sempre a necessidade de alguém ao seu lado para o auxiliar no que fosse necessário, tinha muita dificuldade de compreender o que era proposto nas atividades, quando a professora estava à frente da sala explicando o conteúdo, o aluno não conseguia se concentrar na explicação, mas quando a professora contava uma história ou realizava a leitura de um conto, ele ficava atento e respondia todos os questionamentos feitos sobre a história.

A genitora foi convidada a participar de uma reunião para tratar das dificuldades do filho, a mãe relatou que era uma pessoa com TDAH, e acreditava que o filho talvez também teria o mesmo transtorno. A partir dessas informações, o currículo passou a sofrer alguns ajustes, objetivando adaptação que atendessem às dificuldades do aluno.

Assim, a professora intensificou de forma direcionada alguns jogos de alfabetização, com formação de palavras com letras e imagem, utilizou várias vezes o crachá com nome e alfabeto para que o aluno retomasse a leitura do alfabeto, como atividade de fixação do alfabeto. A mãe passou a auxiliar o aluno em casa com orientação da professora.

Desse modo, foi possível perceber que o aluno apresentava mais facilidade em reconhecer o som das letras através de imagens reais, com som de letra inicial.

No início do ano de 2022, o aluno apresentava estar na fase de desenvolvimento de escrita pré-silábico, porém quando terminou o ano, o mesmo se encontrava na fase silábica com valor sonoro. Ou seja, apresentou um avanço plausível.

A mãe relatou, em reunião de pais, que o aluno estava passando em sessões com psicólogo e neurologista, que estava tomando medicamento para melhorar a concentração, a professora observou que o aluno passou a ficar mais quieto, não brincava mais em sala, não conversava mais, passou a ouvir com mais atenção a

todos, passou a ter vergonha de sua dificuldade, a professora começou a trabalhar o emocional do aluno, a evidenciar suas potencialidades, a professora passou a conversar com a turma sobre o respeito ao tempo de aprender e ao processo de cada aluno. Diante de todo o trabalho desenvolvido, o aluno passou a ter mais atenção e concentração na realização das atividades.

Dessa maneira, as leituras de diferentes obras, a vivência e observação em sala de aula de uma criança com o transtorno em epígrafe, foi possível conhecer melhor sobre o TDAH, os sintomas, diagnósticos e como o tratamento é importante para o desenvolvimento do indivíduo. Afinal, se o diagnóstico for tardio, certamente contribuirá para o sofrimento do indivíduo, por exemplo, o indivíduo pode desencadear depressão, ansiedade e no que diz respeito ao universo escolar, a pessoa pode ser forte candidato a evasão e levar para a fase adulta, dificuldade em se relacionar com as pessoas da família, amigos e ou não conseguir permanecer em um relacionamento sério ou em um emprego por falta de atenção e atrasos, além de ficar estagnado em pensamentos negativos.

Portanto, para que se amenize o que foi discorrido a cima é necessário que o professor trabalhe em parceria (escola e família) para que a criança com TDAH desenvolva suas capacidades cognitivas com satisfação, é dever do professor incluí-la em todas as atividades realizadas em sala, é importante ter uma aproximação (criar diálogo) da criança, descobrir quais são suas dificuldades, como e o que gostaria de aprender. A criança precisa sentir prazer em estudar e perceber que o professor está ali para ajudar e apoiar quando ela precisar.

(CASTRO; NASCIMENTO, 2009)

Quando a criança é diagnosticada com TDAH, é de fundamental importância que os pais sejam orientados sobre o transtorno, é preciso mudar a visão familiar, ou seja, se é esperado que a criança fracasse é provável que ela vá fracassar, a família precisa acreditar que ela é capaz para então ela ter segurança e realmente se esforçar para tal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo considerou que é necessária e relevante a introdução práticas pedagógicas inovadoras no processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TDAH, pois tais práticas podem ser ferramentas potentes, capazes de diminuir os desafios enfrentados pelos aprendizes em sala de aula devido o transtorno.

Nesse sentido, O professor tem papel fundamental no processo de desenvolvimento e alfabetização da criança com TDAH, pois ele faz a ponte com a família, e os demais profissionais especializados na área. É o docente que percebe algo de diferente no comportamento do seu aluno e que pode orientar os pais sobre o TDAH, bem como encaminhar relatórios para avaliações e tratamento com profissionais especializados na área.

Portanto, esta pesquisa concluiu que faz-se necessário mais estudos sobre a temática e a divulgação deles nos ambientes educacionais objetivando sanar as dúvidas ainda existentes e levar mais informações para a sociedade que desconhece a existência do TDAH, pois o conhecimento contribui para diminuir o sofrimento e dificuldades dos alunos inseridos nesse grupo.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Ênio Roberto. Quadro clínico do Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. RODHE, Luis e MATTOS, Paulo & cols. Princípios e Práticas em TDAH Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade. Porto Alegre: Artmed, 2003. p.77.
- APA Associação de Psiquiatria Americana. Disponível em: [http:// www.tdah.org.br/](http://www.tdah.org.br/). Acesso em: 15 nov. 2023.
- CASTRO, Chary A. Alba; Nascimento, Luciana. **TDAH-Inclusão na escola**. Rio de Janeiro: Ciência Moderna, 2009.
- MATTOS, Paulo. **No mundo da lua. Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade- TDAH**. Rio de Janeiro: ABDA- Associação Brasileira do Déficit de Atenção, 2012.
- SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Mentis Inquietas: TDAH: **Desatenção, Hiperatividade e impulsividade**. ed. Fontanar. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- WERLANG, Blanca Susana Guevara; Oliveira, Margareth da Silva. **Temas em psicologia clínica** (orgs.). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RECURSOS TECNOLÓGICOS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS QUE APRESENTAM AUTISMO: O USO DO SOFTWARE LUZ DO SABER INFANTIL

Ailza Souza Ramos Bueno

Elaine Melochero Torres

Giliane Cassiano de Lima

Maria Telina de Paula Sarmento

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, considera como pessoa com deficiência os indivíduos com transtornos do espectro autista. Desse modo, pode-se afirmar que para todos os efeitos legais um indivíduo com autismo é uma pessoa com deficiência ou necessidades educativas especiais.

Durante séculos os sujeitos que apresentavam necessidades educativas especiais foram marginalizados e excluídos da sociedade. Na Europa Medieval, frequentemente eles eram confinados em instituições religiosas. Durante o século XVIII, a compreensão das deficiências começou a evoluir. O médico pioneiro Jean-Marc Gaspard Itard foi um dos primeiros a desenvolver métodos para ensinar crianças surdas mudas. Ele também trabalhou com o menino chamado Victor, encontrado vivendo na floresta e, portanto, ausente da sociedade, não dominava habilidades linguísticas ou sociais. Itard desenvolveu técnicas para subsidiar Victor a se comunicar e aprender habilidades básicas. Tal história fora retratada pelo cineasta francês François Truffaut, no filme intitulado O garoto selvagem (1970).

No final do século XIX, surgiram várias organizações dedicadas à educação e cuidados de pessoas com deficiências. Durante o século XX, houve avanços significativos na compreensão e tratamento das pessoas especiais. A introdução de programas de tratamento de educação especial e terapias comportamentais ajudou muito os indivíduos com deficiências a desenvolver habilidades sociais e de comunicação. Além disso, o desenvolvimento de

medicamentos para tratar problemas de comportamento associados às deficiências também melhorou significativamente a qualidade de vida das pessoas afetadas pela condição.

Hoje em dia, há muitas organizações dedicadas a fornecer suporte e serviços para pessoas com diferentes deficiências e seus familiares. Essas organizações oferecem uma ampla gama de serviços, incluindo assistência médica e aconselhamento emocional. Ademais, a legislação brasileira tem avançado significativamente no sentido de garantir a inclusão das pessoas com necessidades educativas especiais.

A educação escolar é fundamental para o desenvolvimento de todas as crianças, e com as crianças autistas não é diferente. A educação escolar proporciona às crianças autistas a oportunidade de aprender habilidades sociais, linguagem, comunicação, interação e outras habilidades importantes que podem ajudá-las a se tornarem mais independentes e capazes de se comunicar com outras pessoas.

Posto isto, busca-se com o presente estudo apresentar as especificidades da criança autista, sobretudo na etapa da alfabetização. E, num segundo momento, propor o uso do software ‘Luz do Saber Infantil’ no processo de ensino e de aprendizagem dessas crianças na referida etapa. Portanto, a estrutura deste texto segue a lógica apresentada – primeiro, especificidades da criança autista; segundo, proposição do software, reitera-se.

METODOLOGIA

Este estudo é uma pesquisa bibliográfica acerca do tema em questão, qualitativa, cujos dados foram analisados segundo a técnica análise de conteúdo de Bardin (BOGDAN, R. C.; BIKLEN, 1994; BARDIN, 2010; SOUZA, 2020).

A pesquisa bibliográfica é uma metodologia amplamente utilizada no trabalho de pesquisa em diversas áreas do conhecimento. Ela envolve a busca, seleção e análise crítica de fontes bibliográficas relevantes para embasar e fundamentar um estudo ou projeto de pesquisa. Neste subtópico do TCC,

discutiremos a importância da pesquisa bibliográfica como metodologia e suas etapas, bem como as vantagens e desafios associados a essa abordagem.

A pesquisa bibliográfica é uma modalidade de pesquisa que se baseia no levantamento e análise de informações disponíveis em fontes bibliográficas, tais como livros, artigos científicos, dissertações, teses, relatórios técnicos, entre outros. Seu principal objetivo é reunir conhecimento pré-existente sobre um determinado tema, a fim de embasar teoricamente o trabalho de pesquisa em questão (SANTOS; KUMADA, 2023; ALVES-MAZZOTI, 2006).

A realização de uma pesquisa bibliográfica envolve algumas etapas fundamentais:

a) Definição do tema: O pesquisador deve delimitar claramente o tema que será investigado, identificando os principais conceitos e palavras-chave relacionadas ao assunto;

b) Busca das fontes: Nesta etapa, o pesquisador deve identificar as fontes bibliográficas relevantes para o seu estudo. Isso pode ser feito por meio de catálogos online de bibliotecas, bases de dados acadêmicas, motores de busca especializados em artigos científicos, entre outros recursos;

c) Seleção e triagem das fontes: Após a busca, o pesquisador deve avaliar criticamente as fontes encontradas, selecionando aquelas que são mais relevantes e confiáveis para o seu trabalho. É importante considerar a credibilidade do autor, a atualidade da publicação, o rigor metodológico empregado, entre outros critérios de qualidade;

d) Leitura e análise crítica: Nesta etapa, o pesquisador deve realizar a leitura atenta das fontes selecionadas, buscando compreender e analisar os principais argumentos e contribuições de cada uma delas;

e) Síntese e redação: Com base na leitura e análise crítica das fontes, o pesquisador deve sintetizar as informações obtidas e redigir o trabalho de pesquisa, organizando as ideias de forma clara e coerente. É fundamental citar corretamente todas as fontes utilizadas, seguindo as normas de referência bibliográfica adotadas pela área de estudo (SANTOS; KUMADA, 2023; ALVES-MAZZOTI).

A pesquisa bibliográfica apresenta diversas vantagens como metodologia de pesquisa. Por exemplo, a economia de tempo, ao utilizar fontes bibliográficas já existentes, o pesquisador economiza tempo na coleta de dados primários. Vale sublinhar também o acesso ao conhecimento pré-existente. A pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador se familiarizar com os principais debates teóricos e descobertas científicas relacionadas ao tema em questão. Outro ponto importante é o embasamento teórico, pois mediante a pesquisa bibliográfica, o pesquisador pode embasar teoricamente seu trabalho, fundamentando suas hipóteses e argumentos em estudos anteriores. Também há vantagem no que concerne à ampliação da visão crítica, ao analisar criticamente diferentes fontes bibliográficas, o pesquisador desenvolve uma visão crítica mais ampla sobre o tema de estudo (SANTOS; KUMADA, 2023; ALVES-MAZZOTI).

Embora a pesquisa bibliográfica seja uma metodologia amplamente utilizada, ela também apresenta alguns desafios que devem ser considerados. O primeiro é a questão da disponibilidade e acesso às fontes. Nem sempre todas as fontes bibliográficas desejadas estão disponíveis ou acessíveis ao pesquisador. Algumas publicações podem estar fora de catálogo ou exigir acesso pago. A credibilidade das fontes, pois é fundamental avaliar a credibilidade das fontes encontradas, verificando a reputação dos autores e a qualidade dos periódicos ou editoras responsáveis pelas publicações.

A atualização do conhecimento, dependendo do tema de estudo, é importante considerar a atualidade das fontes utilizadas, buscando informações recentes que reflitam os avanços mais recentes na área. Portanto, faz-se imprescindível se atentar para essas limitações e buscar complementar sua pesquisa com outras abordagens metodológicas, como a coleta de dados primários, quando for necessário (CERVO, et al. 2007).

A pesquisa bibliográfica é uma metodologia valiosa para embasar teoricamente um trabalho de pesquisa. Ela envolve etapas como a definição do tema, busca das fontes, seleção e triagem, leitura e análise crítica, síntese e redação. Essa abordagem apresenta vantagens como economia de tempo, acesso ao conhecimento pré-existente, embasamento teórico e ampliação da visão crítica.

No entanto, é necessário enfrentar desafios relacionados à disponibilidade e acesso às fontes, credibilidade das fontes e atualização do conhecimento disponível.

ESPECIFICIDADES DA CRIANÇA AUTISTA

A educação da criança autista é um tema de grande importância para pais, professores e profissionais da área de saúde. O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurológica que afeta o desenvolvimento da comunicação, interação social e comportamento da criança. Por isso, é fundamental que a educação seja adaptada às necessidades individuais de cada criança autista. Existem diferentes graus de autismo, que varia entre os graus leve, moderado e profundo. O diagnóstico é baseado em critérios estabelecidos pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) (ZIVIANI, 2021)

O autismo leve, também conhecido como síndrome de Asperger, é caracterizado por dificuldades na comunicação social e comportamentos repetitivos ou restritos. As pessoas com autismo leve geralmente têm habilidades verbais bem desenvolvidas e podem ter interesses específicos intensos. O autismo moderado é caracterizado por atrasos significativos na comunicação social e no desenvolvimento da linguagem. As pessoas com autismo moderado podem ter dificuldades para se comunicar verbalmente e podem precisar de ajuda para realizar atividades diárias. O autismo profundo é caracterizado por atrasos graves no desenvolvimento da linguagem e na comunicação social. As pessoas com autismo grave podem não falar ou ter habilidades verbais limitadas. Elas também podem apresentar comportamentos repetitivos e restritos (ZIVIANI, 2021).

Além disso, o DSM-5 inclui uma categoria chamada Transtorno do Espectro Autista (TEA), que engloba todos os graus de autismo. O TEA é caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação social e na interação social, bem como padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. O tratamento para o autismo varia dependendo do grau da condição. As opções de tratamento incluem terapia comportamental, terapia fonoaudiológica e terapia

ocupacional. Medicamentos também podem ser prescritos para ajudar com sintomas específicos (LIMA, 2019).

No que diz respeito às escolas, elas têm um papel importante a desempenhar na educação das crianças autistas. As escolas devem fornecer um ambiente seguro e acolhedor para as crianças autistas, onde elas possam aprender e se desenvolver em seu próprio ritmo. As escolas também devem ter professores treinados em educação especial e técnicas de ensino específicas para crianças autistas.

As crianças autistas têm necessidades educacionais especiais que precisam ser atendidas. Por exemplo, algumas crianças autistas podem ter dificuldade em se comunicar verbalmente e podem precisar de apoio adicional para se comunicar. Outras crianças autistas podem ter dificuldade em lidar com mudanças na rotina ou em situações sociais e podem precisar de ajuda para lidar com essas situações (MENEZES, 2021).

Além disso, a educação escolar pode ajudar a melhorar a qualidade de vida das crianças autistas. Mediante a educação escolar, as crianças autistas podem aprender habilidades que lhes permitam ser mais independentes e participantes ativos da sociedade. A educação também pode ajudar a reduzir o estigma associado ao autismo, aumentando a compreensão e aceitação da condição.

A ETAPA DA ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização da criança autista é um processo complexo que requer atenção especializada e adaptada às necessidades individuais de cada criança. A alfabetização é uma habilidade fundamental para a vida, pois permite que as pessoas se comuniquem, leiam e escrevam com eficácia. Para as crianças autistas, a alfabetização pode ser um desafio ainda maior, mas com as estratégias adequadas pode ser alcançada (MENEZES, 2021).

Uma das principais dificuldades enfrentadas pelas crianças autistas na alfabetização é a comunicação. Muitas vezes, essas crianças têm dificuldade em se comunicar verbalmente ou em entender as nuances da linguagem. Por isso, é importante que os professores e especialistas em educação trabalhem com essas

crianças para desenvolver sua comunicação e linguagem (LIMA, 2019; MENEZES, 2021).

Outra dificuldade enfrentada pelas crianças autistas na alfabetização é a capacidade de concentração. Muitas vezes, essas crianças têm dificuldade em se concentrar por longos períodos de tempo e podem ficar facilmente distraídas. É importante que as atividades de alfabetização sejam adaptadas para atender às necessidades individuais dessas crianças e incluam pausas regulares para ajudá-las a manter o foco (LIMA, 2019; MENEZES, 2021).

Além disso, as crianças autistas podem ter dificuldade em compreender conceitos abstratos, como letras e sons. Por isso, é importante que os professores usem métodos concretos para ensinar a alfabetização, como jogos educativos, atividades práticas e outras estratégias lúdicas.

Outra estratégia importante para a alfabetização da criança autista é a utilização de recursos visuais. Muitas crianças autistas são aprendizes visuais e podem se beneficiar de imagens, diagramas e outros recursos visuais para ajudá-las a compreender conceitos de alfabetização.

Por fim, é importante que os pais e professores trabalhem em conjunto para apoiar a alfabetização da criança autista. Isso inclui o desenvolvimento de um plano de ensino individualizado que leve em consideração as necessidades individuais da criança, bem como a comunicação regular entre pais e professores para monitorar o progresso da criança.

A POTENCIALIDADE DO USO DO SOFTWARE LUZ DO SABER INFANTIL À ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA AUTISTA

Dadas as velozes transformações em termos de informação e comunicação na sociedade hodierna, os professores podem contar com um vasto leque de recursos tecnológicos capazes de subsidiá-los nos mais desafiadores contextos pedagógicos, dentre eles a educação escolar da criança autista. Referimo-nos às TICs (tecnologias para informação e comunicação), tecnologias que dão suporte de informação ao imprescindível trabalho do professor, de modo a facilitar os

processos educativos. De posse das TICs, o professor – mediador do processo educativo – pode transformar a informação em formação.

A tecnologia tem se apresentado como o principal fator de progresso e desenvolvimento. No paradigma econômico vigente, ela é assumida como um bem social e, juntamente com a ciência, é o meio para a agregação de valores aos mais diversos produtos, tornando-se a chave para a competitividade estratégica e para o desenvolvimento social e econômico de uma região. (SILVEIRA e BAZZO.2009, p.682).

Dentre as tecnologias, encontra-se o Software 'Luz do Saber Infantil', um recurso didático que visa, concomitantemente, promover a alfabetização e a inclusão digital das crianças. Assim sendo, verificou-se a potencialidade do referido recurso aplicado à alfabetização de crianças que apresentam autismo. Especificamente, buscou-se os principais objetivos do Software 'Luz do Saber' à aplicação no processo de ensino e de aprendizagem, bem como a proposição de aplicá-lo ao contexto da alfabetização de crianças que apresentam autismo.

O programa Luz do Saber possui uma metodologia suportada por um aplicativo desenvolvido em software livre com a Licença Pública Geral (GPL - *General Public Licence* -em Inglês). Ele foi desenvolvido por pesquisadores cearenses, cujo objetivo é alfabetizar jovens e adultos, disponibilizando também uma versão infantil. Voltado para a alfabetização, além da inclusão digital, o software foi adotado em escolas públicas do Estado do Ceará, precisamente nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Também vale destacar que teoricamente o software é embasado em Paulo Freire, Emília Ferreiro e Ana Teberosky, no que tange ao processo de aquisição do código linguístico (VALENTE, 1997, p.65).

Tendo em vista auxiliar o trabalho do professor no processo de alfabetização, o Software Luz do Saber Infantil é uma ferramenta educacional desenvolvida com uma interface amigável e recursos interativos. Assim, ele busca tornar o aprendizado mais lúdico e atrativo, sem perder de vista que os estudantes aprendam de forma autônoma e independente. Constituem os principais objetivos do software: 1) estimular a leitura e a escrita; 2) desenvolver habilidades cognitivas e motoras e 3) promover a inclusão digital.

Para alcançar tais objetivos, o 'Luz do Saber Infantil' conta com diversas atividades pedagógicas, tais como caça-palavras, bingo, karaokê, jogo da memória, quebra-cabeças e atividades de escrita. Trata-se de uma metodologia baseada na repetição e no reforço positivo, que pode proporcionar a fixação do aprendizado na memória dos alunos. O programa também conta com recursos como narração em voz alta e imagens ilustrativas que tendem a facilitar o processo de compreensão e assimilação dos conceitos.

Desse modo, mediante o uso do referido software, o professor pode trabalhar diferentes aspectos da alfabetização, tais como o reconhecimento de letras e palavras, formação de palavras e frases, identificação de sons, entre outros. Ademais, o software também tem vantagem em questão de adaptabilidade às necessidades individuais de cada aluno. O programa permite que os professores e pais monitorem a evolução dos alunos, ajustem as atividades de acordo com as habilidades dos mesmos e identifiquem possíveis dificuldades no processo de aprendizagem.

Posto isto, qual tem sido a avaliação dos professores acerca do software Luz do Saber Infantil desde que o mesmo adentrou o contexto educacional? Ele tem favorecido a prática pedagógica do professor? Segundo Behar:

A introdução do software luz do saber na escola ou na educação acarreta mudanças significativas em toda estrutura educacional. Um dos objetivos da nova tecnologia é tornar a educação ativa. O processo de informatização da educação deve ser considerado como um meio de reformulação das funções do professor. Partiu-se então, para o questionamento. O resultado, foi a descoberta de novas formas de organização do processo de ensino aprendizagem que obriguem o aluno a criar, explorar e integrar o conhecimento. Para isso é indispensável que o aluno aprenda a aprender, desenvolvendo seus próprios recursos. O luz do saber tem a capacidade de tornar o usuário cada vez mais autônomo e criativo, mas tudo dependerá da forma em que será utilizado (BEHAR, 1992, p.18).

Ou seja, o software tem sido bem avaliado por professores de alfabetização de salas regulares. Tal avaliação positiva também se confirma quando o referido recurso foi aplicado à alfabetização de crianças que apresentam autismo? Esta é uma indagação para investigações futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que a educação escolar é fundamental para o desenvolvimento e bem-estar das crianças autistas. As escolas têm um papel importante a desempenhar na educação das crianças autistas, fornecendo um ambiente seguro e acolhedor, professores com formação em: ed. especial, método aba e o poder público deve investir sempre na formação continuada de ensino específicas para crianças autistas, e atendendo às necessidades educacionais especiais dessas crianças.

Vimos também que a alfabetização da criança autista pode ser um processo desafiador, mas com as estratégias adequadas pode ser alcançada. É importante que os professores e especialistas em educação trabalhem com as crianças autistas para desenvolver sua comunicação e linguagem, adaptar as atividades de alfabetização para atender às necessidades individuais dessas crianças, utilizar métodos concretos e recursos visuais e trabalhar em conjunto com os pais para apoiar o processo de alfabetização.

Repensar uma escola inclusiva significa humanizar o espaço escolar, dada a diversidade e acolhimento a mesma. Na esteira dessa concepção, buscou-se com este estudo materiais eficazes que podem enriquecer o trabalho do professor alfabetizador de crianças com autismo. Mediante pesquisa de caráter bibliográfico empreendida no Google acadêmico, especialmente no ultimo quinquênio, verificamos a potencialidade de um software educativo que pode ser eficaz quando aplicado ao contexto educacional objeto deste estudo. Efetuamos a reflexão proposição do software 'Luz do Saber' nessa empreitada.

Futuramente, serão necessárias pesquisas acerca da percepção de professores que trabalham diretamente com alunos com necessidades educativas sobre a transposição do 'Luz do saber' às Salas de recursos, tendo em vista avaliar empiricamente a proposta ora apresentada.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTI, A. J. A revisão de bibliografia. Em: BIANCHETTI, L. & MACHADO, A. M. N. (orgs.). A bússola do escrever. Florianópolis: Ed. Cortez & Editora da UFSC, 2006.

BARBOSA, A. J. G. Deficiência Mental e Inclusão Escolar: produção científica em Educação e Psicologia. **Revista brasileira de educação especial**, n.15(2). Ago 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382009000200011>> Acesso em 25 de fev. 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

BEHAR, P. A. **Informática e educação**. Porto Alegre. Instituto de informática da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mar. 1992.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto (Portugal): Porto Editora, 1994.

CERVO, A. L.; VERVIAN, P. A.; SILVA, R. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CORDEIRO, A. M.; OLIVEIRA, G. M.; RENTERÍA, J. M.; GUIMARÃES, C. A. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões**, v. 34, n. 6, p. 428-431, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/rcbc/v34n6/11>>. Acesso em: 30 jun. 2023.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**: Teorias e abordagem. 2º ed, Porto Alegre: 2006.

DESLAURIERS, J. P.; KÉRISIT, M. O delineamento de pesquisa qualitativa. In.: POUPART, J. et. al (Org.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis: Vozes, 2008.

FERREIRA, N. S. A. As pesquisas denominadas “Estado Da Arte”. **Educação & Sociedade**, n. 79, p. 257-272, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2023.

LIMA, N. R. C. **Alfabetização de crianças com transtorno do espectro autista**: representações do professor. Dissertação – Mestrado em Saúde da Criança e do Adolescente. Universidade Federal de Pernambuco. 2019.

MENEZES, T. B. A. **O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS AUTISTAS**: Um estudo do tipo “estado do conhecimento” Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia. Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana-MG, 2021.

SANTOS, L. S.; KUMADA, K. O. Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica. 2018. Disponível em: <<https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rbic/article/view/113>> Acesso em: 30 jun. 2023.

SILVEIRA, R. M. C. F.; W. Ciências, tecnologia e suas relações sociais: a percepção de geradores de tecnologia e suas implicações na educação tecnológica. **Ciências & educação**, V.15, n. 3. P. 681-694 – 2009.

SOUZA, J. R., SANTOS, S. C. M. Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer. **Pesquisa e Debate em Educação**, Juiz de Fora: UFJF, v. 10, n. 2, p.1396-1416, jul.-dez.2020. ISSN 2237-9444.

ZIVIANI, B. N. **O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM AUTISMO**: O QUE NOS DIZEM AS PROFESSORAS? Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Doctum de Serra. Serra-ES. 2021.

A INCLUSÃO DO ALUNO COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS

Ailza Souza Ramos Bueno

Elaine Melochero Torres

Giliane Cassiano de Lima

Maria Telina de Paula Sarmento

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A inclusão nas escolas brasileiras é de extrema importância para garantir a igualdade de oportunidades e o pleno desenvolvimento de todos os estudantes, independentemente de suas características individuais. A inclusão se refere à prática de acolher e educar alunos com deficiência, transtornos do espectro autista, altas habilidades/superdotação e outras necessidades educacionais especiais no ambiente regular de ensino. Uma das principais razões para a importância da inclusão nas escolas brasileiras é o princípio da igualdade. Todos os estudantes têm direito à educação e devem ser tratados com respeito e dignidade. A inclusão promove a valorização da diversidade humana e combate a discriminação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

A inclusão nas escolas brasileiras também é importante do ponto de vista pedagógico. A diversidade de alunos em sala de aula enriquece o processo de ensino-aprendizagem, estimulando a troca de experiências e o desenvolvimento de diferentes habilidades. Os professores são desafiados a adaptar suas práticas pedagógicas para atender às necessidades individuais de cada aluno, promovendo uma educação mais personalizada e efetiva.

A inclusão de alunos autistas nas escolas regulares é um tema que tem ganhado cada vez mais relevância nos últimos anos. Santos (2016) atribui aos avanços na legislação nacional sobre a política de educação especial, o aumento no número de crianças diagnosticadas com autismo em escolas regulares. No entanto, a inclusão dessas crianças enfrenta uma série de desafios que precisam ser

superados para garantir-lhes uma educação de qualidade e igualdade de oportunidades.

Quais são exatamente esses desafios? Eis a problemática deste estudo. Para respondê-la efetuou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativa² na plataforma Google acadêmico. Assim sendo, esta pesquisa está estruturada conforme os desafios enfrentados pelas famílias e pelos alunos com TEA, segundo revisão da literatura.

DESAFIOS PARA INCLUSÃO DO ALUNO COM TEA

Nos últimos anos, houve um aumento significativo no desenvolvimento e implementação de políticas voltadas para a educação especial em todo o mundo. Essas políticas visam garantir que todas as crianças, independentemente de suas necessidades especiais, tenham acesso a uma educação de qualidade e inclusiva. Esse aumento reflete uma mudança na compreensão e na valorização da diversidade e da igualdade de oportunidades na educação.

Uma das principais razões para o aumento dessas políticas é o reconhecimento dos direitos das pessoas com deficiência. A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 2006, estabelece que todas as pessoas com deficiência têm direito à educação inclusiva e de qualidade em um ambiente que promova a igualdade e a participação ativa. Esse tratado internacional tem sido uma inovação para a implementação de políticas externas à educação especial em muitos países.

Além disso, sabe-se hoje da importância da educação inclusiva para os alunos de modo geral. A inclusão de crianças com necessidades especiais nas escolas regulares não apenas promove a igualdade de oportunidades, mas também contribui para o desenvolvimento social e emocional de todos os alunos. A interação entre crianças com diferentes habilidades e necessidades ajuda a criar um

ambiente mais democrático, tolerante e respeitoso, preparando os alunos para uma sociedade efetivamente democrática, diversa.

Outro fator importante é o avanço da tecnologia e das práticas pedagógicas. Com o desenvolvimento de recursos e ferramentas tecnológicas, é possível oferecer suporte individualizado e adaptado às necessidades de cada aluno. A tecnologia assistiva, por exemplo, permite que crianças com deficiências físicas ou de comunicação tenham acesso a uma educação de qualidade. Além disso, as práticas pedagógicas foram evoluídas para incluir estratégias de ensino diferenciadas, que atendem às necessidades específicas de cada aluno.

No entanto, apesar do aumento das políticas externas à educação especial, ainda existem desafios a serem enfrentados. Especialmente no que diz respeito à inclusão dos alunos com TEA, revisitamos a literatura e constatamos quais são os principais desafios à essa inclusão. Vimos que um dos principais desafios à inclusão do aluno autista é a falta de conhecimento e compreensão por parte dos professores e demais profissionais da educação. Muitas vezes, os educadores não estão preparados para lidar com as necessidades específicas desses alunos, o que pode trazer dificuldades no processo de ensino-aprendizagem. É nesse contexto que surge o profissional ATE,

Para as escolas, a presença desse profissional está atrelada à dificuldade que os educadores, principalmente os professores, sentem em relação à aprendizagem das crianças com desenvolvimento atípico. E é atravessado por esse papel de mediação que o ATE se insere no espaço escolar. Sua função não é substituir o professor, mas sim possibilitar a comunicação e as relações interpessoais no contexto escolar, de modo a contribuir para o desenvolvimento social e psicológico da criança. O ATE deve participar do processo de inclusão da criança com desenvolvimento atípico, intervindo no seu cotidiano e possibilitando-lhe maior autonomia e maior trânsito nos espaços sociais [...] (SANTOS, 2016).

Além de poder contar com o ATE, é fundamental que os profissionais recebam formação adequada sobre o autismo e estratégias pedagógicas inclusivas, a fim de proporcionar um ambiente acolhedor e adequado às necessidades individuais de cada aluno.

Outro desafio é a falta de recursos e apoio especializado nas escolas. Alunos autistas podem necessitar de adaptações curriculares, materiais didáticos diferenciados, acompanhamento terapêutico e suporte individualizado. No entanto, nem todas as instituições de ensino possuem estrutura e recursos suficientes para atender a essas demandas.

Ademais, Santos (2016) nos alerta que a estrutura por si só não é suficiente, se o professor não souber ou não quiser utilizá-la:

A existência de recursos pedagógicos na escola não garante que eles estejam sendo utilizados para a facilitação do processo inclusivo de crianças com TEA. A atitude do professor é de suma importância, visto que o que os professores dizem e fazem impacta na formação e no autossenso dos estudantes [...] (SANTOS, 2016, p.74).

Ainda sobre o desafio da falta de apoio, vale ressaltar que a falta de profissionais especializados, como psicólogos, fonoaudiólogos e terapeutas ocupacionais, também pode dificultar a inclusão plena do aluno autista.

Além disso, a falta de conscientização e facilidades por parte dos colegas de classe também representa um desafio significativo (BRUNER, 2001). O autismo é uma condição invisível, o que pode levar a estigmas e preconceitos por parte de muitos estudantes. É essencial promover a sensibilização e o respeito à diversidade desde cedo, para que os alunos autistas sejam acolhidos e incluídos de forma natural no ambiente escolar.

A falta de políticas públicas efetivas também é um obstáculo à inclusão do aluno autista. A legislação brasileira prevê a inclusão de pessoas com deficiência no sistema educacional regular, por meio da Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13.146/2015) e da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (MEC/SEESP, 2008). No entanto, muitas vezes essas leis não são inovadoras, faltando investimentos e planejamento adequado para garantir a inclusão plena dos alunos autistas.

Vale ressaltar que a consolidação da política nacional de educação inclusiva no Brasil após 1996 foi um processo gradual e complexo, marcado por avanços significativos na garantia do direito à educação para todos os estudantes, independentemente de suas características individuais. A partir desse ano, o país

passou a adotar uma abordagem mais inclusiva, buscando superar as práticas segregadoras e discriminatórias que historicamente permearam o sistema educacional.

Uma das principais conquistas nesse sentido foi a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) em 1996, que estabeleceu as bases para a construção de uma educação inclusiva no país. A LDB reconheceu a diversidade como um princípio fundamental e determinou que o ensino regular deveria atender a todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996).

A partir da LDB (1996), foram criados mecanismos para efetivar a inclusão educacional, como a implementação dos sistemas de ensino inclusivos em todas as etapas e modalidades da educação básica. Esses sistemas devem garantir o acesso, a permanência e o sucesso dos estudantes com deficiência nas escolas regulares, promovendo adaptações curriculares, metodológicas e de infraestrutura necessárias para atender às suas especificidades.

Outro marco importante na consolidação da política nacional de educação inclusiva foi a criação do Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade em 2003. Esse programa tem como objetivo promover a formação continuada de professores e gestores, o desenvolvimento de recursos didáticos acessíveis e a articulação entre os diferentes níveis de governo para a implementação de políticas inclusivas (CAIADO, LAPLANE, 2009).

Além disso, em 2008, foi promulgada a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, da Organização das Nações Unidas (ONU), que reforçou o compromisso do Brasil com a educação inclusiva. A Convenção estabelece que os Estados devem assegurar um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, além de garantir o acesso a escolas regulares e a igualdade de oportunidades na educação.

Para viabilizar a implementação da política nacional de educação inclusiva, foram criados diversos programas e iniciativas. Destacam-se o Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos (Pronase), o Programa Nacional de Apoio à Educação de Alunos com Deficiência (Pronap), o Programa Nacional de Inclusão de

Jovens (ProJovem) e o Programa BPC na Escola, que visa garantir o acesso e a permanência na escola de crianças e adolescentes beneficiários do Benefício de Prestação Continuada.

No entanto, apesar dos avanços conquistados, ainda existem desafios a serem enfrentados para a plena consolidação da política nacional de educação inclusiva. A falta de estrutura adequada nas escolas, a formação insuficiente dos professores para lidar com a diversidade e a resistência cultural são alguns dos obstáculos que precisam ser superados.

Por fim, a falta de apoio familiar também pode representar um desafio à inclusão do aluno autista. A boa relação entre a família e a escola desempenha um papel fundamental no desenvolvimento e sucesso educacional das crianças de modo geral, sobretudo no caso do aluno com TEA. Essa parceria é essencial para garantir um ambiente de aprendizado saudável e estimulante, promovendo o crescimento acadêmico, emocional e social dos alunos com TEA.

Uma das principais razões para a importância dessa relação é o fato de que a família e a escola são os dois principais contextos nos quais as crianças com TEA passam a maior parte do tempo durante sua infância e adolescência. A interação positiva entre essas duas instituições cria uma rede de apoio consistente e coerente para os alunos, fornecendo-lhes um senso de segurança, pertencimento e confiança. Quando a família e a escola trabalham juntas, há uma troca constante de informações sobre o progresso acadêmico e comportamental dos alunos. Os pais podem compartilhar suas observações sobre o desenvolvimento dos filhos em casa, enquanto os professores podem fornecer feedback sobre o desempenho escolar. Essa comunicação aberta permite que ambas as partes identifiquem áreas de melhoria e implementem estratégias eficazes para ajudar os alunos a superar desafios (CABRAL; FALCKE, 2021).

Além disso, a colaboração entre família e escola também é crucial para estabelecer expectativas claras e consistentes para os alunos. Quando pais e professores compartilham valores semelhantes em relação à educação, as crianças recebem mensagens coerentes sobre a importância da aprendizagem, disciplina e responsabilidade. Isso cria um ambiente propício ao engajamento dos alunos nas

atividades escolares, pois eles percebem que todos estão trabalhando em conjunto para seu sucesso. A boa relação entre família e escola também desempenha um papel importante no apoio ao desenvolvimento socioemocional dos alunos. Os pais desempenham um papel fundamental na promoção de habilidades sociais e emocionais, enquanto a escola oferece oportunidades para a prática dessas habilidades em um ambiente estruturado. Quando há uma colaboração efetiva entre essas duas esferas, os alunos têm mais chances de desenvolver habilidades como empatia, resolução de conflitos e autocontrole.

Também vale frisar que muitas famílias enfrentam dificuldades para lidar com o diagnóstico e as necessidades específicas do filho autista, o que pode refletir no seu desempenho escolar. É fundamental que as famílias recebam orientação e suporte adequado, para que possam contribuir no processo de inclusão e garantir o bem-estar do aluno (CABRAL; FALCKE, 2021). Ademais, uma boa relação entre a família e a escola pode refletir positivamente no desenvolvimento acadêmico do aluno com TEA:

Especificamente no contexto da inclusão escolar de crianças com TEA, constata-se que esse processo carece de maior discussão devido à complexidade do transtorno. Alguns estudos já sinalizaram benefícios da inclusão a tais crianças e suas famílias (Camargo & Bosa, 2009; Silva et al., 2020), como a melhora da concentração nas atividades propostas e, conseqüentemente, o cumprimento delas, além de propiciar o estabelecimento de interações com colegas. Esses resultados refletem na família, pois se atribui mais credibilidade às potencialidades da criança à medida que se percebe o seu investimento em relação à aprendizagem (CABRAL, FALCKE, 2021, p.495).

Em suma, a inclusão do aluno autista nas escolas regulares enfrenta diversos desafios que vão desde a falta de conhecimento e recursos por parte dos profissionais da educação até a falta de conscientização e apoio familiar. Superar esses desafios exige um esforço conjunto da sociedade, das instituições de ensino e do poder público, garantindo atualmente uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão nas escolas brasileiras é fundamental para garantir a igualdade de oportunidades e o pleno desenvolvimento de todos os estudantes. Além disso, promove a valorização da diversidade, combate a discriminação, contribui para a formação de cidadãos conscientes e enriquece o processo de ensino-aprendizagem. É um caminho essencial para construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Desde 1996, o Brasil tem buscado consolidar uma política nacional de educação inclusiva, garantindo o direito à educação para todos os estudantes. A promulgação da LDB, a criação de programas e iniciativas específicas e o compromisso com a Convenção da ONU são marcos importantes nesse processo.

O aumento das políticas voltadas à educação especial reflete um avanço na compreensão e valorização da diversidade na educação. Estas políticas são fundamentais para garantir que todas as crianças tenham acesso a uma educação inclusiva e de qualidade. No entanto, é necessário enfrentar desafios como a implementação eficaz das políticas e a garantia de recursos adequados. Com o comprometimento e investimento funcional, é possível construir um sistema educacional mais inclusivo e igualitário.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei n. 9394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <www.presidencia.gov.br>. Acesso em: 20 de agosto de 2023.
- BRUNER, J. S. (2001). **A cultura da educação.** Porto Alegre: Artmed.
- CABRAL, C. S.; FALCKE, D. **Relação Família-Escola-Criança com Transtorno do Espectro Autista: Percepção de Pais e Professoras.** Revista Brasileira de Educação Especial, Bauru, v.27, p.493-508, 2021.
- CAIADO, K. R. M.; LAPLANE, A. L. F. **Programa Educação inclusiva: direito à diversidade - uma análise a partir da visão de gestores de um município-polo.** Educação e Pesquisa 35 (2)Ago, 2009.
- MINAYO, M. C. S. (2013). **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde** (13.ed.). São Paulo.
- SANTOS, A. **A.Inclusão escolar de crianças diagnosticadas com Transtorno do Espectro Autista: Significados e práticas.** Dissertação – Mestrado em Psicologia – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 127f., 2016.

OS BENEFÍCIOS DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NO CONTEXTO DA EAD

**Camila Pereira Velame Lima
Durvalina Ferreira dos Santos
Luciene Suzarte Santos**

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No Brasil, muito tem acentuado a relevância do ensino EaD via online para continuidade do ensino e aprendizado. Assim, no cenário educativo, plataformas como *Youtube*, *Whatsapp*, e-mails, salas virtuais, rede de telefonia dentre outros, são fundamentais para que muitos indivíduos deem continuidade a seus estudos.

Na educação brasileira, muitos são os desafios que a educação encontra, mas no que diz respeito ao ensino EaD, a tecnologia consegue minimizar os problemas. Um dos modelos de ensino e aprendizagem regulada pelas Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) é o Ensino à Distância (EaD). Nesta modalidade de ensino padronizada, é permitida aos professores e alunos a conectividade, interatividade e troca de conhecimentos em diferentes ambientes físicos por meio das plataformas Ead.

EAD E SUAS TECNOLOGIAS- VANTAGENS E DESVANTAGENS

Na década de 70 chegam ao Brasil, no campo da educação, os computadores, por intermédio das universidades, porém as máquinas eram gigantes e tinham alto custo, com o passar dos tempos, seus valores foram reduzidos, até conseguir chegar a preços acessíveis à população.

Com a chegada dos computadores e da Internet anos mais tarde, outros programas educativos surgiram, mas na década de 90, as emissoras de TVs não

eram mais obrigadas a oferecer um tempo diário para os programas educativos ser transmitidos e que resultou num grande retrocesso para o ensino a distância.

Neste mesmo ano surgem os cursos por computador (CD-ROM) e na sequência os mesmos aconteciam pela internet e as universidades usando essa ferramenta seus empreendimentos nesse formato, até alcançar o auge através da criação da Secretaria de Educação a Distância (SEED), do Ministério da Educação (MEC) EM 1996 com legislação própria que garantia no futuro a validade nacional de diplomas emitidos pelos cursos realizados neste formato.

Moran (2007) afirma que a educação desde os anos 90 vive uma transição de práticas tradicionais para práticas online. Em apenas três décadas, milhões de discentes em todo o globo já estão entregues na continuação dos seus estudos, com acesso a aulas e atividades online. Os docentes, que até então, preservaram práticas tradicionais, precisam agora dominar tecnologias digitais para “ministrar suas aulas”, de maneira remota, objetivando a reinvenção da sala de aula.

DEMO (2008), sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação, aponta que “Toda proposta que investe na introdução das TIC’s na escola só pode dar certo passando pelas mãos dos professores, o que transforma tecnologia em aprendizagem, não é a máquina, o programa eletrônico, o software, mas o professor, em especial em sua condição socrática”.

Portanto, as mídias incorporadas em sala de aula ou em qualquer ambiente de aprendizagem cumpre um relevante papel no trabalho dos professores e podemos afirmar que essas tecnologias da informação são um grande desafio para estes profissionais, pois dependendo do conhecimento tecnológico que possuem podem ou não, produzir bons resultados.

A EAD ainda apresenta algumas questões que precisam ser ajustadas como, por exemplo, o acesso à internet de qualidade, pois ainda nos dias atuais o problema da internet não é uma questão resolvida. É um serviço caro e, além disso, em algumas regiões do Brasil, ela inexistente ou chega com qualidade muito ruim que dificulta o acesso eficaz a educação à distância.

É relevante lembrar que independente do modo de aprendizagem da pessoa estudante, é necessário motivação para enfrentar os obstáculos e alcançar sucesso

acadêmico. A motivação é um tema bastante complexo e de suma importância para o processo de ensino/aprendizagem, de acordo com Bock (1999).

O estudante motivado, segundo Cordioli (2008), busca espontaneamente pelo que deseja, não necessitando ser pressionado pela família ou por amigos. É sabido por muitos que a implementação da tecnologia como instrumento facilitador na educação causa inúmeros benefícios na vida dos estudantes bem como no trabalho dos docentes. Mas afinal, o que é tecnologia?

Na concepção de Vieira (2003):

Tecnologia são os meios, os apoios, as ferramentas que os educadores utilizam para que os educandos aprendam. Até a forma como organizamos os alunos na sala de aula em grupos ou em outros espaços também é tecnologia. O giz que utilizamos para escrever na lousa é tecnologia de comunicação e uma boa organização da escrita facilita e muito a aprendizagem. A forma de olhar, de gesticular, de falar com o outro isso também é tecnologia. (VIEIRA, 2003, p 15).

A educação atualmente encontra-se ainda mais complexa e desafiadora, então, os professores que por anos resistiram à Ead, terão que buscar capacitação o mais rápido possível, caso contrário corre o risco de perder seus empregos ou ficar aquém dos professores que já descobriram que a abordagem tradicional é falha e pode causar prejuízos de aprendizagens aos alunos.

Na ótica de Sathler (2020) o docente será multitarefa, orientará grandes grupos de discentes, dará consultoria a empresas, treinamentos e capacitações online, e alternará esses momentos com aulas, orientações de grupos e desenvolvimento de pesquisas, com colegas de outras instituições, ou seja, a Ciência será cada vez mais desterritorializada e tudo isso só é possível por causa da internet, que tem permitido a conexão e interligação das pessoas.

A internet é o tecido de nossas vidas. Se a tecnologia da informação é o hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana. (CASTELLS, 2012, p. 7).

A internet eclodiu em 1990, modificando a vida das pessoas de forma radical e potencializando o uso das tecnologias da informação e comunicação, as TICs, revolucionando as formas de se comunicar, inteirar, produzir e divulgar as

informações; possibilitando que o conhecimento chegue e esteja disponível em todos os lugares, em qualquer tempo e em qualquer hora. Assim, a internet contribui para a troca de conhecimentos e saberes de todas as pessoas.

No entanto, no que diz respeito à educação, Castells (2012) chama a atenção para o uso das tecnologias na educação, pois segundo ele, é preciso discernimento e sabedoria para uma utilização eficaz das ferramentas que se tem nas mãos: “Sem educação a tecnologia não serve pra nada”, e conclui afirmando que “o complexo não é a navegação na rede, mas saber aonde ir, onde buscar, o que deseja encontrar e o que fazer com o que se encontrou. Isso requer educação”.

O Censo da Educação Superior nos mostra que ultrapassa a marca de um milhão de alunos matriculados em cursos de graduação à distância no país e a cada dia esse número aumenta. Tal façanha só é possível pela garra de pessoas que lutam para realizar o sonho da continuidade da vida acadêmica.

O Ensino a Distância só evoluiu e alcançou milhares de estudantes devido à evolução e utilização das ferramentas tecnológicas. Ou seja, só evoluiu graças as Tecnologias de Informação e comunicação (TICs).

Landim (1997), diferencia os termos “ensino” e “educação”, sendo o primeiro ligado às atividades de treinamento e instrução; e o segundo refere-se à prática educativa e ao processo ensino-aprendizagem que leva o aluno a aprender, criar, inovar, pensar, participar ativamente na construção de conhecimentos.

Vale ressaltar, que o acesso a essas tecnologias só ocorrem devido o avanço tecnológico ofertado pela internet. Através das TICs é possível estudar em qualquer lugar, tomando um café, sentado em um banco de praça ou de um ônibus dentre outros o que não pode faltar é disposição e um computador ou smartphone ao alcance das mãos.

As tecnologias utilizadas na Educação a Distância oferecem aos seus usuários (docentes e discentes) a ampliação das possibilidades do ensino aprendizagem e auxiliam no processo educacional.

Moran (2007), afirma que “ensinar com as novas mídias será uma revolução se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que

mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário, conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial”. (MORAN, 2007, p. 63)

Na sequência, conheça a seguir alguns recursos tecnológicos utilizados no ensino à distância:

- AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM - (AVA) são ambientes online que o aluno acessa, para assistir as aulas e fazer atividades com a utilização do computador. Esse recurso oferece as atividades em diferentes formatos. A utilização de áudios que possibilitem o contato dos alunos com a voz do professor ajudam a diminuir a distância física existente entre professor e aluno na modalidade a distância, proporcionando ao estudante uma sensação de acompanhamento (Cunha et. al, 2009).

- FÓRUNS E CHATS - Ferramentas que permitem a interação e a troca de ideias pelos professores, alunos e tutores, no momento da discussão é possível esclarecer dúvidas e debater determinado assunto. Vale ressaltar que, nos chats a interação é em tempo real, enquanto nos fóruns a participação dos alunos não ocorre de forma síncrona. Os fóruns possibilita que todos os envolvidos no processo educativo exponham seus pontos de vista e contextualizem as temáticas discutidas. Através dos fóruns os alunos exemplificam, apresentam fatos que aguçam os questionamentos e tais exemplos práticos encorajam os aprendizes a participar mais das discussões propostas.

- BLOGS são páginas na internet de formato simples, utilizadas para fornecer material complementar de estudo, elas podem ser editadas e criadas por qualquer usuário, mesmo que este não tenha conhecimento algum em programação.

- VIDEOAULAS são aulas gravadas em vídeos para transmissão online que favorece o estilo de aprendizagem audiovisual. Neles o professor ministra a aula acrescida de aplicativos para apresentação de slides dentre outros.

- VIDEOCONFERÊNCIA A videoconferência é uma tecnologia que conecta alunos e professores usando o computador e uma câmera transmitindo o que se pretende em tempo real. As videoconferências apesar de ocorrer entre grupos de pessoas, estas geralmente estão em lugares e distâncias diferentes, ainda assim a

comunicação é eficaz e construtiva como se todos estivessem juntos em um só lugar.

- BIBLIOTECA VIRTUAL Tecnologia pensada para que o aluno tenha acesso a diversos materiais bibliográfico a qualquer hora. Na biblioteca online é possível baixar materiais de estudo sem pagar nada mais por isso.

- E-MAIL O e-mail é serve para troca de mensagens por todos os integrantes do curso, ele também permite o envio de materiais de estudo. Para Turkle, (1995, p. 10) ao se usar e-mail advém à oportunidade de serem construídos novos tipos de comunidades.

As ferramentas que auxiliam os profissionais e alunos na EAD podem ser manipuladas de várias maneiras, porém é necessário que o profissional tenha conhecimento não só do conteúdo a ser ensinado, mas precisar conhecer principalmente os formatos e funcionalidade dos recursos disponíveis buscando atingir a aprendizagem dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos mudaram e nesse contexto de mudança estão envolvidas as *tecnologias* educacionais digitais, ferramentas importantes que favorecem o processo de ensino aprendizagem dos alunos.

O Ead, sem dúvida é um meio para interações e aprendizagens, mas existem desafios para que a aprendizagem seja garantida, embora já existam muitas possibilidades significativas no mercado, como por exemplo, as próprias plataformas virtuais das instituições de ensino, bem como, ferramentas como o *Gloogle Classroom, Youtube e WhatsApp*.

A Tecnologia da Informação e Comunicação entendida como um paradigma inovador para o ensino e aprendizagem, oportuniza reflexões sobre os desafios e possibilidade que os sistemas e modalidades de ensino precisam enfrentar. Isso ocorre porque as TICs trouxeram possibilidade de interação e aprendizagem estando as pessoas próximas ou não. Mas também apresentaram uma complexidade que solicita reexaminar o papel da escola e da formação do professor.

Pois somente diante dessas reflexões é possível a inclusão escolar de todos os estudantes no mundo tecnológico.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. M.; ZAMBALDE, A. L.; FIGUEIREDO, C. X.. **Ensino a Distância**. UFLA/FAEPE, 2004.

BARROS, D. M. V. **Educação a Distância e o Universo do Trabalho**. Bauru-SP: EUDSC, 2003.

BRASIL. **PARECER CNE/CP 9/2001**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>

BRITO, G da Silva; **PURIFICAÇÃO, I.da**. Educação Professor e novas tecnologias. Curitiba, PR: Protexto,2003.

BOCK, Ana M. Bahia (org). **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

CASTELLS, M. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. de Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

CORDIOLI, Aristildes Volpato (organizador). **Psicoterapias: Abordagens Sociais**. 3ª ed. Porto Alegre: Artemed, 2008.

CUNHA, R. M.; GROSS, E.; VIDAL, O. F; SILVA, M.M. **O tutor na educação a distância: contribuições da motivação para a aprendizagem online** (2009). Disponível em: Acesso em: 12 de junho de 2023.

DEMO, Pedro. **TICs e educação**, 2008 <http://www.pedrodemo.sites.uol.com.br>

EAD – SUA ORIGEM HISTÓRICA, EVOLUÇÃO E ATUALIDADE BRASILEIRA FACE AO PARADIGMA DA EDUCAÇÃO PRESENCIAL Disponível em:

< <http://www.abed.org.br/congresso2008/tc/552008104927am.pdf>.> Acesso em 03 de julho de 2023.

LEGISLAÇÃO EM EAD Disponível em: <<http://www.abed.org.br/documentos/arquivodocumento.440.pdf>> Acesso em: 01 de junho de 2023.

LANDIM, Cláudia Maria das Mercês Paes Ferreira. **Educação à distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro: s.n.1997.

MARQUES, Camila. Ensino a distância começou com carta de agricultores. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, SP, 29/09/2004. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/educacao/ult305u396511.shtml> Acesso em: 08 de agosto. 2023.

MEC / SEED – Programa Nacional de Formação Continuada em Tecnologia Educacional PROINFO INTEGRADO. Introdução à Educação Digital: caderno de estudo e prática – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância; 2008. 268p.

MORAN, José Manuel et al. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007.

MORAN, José Manuel. **Integração das tecnologias na educação**. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/moran/integracao.htm>. Acesso em 21 de março de 2023.

_____. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - **uma leitura crítica dos meios**. Palestra proferida pelo Professor José Manuel Moran no evento " Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes" , realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>. Acesso em: abril 2023.

TURKLE, S. Life Oficina da net the screen: **identity in the age of the internet**.

Nova York: Simon & Schuster4, 1995

VIDAL, O. F; SILVA, M.M. **O tutor na educação à distância: contribuições da motivação para a aprendizagem online** (2010). Disponível em:<<http://dmd2.webfaccional.com/media/anais/O-TUTOR-NA-EDUCACAO-A-DISTANCIA-CONTRIBUICOES-DA-MOTIVACAO-PARA-A-APRENDIZAGEM-ONLINE.pdf>>Acesso em 15 de abril de 2023.

VIEIRA, Maria Alexandra Nogueira. EDUCAÇÃO E SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: Uma perspectiva crítica sobre as TIC num contexto escolar. Disponível em:

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/3276/1/Tese_Educacao_Sociedade_Informacao_AV.pdf.> Acesso em: março 2022.

A ARTE DE LER E CONTAR HISTÓRIA PARA ALFABETIZAR

Andreia Ribeiro Machado

Erminia Rita de Lima

Vanessa Augusta da Silva

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A infância talvez seja a fase mais fascinante de toda nossa existência, durante a vida é neste período que exteriorizamos nossos sentimentos, nossas experiências e fundamentalmente nossa criatividade da forma mais espontânea que existe: brincando. Através do faz- de- conta, das brincadeiras e da contação de histórias a criança interage com a realidade e estabelece relações com o mundo em que vive.

As atividades como músicas, histórias, ilustrações e demais trabalhos que englobam a artes plásticas simplesmente encantam com suas funções pedagógicas fundamentais para o desenvolvimento e a aprendizagem da leitura e da escrita. Assim sendo, este trabalho abordará a relevância da contação de história no processo da alfabetização.

Encantar e permitir que bons sentimentos envolvam uma criança é função do bom contador de história, indivíduo que possui a natural excelência para transformar a palavra em elemento mágico das narrativas. Portanto, pode-se afirmar que por meio da história a criança visita vários mundos, vários povos, várias realidades diferentes de tudo que ele vive. Ou seja, ela viaja para onde quiser sem sair do lugar.

No mundo educacional, no que tange aos anos iniciais, as metodologias e os materiais são pensados e produzidos para atender as necessidades da criança.

Vivemos numa era tecnológica que oportuniza diversificação e rapidez de informações que causa espanto, mas sabemos que ter acesso a muitas informações ao mesmo tempo não possibilita o conhecimento, pois para que a informação seja transformada em conhecimento é preciso processá-la.

A velocidade das informações prontas não permite que os infantes suscitem seu imaginário e desenvolva o senso crítico e, além disso, ajuda a produzir indivíduos que não criam, não evoluem e não desenvolvam a sensibilidade para compreender a si mesma e o mundo que o rodeia. Logo, é muito importante que as crianças vivenciem narrativas desde sua tenra idade.

A metodologia utilizada neste estudo será a bibliográfica com coleta de dados bibliográficos em banco de teses e dissertações brasileiras, bem como em livros e artigos científicos relacionados ao tema.

A escolha do tema vem com a justificativa de compreender a preocupação dos professores em manter viva a prática da leitura e contação de história no âmbito escolar com o objetivo de alfabetizar, pois conforme a rapidez das informações prontas que a tecnologia apresenta pode impedir que as crianças exercitem o imaginário e desenvolva o senso crítico e pode contribuir para a evolução de um indivíduo que não cria e que não desenvolve a sensibilidade para compreender a si mesma e o mundo que o rodeia. Logo, é muito importante que as crianças possam vivenciar narrativas desde sua tenra idade.

Diante do exposto, este problema busca responder o seguinte questionamento: Qual a relevância da contação de história no processo da alfabetização?

O objetivo geral desta pesquisa é mostrar o contributo da leitura e contação de história no contexto da Educação Fundamental para uma aprendizagem significativa no processo da alfabetização e tem como objetivos específicos: abordar a contação de história como prática educativa; mostrar a historicidade da Literatura Infantil e abordar a alfabetização por meio da contação de histórias.

Assim espera-se que os conhecimentos dos profissionais da educação sejam ampliados, para que os mesmos atendam as crianças em sua totalidade, respeitando inclusive a singularidade de cada um.

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO PRÁTICA EDUCATIVA

A Contação de histórias é um dos recursos mais antigos de interação humana usada desde o início da humanidade para transmitir vários conhecimentos

e desenvolver o desejo pelo ato de ler. Porém, Tolkien (2006) relata que não há uma data propriamente definida da origem da contação de história.

É de suma importância para a formação da criança que ela tenha acesso a histórias contadas por um adulto desde primeiros anos de idade e que livros, sobretudo, de literatura infantil, sejam apresentados a ela, dando a oportunidade de entrar em contato com o mundo da fantasia.

Ainda na sua tenra idade o indivíduo gosta de ouvir histórias que falem da sua própria vida. Nesta fase histórias de sua vida e de seus familiares são as mais atraentes com o passar do tempo já é capaz de escolher histórias mais elaboradas e que abranjam outras realidades.

Contar histórias é um método importantíssimo para a aprendizagem da criança, pois depois de ouvir ou ler junto com o professor uma determinada história, a criança interpreta, cria, recria, pergunta, argumenta e compara a história com situações da sua própria vida ou de seus familiares e assim, o processo de oralidade e escrita é trabalhado de forma positiva.

Conforme vai amadurecendo, a criança interage com as histórias, acrescenta fatos, cenários, e personagens e chama a atenção do leitor, caso esse se esqueça de algum episódio da história.

Por meio da contação de histórias a criança estabelece a própria identidade e compreender as relações familiares. O imaginar coisas pelas crianças é ideia alimentada pelos livros, através deles ou das histórias contadas, os pequenos leitores dão preferência para os contos de fadas, poesias, fábulas, entre outros.

ABRAMOVICH (1993) corrobora essa ideia ao enfatizar que:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo. (ABRAMOVICH, 1993, p.16).

Neste contexto, a realidade e a imaginação se confundem. Assim, a criança se reconhece e interpreta sua experiência de vida real por meio de simples histórias. A capacidade de imaginação das crianças é aprimorada quando elas ouvem

histórias e, ao ouvi-las seus pensamentos, seus desenhos, sua escrita, o criar e o recriar são estimulados.

A contação de histórias é uma estratégia que pode favorecer de maneira significativa a prática docente (...). A escuta de histórias estimula a imaginação, educa, instrui, desenvolve habilidades cognitivas, dinamiza o processo de leitura e escrita, além de ser uma atividade interativa [...]. (BERNARDINO; SOUZA, 2011, p. 236).

A sociedade contemporânea vive numa era tecnológica que assusta pela rapidez de informação, mas sabe-se que ter acesso a muitas informações ao mesmo tempo não possibilita o conhecimento, pois para que a informação seja transformada em conhecimento é preciso processá-la.

Logo, a rapidez das informações prontas impede que as crianças suscitem seu imaginário e desenvolva o senso crítico e contribui para a evolução de um indivíduo que não cria e que não desenvolve a sensibilidade para compreender a si mesma e o mundo que o rodeia.

Assim sendo, é muito importante que as crianças vivenciem narrativas desde sua tenra idade.

Por meio de muitas histórias a criança se imagina na situação, na verdade ela passa ser a protagonista da história ou até mesmo imagina ser seu herói favorito.

Cavalcanti (2002), afirma que as primeiras narrativas eram repletas de narrativas fabulosas sobre as possibilidades que envolviam o início do mundo, a formação do planeta, bem provável que tais conteúdos estariam em volta do senso comum e ainda o sobrenatural, tudo que era misterioso e sagrado. Estes relatos registrados com rituais e magias, estagnado na consciência mística envolvidos com ensinamentos religiosos, passaram a ser conhecidas como mitos e histórias e conforme passava o tempo eram recontadas.

Pode-se imaginar como era este e outros contadores, que atuavam com maestria em segurar a atenção de muitas pessoas, e que estas após ouvirem poderiam ficar por tempos relembrando o que ouviu e ainda arriscaram a reproduzir para outros com a mesma riqueza de detalhes. Encantamento presente

em algumas pessoas que se destacam pela facilidade em se comunicar e passar adiante informações, “dom” ou habilidade em chamar atenção com a correta utilização das palavras.

Segundo, Silva (2011), em tempo longínquo ainda nos pequenos vilarejos distantes dos centros urbanizados os homens se reuniam em volta das fogueiras para ouvir um contador de histórias. Tais narrativas eram relatos de possíveis experiências de vida, ou acontecimentos, aventuras e ainda releituras de mundo com riqueza intelectual e interpretativa, no intuito de segurar atenção dos curiosos e de certa forma uma distração para todos os ouvintes, o contador passava a ser reverenciado por sua sabedoria e perspicácia em envolver as pessoas com seus ensinamentos.

De acordo com, Nicolete (2011), as histórias falavam pouco sobre a inexistência de experiências coletivas, mas exaltavam os acontecimentos e fatos coletivos, batalhas e guerras, epidemias e morte, sendo que em determinado tempo podem afetar toda a sociedade. Porém, os relatos de experiência respeitam a singularidade de entendimento de cada indivíduo, e que pode ser compartilhada, mas a compreensão de cada fato vai depender de como o ouvinte recebeu a mensagem transmitida.

Sabe-se que o processo de leitura exige complexidade e habilidades, sendo instrumento essencial na efetivação da comunicação e compreensão, os educadores, são participantes da formação do desenvolvimento de estratégias de leitura para compartilhar com os docentes o gosto pela leitura, criando espaços e situações prazerosas que estimule o envolvimento das crianças.

Sabemos que um dos grandes problemas da educação brasileira é que muitos alunos chegam à vida adulta sem compreender adequadamente o que leem. Os resultados das avaliações oficiais (SAEB) confirmam as dificuldades de leitura de nossos alunos. Temos que vencer esse desafio. Vamos, então, refletir sobre questões conceituais, que nos auxiliem a esclarecer o que fazemos quando lemos na busca da compreensão do texto, e sobre questões pedagógicas, que nos apoiem na condução do processo educacional. (BRASÍLIA, 2007).

Em concordância com a citação, a leitura deverá ser exercitada diariamente no espaço escolar, incluindo os externos como pátios ou biblioteca/sala de leitura

e até jardins se for possível, pois não existe fórmula mágica, a criança só aprende ler, lendo.

A compreensão da escrita e seus códigos só poderão ser efetivos com a participação do leitor, partindo dos textos infantis e outros gêneros textuais partindo então do simples ao complexo, somente com estas atividades é que a criança poderá e tornar um adulto crítico e com alfabetização funcional de caráter instrumental que poderá escrever no futuro com qualidade participando ativamente da cidadania, alcançando autonomia profissional e pessoal.

Segundo Silva (1985) apud. Matias et.al (2016), isolando em sua contextualização que no processo de história do Brasil não ocorreu empenho das políticas públicas que realmente valorizassem a promoção do homem em todos contextos, principalmente cultural e intelectual. Então, diante disso os bens culturais eram de certa forma, restritos a certa classe socioeconômica, os trabalhadores excluídos acabam encontrando dificuldade sistêmica e baixa qualidade expressão, criação e até imaginação, pois destes foi roubado o direito de se tornarem leitores e reforçando o analfabetismo funcional deste povo.

Na atualidade as facilidades e inovações tecnológicas diminuem estas diferenças, porém sabe-se que quando o adulto não foi criado em um ambiente familiar alfabetizador, a escola pouco pode ampliar a vontade e gosto pela leitura.

Em concordância com Lima (2008), com o exercício da leitura as crianças passam a ter oportunidade de aprender a fazer explorando a capacidade de representação e apreciação das diversidades por intermédio da linguagem artística com mediação pedagógica desenvolvendo compreensão intelectual e ampliando percepção aguçada a nível mundial, lembrando que os códigos formadores da linguagem da arte estimulam as emoções e paixões.

Quando a criança é privada desse conhecimento pode resultar na limitação de seus desenvolvimentos diminuindo drasticamente a capacidade em expor ideias, ou seja, a repressão e silêncio das emoções.

Logo, o professor mediador além de incluir no planejamento de aulas o momento de contar história, deverá também pensar em uma avaliação que englobe vários processos: a observação e interpretação do texto e das ilustrações, a criação

de novas possibilidades para o enredo dos contos, os recontos, a comparação de versões, entre outras atividades que valorize a comunicação e interação de todas as crianças.

A partir desta visão, a escola passa a ser responsável em inserir os alunos e oferecer diversidade de gêneros textuais e incluir a literatura, aproveitando para tornar a contação de história um momento único repleto de magias, capaz de facilitar a alfabetização, proporcionando ao aluno uma aprendizagem significativa e prazerosa.

A HISTORICIDADE DA LITERATURA INFANTIL

Apesar de ser fundamental para as crianças, a história nos mostra que nem sempre as crianças tiveram acesso a Literatura específica para elas, atendendo às suas diversas especificidades. A literatura infantil surgiu na Europa, quando Charles Perrault, importante escritor francês, autor de vários contos infantis no ano de 1697, publicou os famosos Contos da Mamãe Gansa. Para que o público infantil conquistasse o direito de ter uma literatura que atendesse suas particularidades, percorreu-se um longo caminho, pois até então não se escrevia para as crianças, O período da infância era colocado às margens.

A criança era vista como adulto em miniatura, trabalhava nos mesmos locais, usavam as mesmas roupas e era tratada da mesma forma que os adultos, inclusive participava da vida social do adulto, bem como de sua literatura. Nesta época a aprendizagem e o desenvolvimento da criança não eram motivo de preocupação para a sociedade.

Os Séculos XVIII e XIX representaram para as mulheres e crianças tempos de sofrimento, pois durante a Revolução Industrial, elas participavam de regimes desumanos nas fábricas. Neste período da história, os trabalhadores buscavam melhores condições de trabalho, e, nesta batalha de interesse, preservar a vida em família e liberdade para as crianças viverem sua infância era um dos maiores objetivos. (NICOLAU, 1997).

Foram essa luta e ideologia de um mundo mais justo e igualitário que oportunizou o surgimento de conceito de literatura infantil. É nesse momento onde a infância é colocada no centro das preocupações sociais, que a criança “passa a ter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro) ou novos rumos da ciência (a psicologia infantil, a pedagogia e pediatria) de que ela era destinatária” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2001, p.17). Diante dessa situação, uma literatura que contribuísse para a formação da criança enquanto sujeito era necessário.

Com o fortalecimento da burguesia, classe em expansão com grande domínio de poder, as especificidades da infância são reconhecidas, numa perspectiva pedagógica que passasse a servi-la. Assim, surgem as obras literárias próprias para o público infantil, com o objetivo de promover a educação moral das crianças. Diante disso, a criança começa a ser valorizada e considerada como um indivíduo social diferente do adulto, com necessidades e características próprias.

Sobre o nascimento da literatura infantil, com ascensão da burguesia, Regina Zilberman faz o seguinte comentário:

Antes da constituição deste modelo familiar burguês, inexistia uma consideração especial para com a infância. Essa faixa não era percebida como um tempo diferente, nem o mundo da criança como um espaço separado. Pequenos e grandes compartilhavam dos mesmos eventos, porém nenhum laço amoroso especial os aproximava. A nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente os meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções. Literatura infantil e escola, inventada a primeira e reformada a segunda, são convocadas para cumprir essa missão. (ZILBERMAN, 2001:15).

A junção da pedagogia e da literatura infantil passa a ser amparado por um significado novo para conceito de família, essa ligação, considera os laços sanguíneos mais relevantes que o valor social atribuídos aos laços de amizade socialmente valorizados pela aristocracia.

As crianças desta época com relação a literatura tinha realidades distintas marcadas pelas condições econômicas e sociais, pois as crianças nobres guiadas por educadores, liam grandes clássicos, ao contrário das crianças menos favorecidas que tinham contato apenas com as narrativas de cavalaria e de aventuras.

A Literatura Infantil continua sendo reconhecida como fundamental na formação da criança e o atual conceito de infância exige que esta esteja envolvida com a leitura e com a literatura, pois ambas trazem muitos benefícios para a vida destas. Conforme Silva (2010), “o ato de ler e ouvir histórias possibilita à criança expandir seu campo de conhecimento, tanto na língua escrita, quanto na oralidade”.

A LITERATURA INFANTIL NO BRASIL

É no século XIX que a Literatura Infantil chega ao Brasil, juntamente com D. João VI, em 1908, depois da implantação da primeira editora brasileira, a Imprensa Régia, fixada no Rio de Janeiro. As primeiras traduções e adaptações de diversas histórias europeias infantis, oriundas de Portugal foram realizadas por Alberto Figueiredo Pimentel, jornalista, poeta, romancista, cronista, tradutor e autor de literatura infantil. Diante das adaptações das obras pedagógicas de origem portuguesa, percebemos a típica dependência das colônias.

As obras de Carlos Jansen (Contos seletos das mil e uma noites, Robinson Crusoe, as viagens de Gulliver a terras desconhecidas) inauguraram o processo das traduções e adaptações, seguidas por adaptações de Figueiredo Pimentel (Contos da Carochinha, Histórias da baratinha), Olavo Bilac (Contos pátrios) e Tales de Andrade (Saudade). Vale o destaque para outras obras de Perrault, de Andersen e dos irmãos Grimm traduzidas e publicadas, também, pelo autor brasileiro Alberto Figueiredo Pimentel abrindo caminho para tantas outras traduções.

No início do século XX, a literatura infantil é consolidada e passa a auxiliar na formação cidadã das crianças. Algumas obras dessa época produzidas agora por escritores brasileiros que enaltecia a nacionalidade brasileira, mas os valores éticos e estéticos ainda eram pautados nos modelos europeus.

A verdadeira literatura infantil brasileira teve início com Monteiro Lobato, que escreve obras diversificadas, centralizadas em personagens que percorrem e unificam seu mundo de ficção.

Na década de 1920, surge a narrativa *A menina do narizinho arrebitado*, primeira obra da literatura infantil brasileira produzida por Lobato, nacionalista obstinado que não apreciava muito as traduções européias. Esse escritor no desenvolvimento de suas histórias costumava introduzir em os costumes do campo e lendas folclóricas nacionais, destacava a cultura brasileira e apresentava suas críticas aos problemas sociais da época.

Em 1940, as obras de Monteiro Lobato são classificadas com prejudicial na formação moral dos pequenos leitores e passa a ser proibido o uso das mesmas nos colégios religiosos, permitindo assim, o surgimento de uma literatura infantil sem encantamentos, fantasias e criatividade.

Na década de 50, muitas crianças já não liam mais como antes, pois com a chegada da televisão no Brasil inicia-se uma mudança brusca no comportamento leitor.

Ao analisar os caminhos percorridos pela literatura infantil brasileira, percebemos a preocupação dos autores em exaltar a nossa cultura. A literatura brasileira é diversificada, imensa e rica em conhecimentos.

A experimentação da leitura na escola fornece aos pequenos leitores a compreensão do livro e da leitura como instrumento de aprendizagem e manancial de informações.

Por meio da Psicologia é possível saber que a criança passa por diversas transformações, do nascimento até a adolescência, tais transformações determinam as fases de sua evolução. No contexto da literatura infantil, três dessas fases são mais consideradas: a do mito, a do conhecimento da realidade e a do pensamento racional.

No entanto, vale ressaltar o respeito ao limite de cada criança, pois o seu desenvolvimento peculiar é definido por muitos e diferentes fatores. Logo, muito mais importante que conhecer o desenvolvimento infantil é o conhecer a criança, sua história, suas experiências e conexão com o livro.

A BNCC – Base Nacional Comum Curricular enxerga a Literatura Infantil como uma porta de entrada para o universo maravilhoso da leitura. A Literatura Infantil é muito importante na formação do ser humano e essa importância se dá

pela variedade de textos que a compõem: fábulas, contos de fadas, contos maravilhosos, mitos, lendas, adaptações de grandes clássicos da literatura mundial, parlendas, trava-línguas, adivinhas, além de textos autorais narrativos e poéticos.

As narrativas também podem ser contadas por meio de apresentação de material impresso com as ilustrações dos personagens e paisagens para que as crianças possam identificar as imagens vistas durante a narração, montar quebra-cabeças com a mesma ideia, mesmo com peças grandes facilitando o manuseio e ainda exercitando a coordenação motora fina/pinça.

A apresentação das histórias em slides também é um ótimo recurso, pois amplia o tamanho e as cores com o auxílio da iluminação, permitindo que as crianças façam novas leituras de uma mesma história. Para as crianças maiores a encenação da história por meio de peças teatrais é uma ótima ferramenta ou pode-se simplesmente brincar reproduzindo partes da história

Lembrando que a leitura é um processo de aprendizagem e também iniciação a novas experiências desenvolvendo as potencialidades: atenção voluntária, capacidade de observação, exercício do pensamento abstrato, possibilidade de generalização, planejamento dos pensamentos, memorização, apresentação dos conhecimentos prévios, que associe e compare ideias, possibilidade em antecipar as informações e acontecimentos dentro do texto, distinguir realidade e ficção entre outros.

ALFABETIZAR CONTANDO HISTÓRIA

A história pode ser contada por meio de roda com música específica ou com as que as crianças já conheçam como pode ser também sem música alguma, com elementos visuais ou não. A roda deve permitir que a professora visualizasse todos e que todos consigam olhar para a mesma. A professora deve ler junto com as crianças permitindo que acompanhem a leitura mesmo que ainda não saibam ler.

A linguagem usada na contação de história deve alcançar facilmente a criança conduzindo-a a imaginação. O repertório precisa estar ligado ao que o

professor está trabalhando, conectado a algum projeto específico em ação, neste caso as histórias tem que abordar os temas.

Ao contar histórias apenas para deleite, podem ser contos clássicos ou atuais àquelas que as crianças demonstrem interesse. Montar um varal literário para expor os livros lidos durante a semana, no espaço da sala. Para fixação, depende do objetivo que o professor quer atingir, por exemplo, se o livro tiver uma moral, como, por exemplo, *O conto da carochinha*, tenta-se explicar a moral e mostrar para o pequeno ouvinte como ela deve ser aplicada nas situações reais do dia a dia, pode discutir as histórias lida e fazer ligação e comparação com outras histórias do mesmo gênero ou não.

Ao ouvir uma história, as crianças (e o leitor em geral) vivenciam no plano psicológico as ações, os problemas, os conflitos dessa história. Essa vivência por empréstimo, a experimentação de modelos de ações e soluções apresentadas na história fazem aumentar consideravelmente o repertório de conhecimento da criança, sobre si e sobre o mundo. E tudo isso ajuda a formar a personalidade! (SISTO, 2010, p. 1)

O professor deve estimular a interação da criança com o livro, sempre lançando perguntas acerca da história, de seus personagens, do cenário, também oportunizar que a criança leia para si, para o professor e para os colegas apoiando-se nas ilustrações e nos textos de memória, além de permitir que haja o reconto.

Nessa perspectiva, o professor precisa ser cuidadoso e criterioso na hora de escolher uma história respeitando os quesitos e preparos. O professor deve fazer inferências com os alunos por meio de questionamentos ou roda de conversa a fim de descobrir os conhecimentos de mundo que o mesmo traz consigo.

A moral contida nas fábulas é uma mensagem animada e colorida. Uma estória contém moral quando desperta valor positivo no homem. A moral transmite a crítica ou o conhecimento de forma impessoal, sem tocar ou localizar claramente o fato. Isso levou a pensar que essa narrativa da moralizante nasceu da necessidade crítica do homem, contida pelo poder da força e das circunstâncias. (GÓES, 1991, p. 144).

A interação deve ser constante, os pequenos devem ser indagados acerca do que se ouviu, qual personagem e qual momento da história que mais gostaram, perceber nas expressões faciais apresentadas, sinais de espanto, curiosidade,

alegria e demais reações que podem surgir durante a atividade, mediante tudo isso, posteriormente deve-se elaborar atividades que os instigue a solicitar a leitura novamente do mesmo livro ou de outros e fazer indicações.

E neste tear pedagógico o professor invade o mundo da criança de maneira lúdica tornando-o um mundo mágico, demonstrando diferentes sentimentos, brincando com os textos, com as palavras, com os personagens, interagindo com o aluno e o texto sem que o mesmo perceba que ali está aprendendo e não brincando, tornando a alfabetização mais interessante e encantadora.

As atividades psicomotoras de lateralidade podem também ser utilizadas, na localização dos espaços representados nas histórias, no movimento com a utilização de canções clássicas como na história da “Branca de neve e os sete anões” ... (eu vou, eu vou para a casa agora eu vou...), perguntar qual a direção da casa da criança, ou ainda temporalidade, do agora ou depois, entre outras possibilidades que possam surgir de uma atividade.

Lembrando que a leitura é um processo de aprendizagem e também iniciação a novas experiências desenvolvendo as potencialidades: atenção voluntária, capacidade de observação, exercício do pensamento abstrato, possibilidade de generalização, planejamento dos pensamentos, memorização, apresentação dos conhecimentos prévios, que associe e compare ideias, possibilidade em antecipar as informações e acontecimentos dentro do texto, distinguir realidade e ficção entre outros.

O acervo literário deve ser mantido em local de fácil acesso (altura), para que os pequenos possam explorar o material, tal atitude pode desenvolver o interesse pela leitura. Conversar com os familiares e sugerir que em algum momento do dia os pais leiam para seus filhos, podendo incluir inclusive gibis e outras revistas com assuntos pertinentes à idade, construindo ambiente alfabetizador sem poluição visual, porém com cores e que os materiais ali disponibilizados sejam reorganizados periodicamente.

O ato de ler deve ser natural na vida da criança de várias maneiras e em diversos lugares, pois o objetivo principal da contação de histórias é propiciar momento lúdico e estimular o interesse pela leitura.

O professor deve fazer planejamentos de leituras das histórias que serão contadas durante a semana, com o antes, durante e depois, no planejamento deve constar o título dos livros, os autores e editora, bem como, os questionamentos que serão feitos. Vale ressaltar, que a contação não é apenas um momento de entretenimento, mas uma ferramenta potente para construção de leitores, e uma recurso relevante no procedimento de leitura e escrita.

[...] ler histórias para as crianças, sempre, sempre (...). É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas e encontrar outras ideias para solucionar questões – como os personagens fizeram – é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto. (CORTES, 2006, p. 79).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a contação de história e o exercício da leitura, as crianças passam a ter oportunidade de aprender a fazer explorando a capacidade de representação e apreciação das diversidades por intermédio da linguagem artística com mediação pedagógica desenvolvendo compreensão intelectual e ampliando percepção aguçada a nível mundial, lembrando que os códigos formadores da linguagem da arte estimulam as emoções e paixões.

Assim sendo, compartilhar conhecimentos por meio da contação de histórias é muito mais que ensinar, é participar ativamente da formação de futuros cidadãos capazes de ler e analisar o mundo com criticidade, que alcancem o mais alto nível de compreensão na leitura de mundo e escrita para que todo aprendizado do qual participe durante sua existência possa lhe proporcionar liberdade em crescer social e profissionalmente.

Portanto, ler e contar história na sala são ações pedagógicas relevantes para a formação da criança, pois a insere no mundo da leitura e da escrita com facilidade e fantasia, tornando-a mais criativa e reflexiva.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993

BERNARDINO, Andreza Dalla; SOUZA, Linete Oliveira de. **A contação de histórias como estratégia pedagógica na Educação Infantil e no Ensino Fundamental**. Educarem et educare- revista de educação. São Paulo, v. 06, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011. Disponível em: . Acesso em: 11 dez. 2023.

BRASÍLIA, 2007, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, Diretoria de Assistência a Programas Especiais, **A alegria de ler e aprender**, Sistema Nacional de Formação de Profissionais da Educação Básica, TP5, FNDE/MEC, Brasília, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/praler/tp/tp5.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023

CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da Literatura Infantil e Juvenil: dinâmicas e vivências na ação pedagógica**. São Paulo: Paulus, 2002.

CORTES, Maria Oliveira. **Literatura infantil e contação de histórias**. Viçosa: CPT, 2000.

GÓES, Lucia Pimentel. **Introdução à literatura infantil e juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

LIMA, Márcia Ferreira de. **A IMPORTÂNCIA DO ENSINO DA ARTE COMO ELEMENTO CULTURAL NA FORMAÇÃO DOS CIDADÃOS**. 2008. Monografia 36f. Departamento de Ensino e Graduação - DEG - Universidade Estadual Vale do Acaraú. Ceará-Mirim. RN, 2008. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA17_ID11078_1808201_6171936.pdf. - Acesso em 20 de nov de 2023.

MATIAS, Márcia Ferreira de Lima, SILVA, Francisca Willyane Bezerra da, CARVALHO, Yara Priscila Câmara de,. **A importância da contação de histórias: reflexões psicopedagógicas na educação infantil, III conedu** – Congresso Nacional de Educação. Disponível em: https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA17_ID11078_1808201_6171936.pdf Acesso em 18 de dez de 2023.

NICOLETE, Adélia (Org.). Luís Alberto de Abreu: **um teatro de pesquisa**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura e Realidade Brasileira**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

SILVA, Rosimeire Cardoso Faria Soares da, **Histórias para ler o mundo**, Universidade De São Paulo Eca/USP – Escola De Comunicações E Artes Da Universidade De São Paulo CELACC – Centro De Estudos Latino Americanos Sobre A Cultura E Comunicação, 2011. Disponível em: <http://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/294-987-1-PB.pdf> Acesso em 01 de dez de 2023.

SISTO, Celso. **A arte de contar histórias e sua importância no desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2010, p.1-4. Disponível em: . Acesso em: 10 de out. 2023.

TOLKIEM, John R.R. **Sobre histórias de fadas**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006. Discente do último período do Curso de Pedagogia a distância pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Marcelino Vieira/RN. E-mail: loredapiloes@hotmail.com.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2001.

O LÚDICO COMO FERRAMENTA DE APRENDIZAGEM POTENTE NA ALFABETIZAÇÃO

Rosemeire Costa Lisboa da Silva ³

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nos dias atuais, as brincadeiras, os jogos e as cantigas são substituídas por jogos eletrônicos, fazendo com que as crianças fiquem cada vez mais nervosas, isoladas desconcentradas, dispersas, com prejuízo no desenvolvimento neurológico, que conseqüentemente causa dificuldade no processo de aprendizagem.

Desse modo, é preciso pensar em estratégias que ajudem as crianças que estão em fase de alfabetização, e a utilização das brincadeiras como proposta pedagógica é uma estratégia eficaz . Por isso, é muito importante desenvolver planos de aulas que incluam o lúdico como ferramenta poderosa de aprendizado que auxilia de forma exitosa no desenvolvimento da criança e no processo de ensino aprendizagem dela. sendo que essas atividades podem incluir, brinquedos e brincadeiras, música, dança.

O brinquedo, a brincadeira, o jogo, a dança e a música são atividades que oportunizam às crianças, mais interesse pelo aprendizado e, conseqüentemente, oferecem ao aprendiz mais conhecimento e autonomia, bem como, ensina as crianças a aprenderem e respeitar regras e valores. As crianças por meio do mundo lúdico se tornam mais empáticas, atenciosas e prestativas.

O objetivo geral do presente estudo é discorrer sucintamente sobre o processo de alfabetização e mostrar também como a música, as brincadeiras e

³Professora de Arte na Rede Municipal de Ensino de Caieiras.

Graduação: Licenciatura em Pedagogia e Formação Específica em Comunicação Assistida; Licenciatura em Arte; Especialização em Alfabetização e Letramento; Especialização em Arte e Educação; Especialização em Terapia e Arte na Educação: Dança, Música e Teatro e em jogos Teatrais; Especialização em Musicoterapia.

os jogos auxiliam na alfabetização e desenvolvimento da criança, enquanto sujeito aprendente.

A utilização de recursos lúdicos transforma aulas, que outrora seria entediante e sem graça em aulas com muita interação, alegria, motivação, questionamentos, resolução de problemas e muitas descobertas. Tudo isso somado, entrega excelentes resultados no processo de alfabetização.

O estudo tem cunho qualitativo e foi fundamentado em artigos científicos encontrados nas plataformas Google Acadêmico e Scielo e em livros que abordam a temática.

O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A linguagem é a mais antiga forma de expressão do indivíduo e evolui constantemente, é por meio dela que os seres humanos conseguem se comunicar, expressar e conseqüentemente se socializar, e por isso, o processo de alfabetização se torna tão importante, já que é fundamental para o desenvolvimento do ser humano.

No entanto, a alfabetização é um processo complexo para as crianças, pois além da dificuldade inicial da compreensão, pode surgir o medo, assim, se faz necessário criar estratégias que minimizem as dificuldades desse processo e uma dessas estratégias é a inclusão do lúdico no processo de ensino e aprendizagem.

O lúdico no processo de ensino e aprendizagem, pode ser trabalhado com a utilização da música, brincadeira e jogos, já utilizados na educação nas civilizações Romanas e Gregas, pois os mesmo compreendiam a importância de sua utilização no processo de aprendizagem.

Na época do cristianismo os jogos e brincadeiras deixaram de ser utilizados como forma de ensino, pois os religiosos acreditavam que eram má influência. Porém quando a Companhia de Jesus chegou ao Brasil, por volta de 1500, passaram a utilizar jogose brincadeiras na educação, pois perceberam que esses recursos lúdicos auxiliava no aprendizado.

Destarte, a utilização do lúdico no processo dealfabetização é capaz de

proporcionar uma aprendizagem eficaz, já que as crianças podem aprender com mais facilidade, as letras e os números através da música, dos jogos e das brincadeiras, além disso aprendem regras, melhoram a comunicação, ampliam o vocabulário e trabalham vários aspectos, como por exemplo, a concentração, criatividade, raciocínio.

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo a linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente”. (BRASIL, 1998, p. 45)

Vale enfatizar , que quando a criança faz a transição do ensino infantil para o ensino fundamental, os pais criam a expectativa de que a criança sejam logo alfabetizada, que aprendam a ler e a escrever muito rápido, e se decepcionam quando percebem que o lúdico está sendo utilizado como metodologia de ensino.

A aprendizagem vai muito além de aprender a ler e a escrever, pois a criança se desenvolve em vários momentos e de várias formas, sobre isso, Santos,(2009, p. 08), indaga “(...) quais são os objetivos almeçados pelos pais, além do início da alfabetização de seu filho? Transferindo estes aspectos para termos musicais e encontraremos aqui uma potente ferramenta de educação voltada para o desenvolvimento global da criança”.

Podemos, através da brincadeira, explorar a criatividade, o movimento, a solidariedade, o desenvolvimento cultural, a assimilação de novos conhecimentos e as relações, incorporando novos valores. O lúdico na vida escolar deve ser preservado. (JESUS, 2010, p. 02)

Diante do exposto, dentro da área pedagógica, deve se pensar na utilização do lúdico como uma ferramenta metodológica de ensino e aprendizagem e dentre as inúmeras opções, podem ser utilizadas a música, os jogos didáticos, as brincadeiras.

No que se refere à música, por exemplo, pode se utilizar as parlendas, que são pequenos textos que podem ser recitados. Compreende-se que a música estimula vários sentidos, como a fala, a audição, o movimento, além disso, faz

com que a criança se torne mais criativa e concentrada.

Na visão de Santos (2009, p. 12), “a criatividade é essencial em todas as situações. Uma criança criativa raciocina melhor e inventa meios de resolver suas próprias dificuldades”.

Hoje, existem milhares de atividades que ensinam muito mais do que o “mais do que ensino” tradicionalmente, aquele que o aluno pega seu caderno ou cartilha, o professor ensina e ele “aprende”. As atividades lúdicas são fundamentais para socialização da criança principalmente para as da alfabetização, pois é nesta fase que tudo se aprende. (SILVA, 2007, p. 05)

Desta maneira, as cantigas de roda são extremamente benéficas, pois auxiliam no desenvolvimento do repertório, da linguagem, da comunicação, nesse sentido, a utilização do lúdico no processo de ensino e aprendizagem faz com que a criança aprenda e se desenvolva e melhore sua relação com os pares.

Segundo Brito (2003, p. 28) “(...) como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música, em suas diversidade e riqueza permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro – próximo ou distante”.

A fase de alfabetização é uma fase de descoberta para a criança e elas podem desenvolver a habilidade da leitura, escrita e interpretação de textos através de atividades lúdicas, pois quando incluídas na rotina da educação, faz com que as crianças se tornem mais pertencentes ao grupo, participativas e motivadas.

Para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensorio-motoras”. (BRASIL, 1998, p. 113)

Por isso, o lúdico é tão relevante, já que a brincadeira é uma forma de linguagem, é durante as brincadeiras que a criança se expressa, se comunica. A brincadeira faz parte da vida do ser humano, principalmente durante a infância e está presente em vários momentos, nas tradições e nas manifestações culturais, sendo ela também uma fonte de lazer, de cultura e de aprendizado.

Desta maneira, as cantigas de roda são extremamente benéficas, pois auxiliam no desenvolvimento do repertório, da linguagem, da comunicação, nesse sentido, a utilização do lúdico no processo de ensino e aprendizagem faz com que a criança aprenda e se desenvolva e melhore sua relação com os pares.

Segundo Brito (2003, p. 28) “(...) como uma das formas de representação simbólica do mundo, a música, em suas diversidade e riqueza permite-nos conhecer melhor a nós mesmos e ao outro – próximo ou distante”.

A fase de alfabetização é uma fase de descoberta para a criança e elas podem desenvolver a habilidade da leitura, escrita e interpretação de textos através de atividades lúdicas, pois quando incluídas na rotina da educação, faz com que as crianças se tornem mais pertencentes ao grupo, participativas e motivadas.

Para aprender a ler e a escrever, a criança precisa construir um conhecimento de natureza conceitual: precisa compreender não só o que a escrita representa, mas também de que forma ela representa graficamente a linguagem. Isso significa que a alfabetização não é o desenvolvimento de capacidades relacionadas à percepção, memorização e treino de um conjunto de habilidades sensorio-motoras”. (BRASIL, 1998, p. 113)

Por isso, o lúdico é tão relevante, já que a brincadeira é uma forma de linguagem, é durante as brincadeiras que a criança se expressa, se comunica. A brincadeira faz parte da vida do ser humano, principalmente durante a infância e está presente em vários momentos, nas tradições e nas manifestações culturais, sendo ela também uma fonte de lazer, de cultura e de aprendizado.

O LÚDICO EM PROL DA ALFABETIZAÇÃO

A partir do momento em que a criança brinca, ela passa a construir seu próprio conhecimento e cultura, desta forma, Vygotsky (2007), se refere ao ato do brincar como de fundamental importância para a construção do pensamento da criança, pois enquanto ela brinca, passa a desenvolver seu sistema cognitivo e aprende a lidar com diversas situações.

Podemos, através da brincadeira, explorar a criatividade, o movimento, a solidariedade, o desenvolvimento cultural, a assimilação de novos conhecimentos

e as relações, incorporando novos valores. O lúdico na vida escolar deve ser preservado. (JESUS, 2010, P. 02)

Desse modo, as brincadeiras precisam ser incorporadas na rotina das crianças, sendo que dentro da unidade escolar, deve-se planejá-las de forma pedagógica, pois através do estímulo que a brincadeira proporciona, a criança aprende de forma orgânica, se sente motivada e aprende com mais facilidade. Ao brincar, a criança melhora o raciocínio, a concentração e o comportamento.

Vygotsky (2007, p. 112), afirma que, assim como uma situação imaginária tem que conter regras de comportamento, todo jogo com regras contém uma situação imaginária. Assim sendo, não existe brincadeira sem regras.

Nas brincadeiras realizadas no processo de ensino da alfabetização, a criança conhece diversos materiais e objetos que auxiliam na criatividade e nas diferentes maneiras de brincar. Os objetos que podem ser usados nesse cenário são, por exemplo, os brinquedos de encaixar, sucatas, fantasias, dedoches, máscaras, dentre outros.

Ao brincar, a criança explora a criatividade, o movimento, a solidariedade, o desenvolvimento cultural, a assimilação de novos conhecimentos e relações, incorporando novos valores. É de suma importância a preservação do lúdico na vida escolar .

A brincadeira deve ser vista como forma de desenvolvimento e aprendizado, instrumento muito importante para a criança, já que o ato do brincar explora vários sentimentos e ensinamentos na vida dessa da criança. Enquanto bricam, as crianças estão felizes, sorrindo, pulando, correndo, imaginando e criando, esquecem os problemas e se comunicando de forma plena, sem medos.

Na concepção de Alves e Sommerhalder (2006, p. 131), “o brincar pode abrir um espaço para que a criança possa falar em nome próprio e de si mesma”. É no momento que estão praticando atividades lúdicas que as crianças expressam seus sentimentos e suas vontades. O brincar é uma linguagem infantil capaz de proporcionar as melhores interações.

Os jogos e brincadeiras devem ser utilizados em todos os componentes curriculares, pois eles auxiliam no desenvolvimento psicomotor, tornando as

crianças mais criativas e participativas durante as aulas. As crianças que são estimuladas por meio dos jogos compreendem e interpretam com mais facilidade, bem como oralizam os textos em situações socialmente significativas, interagem e discutem temáticas em diferentes campos de atuação.

O jogo como promotor de aprendizagem e do desenvolvimento passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que coloca o aluno diante de situações lúdicas como o jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-los dos conteúdos culturais a serem vinculados na escola. (KISHIMOTO, 1994, p. 13)

As crianças não compreendem os jogos e as brincadeiras como uma forma de aprendizagem ou uma atividade cansativa e provavelmente nem entendem que se trata de uma metodologia pedagógica, porém, acabam por aprender enquanto brincam e estão focados em resolver os desafios. Essa metodologia contribui no processo de ensino e aprendizagem, pois fará com que a criança tenha mais disposição para aprender.

Segundo Biasi (2018, p. 15), “as características do jogo fazem dele um veículo de aprendizagem e comunicação ideais para o desenvolvimento da personalidade e da inteligência emocional. Os jogos são de grande importância para o desenvolvimento integral da criança, não apenas do ponto de vista motor, mas também do intelectual, afetivo e social”.

Desta maneira, deve-se pensar na inclusão de jogos e brincadeiras que acabem por auxiliar no desenvolvimento das crianças, buscando propor atividades que vão de encontro com as metas e os objetivos que precisam ser alcançados em prol de uma aprendizagem significativa.

Os jogos, apesar de passarem uma ideia de que são matemáticos, eles podem ser utilizados em vários momentos e situações, já que auxiliam na memorização, no raciocínio, tornando assim o aprendizado mais eficaz.

Portanto, os jogos podem ser utilizados no processo de alfabetização com a utilização do bingo de letras, caça-palavras, boliche de letras, soletrando, roleta do alfabeto, podendo inclusive ser confeccionados com materiais recicláveis e com ajuda das próprias crianças.

Os jogos e brincadeiras são atividades não formais, porém devem ser planejadas, sendo assim não podem ser passadas de forma aleatória, desta maneira, se faz necessário prévia organização, sempre tendo os objetivos claros e pré-determinados. A forma com a qual será conduzida a atividade irá influenciar no resultado, escolher espaços e atividades adequadas, fará toda a diferença. Conforme Oliveira e Silva (2014, p. 37):

Os jogos e brincadeiras devem ser utilizados com uma proposta pedagógica contida em uma programação onde consigam alcançar os objetivos estipulados aplicados pelo educador com um espírito crítico a fim de mantê-los, alterá-los, substituí-los por outros ao se perceber que se distanciam dos objetivos e metas estipulados.

O dominó, os dados, os jogos de encaixe, os jogos de carta, de encaixe e o quebra-cabeça , por exemplo, são os jogos e brincadeiras que podem auxiliar no raciocínio matemático . O ensino da matemática pode ser muito mais leve e animado com a utilização dos jogos aqui apresentados. Todos os jogos são fortes aliados dos professores no processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criança aprende a brincar desde cedo e é através das brincadeiras que ela irá se desenvolver e aprender valores, passam a ser mais crítica, compreende as diferenças e trabalha suas habilidades. O brincar faz parte da infância e é uma das linguagens da criança. Por isso, o lúdico é uma ferramenta benéfica e potente no processo de ensino e aprendizagem das crianças.

Este estudo pode concluir que por meio da ludicidade as crianças podem ser estimuladas, se tornam mais participativas, criativas, motivadas, autônomas e protagonistas. Quando o lúdico é incluído na rotina escolar da criança, contribui para melhorar a linguagem, a oralidade e o vocabulário. O processo de alfabetização se torna mais alegre e prazeroso quando tem a presença da ludicidade, pois por meio do brincar, jogar e cantar, as crianças aprendem com prazer e se comunicam mais e melhor.

Portanto, através da utilização de jogos e brincadeiras direcionadas, as crianças aprendem a reconhecer as letras e os números e conseqüentemente,

acabam aprendendo a escrever, a ler, contar e iniciar os cálculos brincando. Por intermédio dessas atividades as crianças passama interagir de forma dinâmica e conseguem compreender, socializar e se expressar melhor.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fernando Donizete. SOMMERHALDER, Aline. **O brincar a linguagem da infância, língua infantil.** Motriz, Rio Claro, v. 12 n. 2 p. 125-132, mai/ ago. 2006.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental.

Referencial curricular nacional para educação infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BIASI, Mari de. **Ludicidade na educação infantil e séries iniciais: brincando e aprendendo.** Santa Catarina: Clube dos Autores, 2018.

JESUS, Ana Cristina Alves de. **Como aplicar jogos e brincadeiras na Educação Infantil.** Rio de Janeiro: Brasport, 2010.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil.** São Paulo: Pioneira, 1994.

MORTATTI, Marcia Rosário Longo. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** Brasília: MEC, 2006.

SANTOS, Rosangela Isabel Teixeira Coelho dos. **Educação Sonora e Musicalização na Aprendizagem Infantil.** Campos do Jordão: Finom, 2009.

SILVA, Rafaela Quirino da., SILVA, Edivânia Soares. **O brincar para o desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil.** Alagoas, 2007.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** 7, ed. São Paulo: Martins Forte EditoraLTDA,20

GALERIA DOS AUTORES E ORGANIZADORES

“A escrita, enquanto expansão das vozes, ecoa em palavras o chão da escola, da sala de aula. É significado de resistência e vivências, na luta por um mundo mais igualitário e oportunizante”.

Jorge Adrihan

• ORGANIZADORES



Jorge Adrihan N. Moraes

Doutor e Mestre em Educação (Universidad Columbia). Mestre em Letras (PUC – Rio). Especialista em Docência no Ensino Superior, Língua Portuguesa e Direitos Humanos. Graduado em Letras (Português/Espanhol), Pedagogia e Teologia. Diretor Executivo do Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional. Docente, como servidor público, na rede Municipal de Saquarema. No Ensino Superior, é Professor Adjunto na Universidade de Vassouras, Campus Saquarema/RJ, professor convidado e orientador de pesquisas de Mestrado e Doutorado no Programa Mercosul de Pós-graduação (Instituto Interamericano/Universidad Columbia-PY). Escritor, com livros, capítulos e artigos publicados. E-mail: jorgeadrihan@hotmail.com



Luciene Suzart Santos

Mestra e doutoranda em Educação pela Universidad Columbia del Paraguay. Graduada em Pedagogia pela Uninove (Universidade Nove de Julho). Pós-graduado em Psicopedagogia Clínica e Hospitalar -UNINOVE (Universidade Nove de Julho). Supervisão Escolar e Africanidades - FALC (Faculdade aldeia de Carapicuíba). Licenciatura em História e Artes. Coordenadora Pedagógica no Município de Caieiras-SP. Escritora, com capítulos e artigos publicados em livros.

E-mail: lusantossuzarte@gmail.com



Maria José S. Trindade

Mestra e doutoranda em Ciências da Educação pela Universidad Columbia Del Paraguay. Graduação em Pedagogia pela Unopar (Universidade Norte do Paraná). Pós-graduação em Psicopedagogia UNINOVE (Universidade Nove de Julho). Gestão Escolar, Educação Especial Inclusiva, Arte, Educação e Terapia, Alfabetização e Letramento, Psicomotricidade - FACON (Faculdade de Conchas). Educação Especial com ênfase em Deficiência Mental.

Professora de Educação Básica no Município de Caieiras - SP. ID Lattes: 4931597057233264 CV: <http://lattes.cnpq.br/4931597057233264>

E-mail: mariajose.trindade@yahoo.com.br

• AUTORES

Andrea Ribeiro Machado



Andrea Ribeiro Machado - Pedagoga pela Universidade Nove de Julho - Especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade Paraná pela Faculdade Paraná - Alfabetização e Letramento pela Faculdade Paraná pela Faculdade Paraná- Contadores de Histórias e Mediadores da Leitura pela Faculdade Paraná - Psicomotricidade pela Faculdade Paraná - Educação Inclusiva pela Faculdade Paraná - Alfabetização e Letramento pela Faculdade Interativa de São Paulo.

Ailza Souza Ramos Bueno



Graduada em Pedagogia pela Fundação Hermínio Ometto/Uniararas. Pós graduada em Alfabetização e Letramento, na área da Educação (Faculdade Itaquá). Pós graduada em Análise do Comportamento Aplicada ao Autismo - ABA (Faculdade Paraná - FAP). Professora de Ensino Fundamental (Anos Iniciais) no município de Caieiras - SP. Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de São Paulo - Capital. E-mail: ailzasouzabueno@gmail.com



Aline dos Santos Silva

Professora Licenciada em Pedagogia pela UNICID (Universidade de São Paulo) e Educação Física pela FAETI (Faculdade de Educação e Tecnologia Iracema). Pós-graduada em Psicopedagogia pela FALC (Faculdade da Aldeia de Carapicuíba). Pós-graduada em Alfabetização e Letramento, Docência do ensino superior, Ambientes virtuais de aprendizagem e Alfabetização e letramento em matemática pela FACONNECT (Faculdade Conectada). Há 8 anos atuando na área da Educação, com experiência no cargo de Coordenadora Pedagógica pelo município de

Caieiras – SP. E-mail: aline_aln-santos@hotmail.com



Camila Pereira Velame Lima

Professora na Rede Municipal de Ensino de Caieiras. Graduada em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Pós-graduada em Alfabetização e Letramento pela Universidade Anhembi Morumbi e Educação Especial Inclusiva pela Faculdade Intervale.



Durvalina Ferreira Santos

Professora na Rede Municipal de Caieiras. Graduada em Pedagogia pela Faculdade Flamingo e Pós-graduada em Educação Inclusiva com ênfase em Deficiência Intelectual e Deficiência no Espectro Autista, Neuro-Psicopedagogia, Educação Infantil e Alfabetização e Letramento pela Faculdade Paraná - FAP. E-mail: linafdsantos@gmail.com



Elaine Melochero Torres

Graduada em Artes Visuais e Pedagogia pela UNIMES (Universidade Metropolitana de Santos). Graduada em Música e Teatro pela FAMOSP (Faculdade Mozarteum de São Paulo). Pós – Graduada em Arte e Musicalidade, Pós Graduada em Arte Educação e Terapia, Pós Graduada em Arte na Educação: Dança, Música e Teatro pela FACCONNECT (Faculdade de Conchas). Professora de Arte no Município de Caieiras SP. E-mail: elaine.torres85@gmail.com



Elaine Priscila Antunes

Graduada em Letras- Português/ Inglês; pela Ung Universidade de Guarulhos. Graduada em Artes Plásticas pela Unimes- Universidade de Guarulhos. Professora de Educação Básica no Município de Caieiras-SP. E-mail: pris.antunes2014@hotmail.com



Giliane Cassiano de Lima

Graduação em Artes Visuais, pela Faculdade Uniradial, pós graduada em Africanidades, Arte terapia, Avaliação da Aprendizagem e Gestão Educacional pela faculdade FACCONNECT (Faculdade de Conchas). Especializações em Musicoterapia, Arte e Sustentabilidade, Didática do Ensino de Arte na Educação. Professora no Município de Caieiras e no Governo do Estado de São Paulo.



Hermínia Rita de Lima

Graduada em Serviço Social pela (Faculdade Paulista de Serviço Social), graduada em Sociologia pelo (Instituto Dottori de Ensino Superior – Faculdade Dottori), graduada em Pedagogia pela (Faculdade de Educação Paulista). Pós graduada em Alfabetização e Letramento pela (Faculdade Metropolitana). Professora de Educação Infantil no Município de Caieiras. E- mail: ritaelima@hotmail.com



Fabiana Suzi Ferreira da Silva

Graduada em Pedagogia pela UNINOVE (Universidade Nove de Julho). Graduada em Educação Artística com Habilitação em Artes Cênicas pela FAMOSP (Faculdade Mozarteum de São Paulo). Pós-Graduada em Psicopedagogia Institucional pela UNICID (Universidade Cidade de São Paulo). Pós-Graduada Arte de Contar História pela FACON (Faculdade de Conchas). Pós-Graduada em Libras pela FALC (Faculdade de Aldeia de Carapicuíba). Pós-Graduada Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica em FAP (Faculdade Paraná). Pós-Graduada Educação Especial Inclusiva em FAP (Faculdade Paraná). Professora de Educação Básica no Município de Caieiras-SP. E-mail- fabianastarsuzi@hotmail.com



Léia Araujo Santos

Pedagogia pela UNG (Universidade de GUARULHOS). Pós Graduada em Educação de Jovens e Adulto. Graduada em Matemática- Faculdade campo elísio (unicv). Pós - Graduada em psicopedagogia institucional (Faconnet), Pós Graduada alfabetização e letramento (Faculdade de conchas). Pós Graduada em Gestão escolar pela FACON. Professora de Ensino Fundamental I, Município de Caieiras SP. E-mail: liagnj@gmail.com



Leiliane da Silva Serafim Marques

Professora licenciada em Pedagogia pela UNIABC (UNIVERSIDADE DO GRANDE ABC), pós-graduada em Docência do Ensino Superior e Arte de Contar Histórias pela FACONNECT e FACON e atualmente cursando Psicanálise. Há 17 anos na educação com experiência em Docência, Coordenação Escolar Orientação Pedagógica.



Maria Telina de Paulo Sarmento

Graduação em Pedagogia (universidade de Santo Amaro, Ciências Biológicas (Universidade Metropolitana de Santos) e Artes Visuais (Universidade Metropolitana de Santos). Especialização em Educação do Campo e Desenvolvimento (Universidade de Brasília), Pós-graduada EM Alfabetização e Letramento, Pós-graduada em Musicalização e Contação de História Arete Educação (Faculdade Conchas). Professora de Artes do Município de Caieira e do Município de Franco da Rocha: E-mail: telinajulia@gmail.com



Regiane Santos da Silva

Graduada em Pedagogia pela FALC (Faculdade da Aldeia de Carapicuíba). Graduada em geografia pela IBRA educacional. Pós - Graduada em direitos humanos e lutas sociais pela UNIFESP (Universidade Federal de São Paulo). Pós Graduada em Tecnologias da educação pela Uniminas. Mestranda em Tecnologias da Educação pela Funiber (Fundação Universitária Ibero-americana).



Vanessa Augusta da Silva

Pedagoga pela Universidade Globo - Pós graduada em Educação Especial e Educação Inclusiva pelo Centro Educacional Uninter - Pós graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Campos Elísios – Pós graduada em Alfabetização e Letramento pela Faculdade Paraná – Pós graduada em Contadores de Histórias e Mediadores da Leitura pela Faculdade Paraná – Pós graduada em Psicomotricidade pela Faculdade Paraná – Pós graduada em Ludicidade Aplicada à Educação pela Faculdade Iguazu.



Natânia Souza Pereira

Professora na Rede Municipal de Caieiras e professora eventual E.E.M.T.M (Escola Estadual Dr. Mario Toledo de Moraes),Graduada em Pedagogia e Pós-graduada em Psicopedagogia e Alfabetização e letramento pela Faculdade Descomplica. E-mail: nataniasouza12@gmail.com



Simone Eblack Souza

Professora na Rede municipal de Ensino de Caieiras, Graduada em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho- UNINOVE, pós graduada em Psicopedagogia clínica e institucional pela Faculdade Campo Limpo Paulista- FACCAMP, Metodologia do Ensino de Matemática e Gestão Escolar pela Faculdade Metropolitana- FAMEESP. Atualmente cursando Letras- Língua Portuguesa e Inglês pela faculdade Cruzeiro do Sul- UNICSUL. E-MAIL: simoneebblack@gmail.com



Rosemeire Costa Lisboa da Silva

Professora de Arte na Rede Municipal de Ensino de Caieiras. Graduada em Pedagogia e Formação Específica em Comunicação Assistida; Licenciatura em Arte; Especialização em Alfabetização e Letramento; Especialização em Arte e Educação; Especialização em Terapia e Arte na Educação: Dança, Música e Teatro e em jogos Teatrais; Especialização em Musicoterapia.

“Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executou, é a senha pela qual eu acesso o mundo”.

Conceição Evaristo



“POR UMA EDUCAÇÃO HUMANÍSTICA E PLANETÁRIA”

Instituto de Desenvolvimento Humano e Profissional

E-mail: idehp@hotmail.com

Site: www.institutoidehp.com